

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

JAYDER OLIVEIRA DOS SANTOS

“O SIM QUE ME MOVE”:
as recomposições do catolicismo e a Comunidade Sim de Maria

Imperatriz

2024

JAYDER OLIVEIRA DOS SANTOS

“O SIM QUE ME MOVE”:

as recomposições do catolicismo e a Comunidade Sim de Maria

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM).

Linha de Pesquisa 2 – Instituições, construção e reprodução social das diferenças: educação, poder, sociabilidades, ações coletivas e representações sociais.

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

Imperatriz – MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Jayder Oliveira dos.

O SIM QUE ME MOVE : as recomposições do catolicismo e a Comunidade Sim de Maria / Jayder Oliveira dos Santos. - 2024.

144 f.

Orientador(a): Wheriston Silva Neris.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Ma, 2024.

1. Catolicismo. 2. Renovação Carismática. 3. Novas Comunidades. 4. Carisma. I. Neris, Wheriston Silva. II. Título.

JAYDER OLIVEIRA DOS SANTOS

“O SIM QUE ME MOVE”:

as recomposições do catolicismo e a Comunidade Sim de Maria

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM).

Linha de Pesquisa 2 – Instituições, construção e reprodução social das diferenças: educação, poder, sociabilidades, ações coletivas e representações sociais.

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris (PPGS-CCIM)
Orientador

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras (PPGS-CCIM)
Membro Interno

Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva (PPGS-UECE)
Membro Externo

Dedico esta dissertação aos meus pais pelo incentivo e apoio aos estudos e dedico também aos pesquisadores das ciências sociais, especialmente da sociologia da religião.

AGRADECIMENTOS

Durante o percurso acadêmico do mestrado, para além do conhecimento adquirido por meio dos estudos e pesquisa, um ganho maior ainda foram as relações estabelecidas e fortalecidas no âmbito da universidade e dos colegas e amigos que colaboraram não apenas com este trabalho, mas sobretudo, com meu crescimento humano e acadêmico.

Em primeiro lugar, como sempre faz um piedoso sacerdote, expresso minha profunda e reverente gratidão a Deus pelas maravilhas realizadas em meu favor e cuja providência pude experimentar em cada momento dessa trajetória.

Agradeço aos meus pais, José Raimundo Campelo dos Santos e Neusi Oliveira dos Santos, e aos meus irmãos Jairo Oliveira dos Santos e Jailson Oliveira dos Santos, pela base que me ofereceram aos meus estudos e pelo contínuo apoio para que eu siga estudando, e ao meu sobrinho Guilherme Silva Oliveira, a quem sempre incentivo aos estudos. Agradeço ainda aos amigos que compartilharam, acreditaram, incentivaram, colaboraram e apoiaram essa jornada, especialmente Wyldina Oliveira dos Santos e Wyldiany Oliveira dos Santos, contemporâneas do mestrado e com as quais dividi de perto os desafios e as conquistas.

Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. Wheriston Silva Neris, pelo incentivo, desde quando fui aluno especial do Programa, pelo apoio e direcionamentos, e também ao Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras pelas contribuições que enriqueceram este trabalho e ao Prof. Dr. Emanuel Freitas da Silva pela acessibilidade e partilha quanto ao seu trabalho no campo das Novas Comunidades, incentivando-me e indicando caminhos para o avanço da pesquisa.

Sem dúvidas, a pesquisa tornou-se possível pela abertura e colaboração da Comunidade *Sim de Maria*, a quem manifesto também minha gratidão, na pessoa de sua fundadora, a Sra. Márcia Sepúlveda, que sempre foi acessível e disponível para colaborar com este trabalho.

Minha gratidão se estende ainda a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMA de Imperatriz pela significativa contribuição no saber sociológico e no incentivo à pesquisa e aos colegas pela frutuosa troca de experiências a partir do campo de pesquisa de cada um, bem como à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) pelo financiamento da bolsa nos últimos dez meses da conclusão do Programa, possibilitando aquisição de materiais e participações em eventos.

RESUMO

Em tempos hodiernos, é crescente a presença das chamadas *Novas Comunidades* ou *Comunidades de Vida e de Aliança* no seio do catolicismo. Elas são associações de católicos que se unem e visam um ideal comum de vida expresso e definido originalmente pelo seu fundador(a) – ou fundadores – o qual detém um carisma religioso e pessoal manifesto como elemento atrativo e unitivo dos membros. Neste trabalho, pretendemos analisar os condicionantes sociais do surgimento e institucionalização da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria*, tomando-a como um laboratório de observação sobre as dinâmicas do catolicismo na contemporaneidade. Em vista disso, a estratégia metodológica integrará elementos qualitativos e quantitativos, procedendo com pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, realização de entrevistas semiestruturadas com a fundadora, cofundadores, membros de vida e alguns membros de aliança, bem como com membros dissidentes, e ainda entrevistas não estruturadas com membros da RCC, observação participante de eventos da Comunidade, apresentação e análise de dados censitários. As principais bases teóricas são Max Weber (1982, 1991), Pierre Bourdieu (1983, 1989, 1996, 1998, 2007, 2021), Peter Berger (1971, 2000, 2017) com Thomas Luckmann (2004) e nas diversas pesquisas realizadas por Eliane Oliveira (2004, 2008), Brenda Carranza (2009), Cecília Mariz (2009), Júlia Miranda (1999; 2010), Flávio Sofiati e Alberto Moreira (2009, 2018), Carlos Steil (2004, 2009, 2010, 2013) e Emanuel Freitas da Silva (2019, 2020, 2023). A pesquisa estrutura-se em três capítulos. No primeiro, trataremos sobre as recomposições contemporâneas do catolicismo em contexto de declínio e crise. No segundo capítulo, abordaremos acerca da pentecostalização católica, considerando bases, movimentos e novas formas institucionais em Imperatriz. No terceiro e último capítulo, apresentaremos os processos da fundação e institucionalização da Comunidade *Sim de Maria* e as questões em torno do carisma, disciplina religiosa e modos de seleção.

Palavras-chaves: Catolicismo. Renovação Carismática. Novas Comunidades. Carisma.

ABSTRACT

In modern times, there is a growing presence of so-called New Communities or Communities of Life and Covenant within Catholicism. They are associations of Catholics who come together and aim for a common ideal of life expressed and originally defined by their founder(s) who has a religious and personal charisma manifested as an attractive and unitive element for the members. In this work, we intend to analyse the social conditioning factors behind the emergence and institutionalization of the Sim de Maria Community of Life and Covenant, taking it as a laboratory for observing the dynamics of Catholicism in contemporary times. In view of this, the methodological strategy will integrate qualitative and quantitative elements, proceeding with bibliographical research, documentary research, semi-structured interviews with the founder, co-founders, life members and some covenant members, as well as with dissident members, and also unstructured interviews with members of the RCC, participant observation of Community events, presentation and analysis of census data. The main theoretical bases are Max Weber (1982, 1991), Pierre Bourdieu (1983, 1989, 1996, 1998, 2007, 2021), Peter Berger (1971, 2000, 2017) with Thomas Luckmann (2004) and the various research studies carried out by Eliane Oliveira (2004, 2008), Brenda Carranza (2009), Cecília Mariz (2009), Júlia Miranda (1999; 2010), Flávio Sofiati and Alberto Moreira (2009, 2018), Carlos Steil (2004, 2009, 2010, 2013) and Emanuel Freitas da Silva (2019, 2020, 2023). The research is structured in three chapters. The first deals with the contemporary recompositions of Catholicism in a context of decline and crisis. In the second chapter, we will talk about Catholic Pentecostalization, considering its bases, movements and new institutional forms in Imperatriz. In the third and final chapter, we will present the processes of the foundation and institutionalization of the Sim de Maria Community and the issues surrounding charisma, religious discipline and modes of selection.

Keywords: Catholicism. Charismatic Renewal. New Communities. Charism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Foto publicada em 25/03/2023 na rede social Facebook, perfil “Oliveira Clelbiane”	43
Imagem 2: Participantes do RENASEM 2024, em Teresina/PI	60
Imagem 3: Márcia Sepúlveda em discurso à Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil	71
Imagem 4: Alguns eventos da Comunidade Sim de Maria	72
Imagem 5: Primeira visita ao campo para a pesquisa em 28 de fevereiro de 2023.....	75
Imagem 6: Acampanhamento Maanaim 2023.....	76
Imagem 7: Comemoração dos 22 anos de fundação da Comunidade Sim de Maria	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População residente dos Estados da Região Nordeste em 2022.....	54
Tabela 2: Novas Comunidades na Diocese de Imperatriz em 2024.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados da chegada da RCC nos Estados do Nordeste	58
Quadro 2: Membros na fundação da comunidade em 2001.....	99
Quadro 3: Membros na 1ª missa de Consagração em 2003	106

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Regional Nordeste 5 da CNBB (Maranhão).....	40
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
 CAPÍTULO 1: AS RECOMPOSIÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO CATOLICISMO EM CONTEXTO DE DECLÍNIO E CRISE	23
1.1 Perda de hegemonia e intensificação das disputas	25
1.2 Crise de recrutamento de religiosos e diversificação interna	32
1.3 Alguns condicionantes da fundação da Comunidade de Vida e de Aliança <i>Sim de Maria</i>	39
 CAPÍTULO 2: A PENTECOSTALIZAÇÃO CATÓLICA: Bases, movimentos e novas formas institucionais em Imperatriz	46
2.1 Novo papel dos leigos desde o Concílio Vaticano II: Caminhos da RCC entre movimentos eclesiais e novos movimentos religiosos	46
2.2 Reconstituindo a história da RCC no Nordeste e Maranhão	52
2.3 A pentecostalização católica e a diversificação das associações de leigos em Imperatriz	63
2.4 De dentro e de fora: a construção processual do objeto de pesquisa.....	69
 CAPÍTULO 3: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA COMUNIDADE “SIM DE MARIA”: Fundação, carisma, disciplina religiosa, modos de seleção.....	83
3.1 Notas sobre carisma e gênese organizacional	83
3.2 “Daqui nunca mais eu saio”: a fundadora, a visão da casa e o surgimento da obra	87
3.3 “Arrebenta com ela”: queda e ascensão de membros na cofundação	102
3.4 “Cooperadores na restauração da dignidade dos filhos de Deus”: o carisma e a comunidade.....	111
3.5 “O sim que me move: é o sim de Maria! O sim de Maria: é o sim que me move!”: a iniciação de novos membros	120
3.5.1 Organização interna e modalidades de recrutamento	122
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
APÊNDICES	142

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é analisar os condicionantes sociais do surgimento e institucionalização da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria*, localizada no território da Diocese de Imperatriz/MA e com sede no município de Davinópolis/MA. Trata-se, aqui, de uma daquelas *Novas Comunidades* ou *Comunidades de Vida e de Aliança* criadas no seio do catolicismo e que emergem após a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II¹ (1962-1965), o qual reconheceu as associações de fiéis (leigos e clérigos) e estabeleceu diretrizes para sua existência dentro da Igreja Católica, dando abertura, legitimidade e autonomia a essas associações numa nova configuração de organização institucional.

As principais bases teóricas do trabalho estão baseadas nos trabalhos de Max Weber (1982, 1991), Pierre Bourdieu (1983, 1989, 1996, 1998, 2007, 2021), Peter Berger (1971, 2000, 2017) com Thomas Luckmann (2004) e nas diversas pesquisas realizadas por Eliane Oliveira (2004; 2008), Brenda Carranza (2009), Cecília Mariz (2009), Júlia Miranda (1999; 2010), Flávio Sofiati e Alberto Moreira (2009; 2018), Carlos Steil (2004, 2009, 2010, 2013) e Emanuel Freitas da Silva (2019; 2020; 2023). Metodologicamente a pesquisa se baseou na realização de observação direta, entrevistas semiestruturadas, pesquisa em documento institucional, a saber, Constituições e Decretos da Igreja Católica promulgados pelo Concílio Vaticano II, Código de Direito Canônico, em sites e arquivo da Cúria Diocesana da Diocese de Imperatriz, em base de dados do IBGE, Datafolha, Relatório Estatístico Anual Diocesano de 2022, Anuário Pontifício 2023 e Anuário Estatístico da Igreja 2021. Fundamentalmente, tentamos tomar essa Nova Comunidade como um laboratório de observação sobre as dinâmicas do catolicismo na contemporaneidade.

¹ Concílio Ecumênico, no catolicismo, é a solene assembleia dos bispos do mundo inteiro, ou de quase todos, reunida em comunhão com o Papa, Bispo de Roma e Sucessor de Pedro, a fim de esclarecer questões dogmáticas e/ou disciplinares (fé e/ou costumes) e propor dinamismo pastoral e missionário inerentes à Igreja. No Concílio, pode haver outros membros da hierarquia católica, leigos e observadores membros de outras Igrejas cristãs, e em razão de suas deliberações concernir às igrejas cristãs católicas espalhadas por todo o mundo (Avelar, 2019, p. 48). A palavra ecumênica é usada como sinônimo de universal, devido a abrangência do concílio, pois há concílios particulares chamados de plenários, quando concerne às dioceses da mesma Conferência de Bispos, ou provincial, quando se refere às dioceses da mesma província eclesiástica (Código de Direito Canônico, cân. 439-446).

As Novas Comunidades no Direito Canônico

Em tempos hodiernos, é crescente a presença das chamadas *Novas Comunidades* ou *Comunidades de Vida e de Aliança* no seio do catolicismo. Esta realidade emerge após a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II que reconheceu as associações de fiéis (leigos e clérigos) e estabeleceu diretrizes para sua existência dentro da Igreja Católica, dando abertura, legitimidade e autonomia a essas associações numa nova configuração de organização institucional.

De acordo com Miranda (2010, p. 121), a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, de 1964, do Concílio Vaticano II, tornou-se a referência para os católicos sobre o tema do apostolado leigo, o qual passou a ser visto pela cúpula eclesial não apenas como participação ou colaboração do apostolado hierárquico, como ocorria desde o pontificado de Pio XI (1922-1939). Essa mudança de compreensão decorre da valorização do sacerdócio comum de todos os fiéis pelo batismo, e não simplesmente a consideração do sacerdócio ministerial da hierarquia (*Lumen Gentium*, n. 9-11), resultando em nova maneira de compreender o laicato e sua atuação na Igreja e no mundo moderno.

O documento do Concílio de maior efeito em relação ao laicato foi o Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o apostolado dos leigos (1965), o qual ampara e orienta a atividade dos leigos já fundamentada na *Lumen Gentium*, expressa a compreensão dos leigos na vida da Igreja e, com isso, a própria compreensão eclesiológica, superando a noção de Igreja restrita à hierarquia, centrada na figura do sacerdote, estabelecendo a compreensão de Igreja como povo Deus pelo batismo, com direitos e deveres, como se observa:

Os apóstolos e seus sucessores receberam de Cristo o ofício de ensinar, santificar e governar, em seu nome e com seu poder. Ora, os leigos efetivamente participam do ofício sacerdotal, profético e real de Cristo, e têm na missão de todo o povo de Deus suas próprias incumbências, na Igreja e no mundo. Com efeito, eles exercem o apostolado trabalhando para a evangelização e santificação dos homens, e animando e aperfeiçoando com espírito evangélico as realidades do mundo. Assim, com suas atividades na ordem temporal, dão claro testemunho de Cristo e cooperam para a salvação dos homens (*Apostolicam Actuositatem*, n. 2).

Percebe-se, nesse excerto, uma abordagem distinta em relação à que vigorava no Código de Direito Canônico de 1917 (cân. 682)², o chamado Código Pio-Benedictino, em que os leigos tinham por direito receber do clero, conforme a norma da disciplina eclesiástica, os bens

² Cân. 682 “Laici ius habent recipiendi a clero, ad normam ecclesiasticae disciplinae, spiritualia bona et potissimum media ad salutem necessaria” (*Codex Iuris Canonici*, MDCCCCXIV).

espirituais e especialmente os meios necessários à salvação, de maneira que na Igreja os leigos eram considerados agentes passivos dos serviços eclesiais dispensados pelos clérigos.

O Concílio, portanto, faz progredir a compreensão e atuação dos leigos na Igreja e supera aquela concepção passiva do laicato. Nessa perspectiva, o Documento 105 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ao tratar do tema *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade* (2016), refere-se aos cristãos leigos como “portadores da graça batismal, participantes do sacerdócio comum, fundado no único sacerdócio de Cristo” (n. 110) e “ministros de coordenação e líderes nas dioceses, paróquias, comunidades, pastorais e movimentos” (n. 59), sendo, portanto, os fiéis leigos e leigas verdadeiros sujeitos eclesiais.

A primeira vez que as Novas Comunidades foram abordadas oficialmente pela hierarquia católica foi em 1996, quando publicada a Exortação Apostólica *Vita Consecrata* do Papa João Paulo II (Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil, 2008). Nesse documento, discorre-se sobre as novas formas de vida evangélica, como as *novas fundações*, distinguindo-as daquelas ordens e congregações de vida consagrada tradicional. Essas novas fundações foram chamadas de novas comunidades, pois não se enquadravam no que a Igreja Católica chama de vida consagrada.

De maneira geral, as Novas Comunidades são associações de fiéis católicos adeptos do movimento de Renovação Carismática que reúnem casais casados e seus filhos, jovens e adultos, solteiros e solteiras celibatários ou não, sacerdotes, diáconos e seminaristas, que se unem, por meio de uma consagração de vida, e visam um ideal comum de vida expresso e definido originalmente pelo seu fundador(a) o qual detém um carisma religioso e pessoal manifesto como elemento atrativo e unitivo dos membros (Oliveira, 2004; Silva, 2023)

No âmbito teológico, em linhas gerais, compreende-se carisma como um dom extraordinário atribuído por Deus e concedido a uma determinada pessoa ou grupo para a edificação dos fiéis (Koch, 1967, p. 165), de modo que, por meio do carisma recebido, pode expressar-se uma mensagem ou despertar um sentimento propulsor de iniciativa de formação de comunidade, exigindo fidelidade dos membros à inspiração dos fundadores e fundadoras.

Nesta pesquisa, não abordaremos carisma pelo enfoque teológico, mas sociológico, na perspectiva do que Weber tratou acerca do carisma como dominação. Nesse sentido, carisma refere-se a “uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’” (Weber, 1991, p. 158-159). São dons considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos (Weber, 1982, p. 283), e que não apenas perpassam pelo líder carismático

para serem postos à disposição de outrem, mas estão intrinsecamente personificados nele próprio, de maneira que o carisma, conforme Silva (2019, p. 137), “atua como princípio de legitimação para determinadas relações sociais, sobretudo religiosas e políticas e engendram, também, estruturas de dominação que servem à manutenção de tais relações.”³

As Novas Comunidades, após um processo de crescimento e consolidação, solicitam à autoridade competente local da Igreja Católica – no caso, o Bispo diocesano responsável *de iure* pelo governo pastoral e administrativo de um determinado território chamado diocese, bispado ou Igreja particular – o seu reconhecimento e sua ligação formal com a Igreja Católica por meio de um processo jurídico-canônico próprio do direito eclesiástico, conforme estabelece o Código de Direito Canônico de 1983, em vigor, Livro II – Do povo de Deus, III Parte – Dos institutos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica.

Esse processo, chamado de reconhecimento diocesano, implica no reconhecimento dos estatutos da nova comunidade, atestando sua autenticidade cristã-eclesial, a qual deve responder ao Bispo diocesano. Na medida em que a nova comunidade cresce e se expande, ela poderá solicitar o mesmo processo de reconhecimento, porém em nível pontifício, de maneira que seja reconhecida pela Santa Sé, passando a responder ao Papa, daí esse processo é chamado reconhecimento pontifício, que confere à nova comunidade um *status* superior, especialmente pelo prestígio no reconhecimento obtido e por responder doravante à Santa Sé, não mais ao Bispo local, e, por isso, o alargamento das ações da nova comunidade em outros países e continentes.

Dessa maneira, a autoridade eclesiástica, por meio dos dispositivos canônicos, a partir de um processo formal, pode reconhecer, formalizar e legalizar a Nova Comunidade em torno de seu carisma, concluindo a sua fase de rotinização e dispondo-o em uma disciplina racional (Weber, 1982, p. 292). Assim, vemos que as Novas Comunidades buscam integrar-se à institucionalização da Igreja Católica, assimilando e assumindo os liames doutrinários e dogmáticos em sua formação, malgrado gozem de autonomia de governo interno, e, por isso mesmo, não estão sujeitas à tutela de paróquia ou até mesmo de diocese, caso esse processo de reconhecimento seja de direito pontifício. Esse reconhecimento, porém, “opera como uma condição *sine qua non* para a existência de laços comunitários/associativos que se creem fundados a partir de uma ‘revelação carismática’” (Silva, 2023, p. 46).

³ Um estudo feito por Silva (2019) apresenta o conceito de carisma em Max Weber e como o conceito foi apropriado como ferramenta teórico-metodológica por teóricos da Sociologia e da Antropologia contemporâneas para indicar como ele mesmo o fez em seu estudo acerca das “Comunidades da Renovação Carismática Católica”.

Desafios, percalços e escolhas metodológicas da pesquisa

As referências bibliográficas a respeito da Comunidade *Sim de Maria* são inexistentes, haja vista por ela ser relativamente recente, com 22 anos de fundação, e não ter sido objeto de estudo acadêmico. A comunidade surge a partir da vivência de grupo de oração da Renovação Carismática por parte de um grupo de jovens, tendo a jovem Márcia Sepúlveda destaque no grupo, com exercício de distinta liderança entre os outros membros, sendo marcante a participação de Márcia no acampamento *Maanaim* em 1998, em Anápolis/GO, com a Comunidade Nova Aliança, além de outros contatos que lhe possibilitaram vislumbrar o que ela buscava realizar.

Atualmente a sede da Comunidade *Sim de Maria* está localizada em uma chácara, no município de Davinópolis/MA, vizinho de Imperatriz/MA. Davinópolis surgiu na década de 1980, a partir do bairro Vila Davi pertencente à Imperatriz e, com o aumento da população, foi emancipada em 1994; seu território limita-se ao Norte com o município de Senador La Rocque, à Leste com o município de Buritirana, à Oeste com o município de Imperatriz e ao Sul com o município de Governador Edson Lobão, possuindo uma área territorial de 332.249Km² e 14.404 habitantes, conforme o censo 2022 do IBGE, o que representa um aumento de 14,51% em comparação ao censo de 2010.

Constatamos na pesquisa dos arquivos da Cúria Diocesana que não há documentos referentes à Comunidade e que também não há um Arquivo da comunidade sistematizado, reunindo os documentos escritos como atas, livro tombo, sendo a própria fundadora e os cofundadores as primeiras fontes acessadas em vista de conhecer a história e trajetória, bem como o carisma e a constituição da Comunidade, a partir da história oral e construção de memória dos membros da Comunidade e dissidentes.

A pesquisa sociológica acerca da influência que uma Comunidade de Vida exerce sobre seus membros torna-se relevante, pois trata-se de uma comunidade específica ou grupo inserido em uma instituição social, que, nesse caso, é a Igreja Católica no âmbito da Diocese. Além disso, a situação de disputas no campo católico aparece na trajetória da Comunidade *Sim de Maria* desde a sua separação da Renovação Carismática Católica (RCC) para se constituir Nova Comunidade, com tensões entre as lideranças dos dois grupos e estratégias para se manter no espaço religioso, envolvendo elementos de poder e dominação, aos quais o conceito de campo de Bourdieu (1989) contribuirá para embasar a análise das relações sociais na trajetória da Comunidade.

Na dimensão da pertença e vivência comunitária, despontam as relações de formação, identidade e poder, conforme o pensamento de Berger e Luckmann (2004), para os quais a formação e conservação das identidades são condicionadas por processos sociais determinados pelas estruturas sociais, de modo que todo grupo apresenta uma identidade que está em conformidade com a sua definição social que, por sua vez, situa-o no conjunto social. Em relação a isso, o espaço da Nova Comunidade produz elementos de influência direta na vida dos seus membros e, conseqüentemente, nessa relação com o catolicismo. Assim, este estudo busca entender como os membros dessas comunidades assimilam e assumem a formação e o propósito de integrá-la em sua vida.

Diante disso, essa pesquisa visa contribuir com o estudo acerca das relações e influências da Comunidade *Sim de Maria* no interior do catolicismo, como sendo uma realidade local, atravessada por aspectos de recomposição contemporânea da Igreja Católica ao admitir essa forma de vida institucionalizada, bem como contribuir com a pesquisa científica regional.

Das Novas Comunidades, após um processo de formalização e burocratização, emerge uma Constituição própria, um instrumento jurídico-canônico que contém a inspiração e o carisma do seu fundador e de onde decorrem as regulamentações de suas ações, disciplina e critérios para acolhida, formação e aceitação de novos membros, como também da rejeição de postulantes ou da demissão de membros. No caso da Comunidade *Sim de Maria*, não há Estatutos, Constituições ou Regra de Vida formalizados, porém estão estabelecidas estruturas estruturadas estruturantes, na perspectiva do conceito de *habitus* de Bourdieu (2007), que regulam e organizam o ritmo e a disciplina dos membros da Comunidade e que são condensadas em um plano de ação.

Essas Novas Comunidades possuem determinadas características institucionais das antigas ordens medievais e congregações modernas, mas se configuram de forma diferente, assumindo um estilo mais eclético e híbrido (Campos, 2010) em suas relações institucionais.

A abordagem de nossa pesquisa foi qualitativa e quantitativa. Referente à abordagem qualitativa, procedemos com a pesquisa bibliográfica em torno das discussões sobre a crise e as recomposições do catolicismo no Brasil, reunindo pesquisas no campo da Renovação Carismática Católica e das Novas Comunidades, e com a etnografia, a partir da observação participante de eventos da Comunidade *Sim de Maria*, como acampamento, comemorações de datas importantes, como aniversário da fundação da Comunidade e do natalício da fundadora, e missas na sede da Comunidade, em retiros promovidos pela Comunidade e na consagração de novos membros ou da renovação da consagração dos que já são membros, e de entrevistas

com membros da Comunidade de Vida e de Aliança e dissidentes. Mais adiante será possível encontrar um relato mais detalhado desse processo de construção objetiva da pesquisa.

A observação participante, que para Chauvin e Jounin (2015, p. 125-126) é “um método essencial que dá acesso ao que se esconde, a fim de retrair o encadeamento das ações e das interações, ou ainda para apreender o que não se diz, ou ‘o que é percebido sem ser dito’”, resultou em método relevante para a obtenção de dados acerca do funcionamento da Comunidade e das interações entre seus membros, registrados em diário de campo com apoio de fotografias e gravações, contribuindo com os relatórios após cada visita ou participação em eventos (Barbot, 2015).

Diante da ausência de literatura e informações publicadas acerca da Comunidade *Sim de Maria*, utilizamos a história oral enquanto método, pois trata-se de um “recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento, e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos” (Meihy, 2005, p. 17), por meio de entrevistas semiestruturadas na modalidade face a face com membros e dissidentes da Comunidade, bem como participantes de eventos da Comunidade. A entrevista com a fundadora e os cofundadores foi realizada de forma individual, sendo que, por solicitação deles, os três pudessem acompanhar, o que favoreceu breves e pontuais intervenções para retificação de alguma informação, de modo que a entrevista não foi proposta ao grupo, como ao modo para grupo focal (Gondim, 2003), mas ao indivíduo. Após a entrevista da fundadora, o cofundador, que seguia fazendo alguns apontamentos perguntou se poderia comentar a respeito de algumas respostas da fundadora, retificando ou reforçando algumas falas, elementos que não alteraram substancialmente o que havíamos já coletado. Todos os outros membros foram ouvidos individualmente, sem o acompanhamento de nenhum outro membro.

Usamos ainda entrevistas mediadas não estruturadas com integrantes e ex-integrantes de coordenação da RCC local e regional, com o intuito de recolher informações sobre o movimento, resultando em conversas informais e breves, pois não houve condições de mais informações com essas fontes, devido à ignorância de dados por parte desses agentes sobre a organização da própria RCC.

Acerca das modalidades de entrevistas, a entrevista face a face refere-se àquela em que entrevistador e entrevistado encontram-se um diante do outro e estão sujeitos às influências verbais e não verbais e às influências decorrentes da visualização das reações faciais do interlocutor, enquanto a entrevista mediada atine àquela feita por telefone, por computador e por questionários, sujeitas às mesmas influências verbais e não-verbais, mas de modo

diferenciado, em especial quando não permitem a visualização das reações faciais do interlocutor (Fraser; Gondim, 2004, p. 143).

De acordo com Fraser e Gondim (2004, p. 144-145), as entrevistas semiestruturadas organizam-se a partir de um roteiro preestabelecido em que o pesquisador inclui um pequeno número de perguntas abertas e deixa o entrevistado livre para discorrer sobre as questões, fazendo interferências pontuais com perguntas complementares para melhor compreender o objeto investigado. Referente às entrevistas não estruturadas, elas não possuem um roteiro fixo, diferenciando-se pouco de uma conversa informal, em que o pesquisador apenas indica o tema e o entrevistado tem a liberdade para discorrer sobre o assunto sugerido.

Recorremos também à pesquisa documental nas Constituições e Decretos da Igreja Católica promulgados pelo Concílio Vaticano II, Código de Direito Canônico e outros documentos pontifícios e eclesiásticos acerca das novas associações de fiéis, em sites e nos arquivos diocesanos, sobremaneira da Cúria Diocesana da Diocese de Imperatriz, em base de dados do IBGE, Datafolha, Relatório Estatístico Anual Diocesano de 2022, Anuário Pontifício 2023 e Anuário Estatístico da Igreja 2021.

A pesquisa documental, segundo Júnior et al. (2021, p. 42) “é aquela em que os dados logrados são absolutamente provenientes de documentos, com o propósito de obter informações neles contidos, a fim de compreender um fenômeno”, sendo “um procedimento que utiliza de métodos e técnicas de captação, compreensão e análise de um universo de documentos, com bancos de dados que são considerados heterogêneos.”

Nesse sentido, a pesquisa documental não se confunde com a pesquisa bibliográfica, uma vez que esta concerne às contribuições de diferentes autores sobre o tema, tratando-se de material já analisado, isto é, fontes secundárias, e àquela refere-se aos materiais que ainda não receberam tratamento analítico, correspondendo às fontes primárias (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009).

Com o resultado da pesquisa documental e das entrevistas, foi possível encontrar dados estatísticos produzidos por instituições civis (IBGE e Datafolha) e eclesiásticas (Anuário Estatístico da Igreja e Relatório Estatístico Diocesano) e coletar novos dados, que possibilitaram traçar um perfil de nosso objeto estudado e apresentar resultados quantificáveis, possíveis de correlações com as análises encontradas em outras pesquisas produzidas sobre o assunto.

Sobre a estrutura do trabalho

Pretendemos, por conseguinte, analisar as recomposições contemporâneas do catolicismo em contexto de declínio e crise, considerando o papel dos leigos desde o Concílio Vaticano II vinculado à emergência das Novas Comunidades a partir da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria*. Nesse sentido, como essas recomposições se mostram na Comunidade *Sim de Maria*, qual sua gênese, campo de atuação e protagonismo leigo?

No primeiro capítulo, tratamos acerca das recomposições contemporâneas do catolicismo em contexto de declínio e crise, considerando a perda da hegemonia católica e a intensificação das disputas num âmbito de diversidade e pluralismo religioso, apresentando dados censitários os quais mostram essa situação de maneira estatística. Em vista disso, primeiro, discorremos a respeito da contínua queda do número de católicos à luz dos dados estatísticos e as questões em torno do pluralismo religioso, gerador de processos de disputas entre católicos e evangélicos. Segundo, ressaltamos sobre a crise de recrutamento de religiosos para a assistência dos fiéis e o protagonismo do laicato a partir do Concílio Vaticano II, favorecendo o surgimento de associações fundadas e lideradas por leigos, resultando em diversificação no interior da Igreja. Por fim, apresentamos alguns condicionantes da fundação da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria*, relacionando-a ao processo de recomposições do catolicismo.

O segundo capítulo examina o processo de reconstituição das dinâmicas que levaram à institucionalização da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria*, posicionando-a no bojo de um conjunto de processos interdependentes que se liga às recomposições da própria posição do laicato no seio do catolicismo e, particularmente, nas formas organizacionais mais recentes. Abordamos a alteração da condição do laicato na esteira das modificações implementadas desde o Concílio Vaticano II; exploramos parte da história da criação e difusão da Renovação Carismática no contexto brasileiro e maranhense, concebendo-a como matriz decisiva para o processo de pentecostalização católica em curso, apresentando e descrevendo um quadro das diversas organizações de fiéis criadas recentemente em Imperatriz. Encerramos com uma descrição sobre o processo de construção empírica da pesquisa, destacando alguns dos desafios da dupla condição de padre e pesquisador.

O terceiro e último capítulo apresenta o estudo de caso da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria* como uma mostra da ocorrência de processos no interior do Maranhão, favorecendo melhor apreensão da temática em questão quanto à fundação – percalços e resistências –, ao carisma – origem, aprovação e depuração –, à organização da Comunidade –

estrutura e manutenção – e os procedimentos de seleção e iniciação de novos membros. Discorreremos acerca do carisma, embasados na compreensão sociológica de Weber (1982, 1991) com análises de pesquisadores da área, como Carranza e Mariz (2009), Silva (2019), Sell (2018) e Bach (2011), além de relacionar seu modo de estruturação e organização ao conceito *habitus* de Bourdieu (1983). Abordamos propriamente a Comunidade *Sim de Maria*, sua fundação, percalços e resistências, pretensões e tensões, bem como as questões em torno da eleição da fundadora e analisamos as relações que resultaram no surgimento dos cofundadores da Comunidade. Apresentamos a identidade da Comunidade em torno de seu carisma próprio e, finalmente, a ocorrência da acolhida e acompanhamento de novos membros por meio de um processo de iniciação com tempos específicos e ritos de passagem, bem como elementos de organização interna da própria Comunidade.

CAPÍTULO 1:

AS RECOMPOSIÇÕES CONTEMPORÂNEAS DO CATOLICISMO EM CONTEXTO DE DECLÍNIO E CRISE

A Igreja Católica viveu seu ápice como religião oficial do Brasil desde a chegada dos portugueses, no século XVI, até meados do século XX. Falava-se do Brasil como uma nação católica ou a maior nação católica dos nossos tempos (Azevedo, 2002, p. 31).

A partir do processo de industrialização e urbanização, inicia-se uma transformação no campo religioso. Para Ulrich, Fabrício e Vaz (2019, p. 638), “a migração de muitas pessoas para as cidades, com o processo de industrialização e urbanização, coincidiu com o crescimento do Pentecostalismo, especialmente a partir da década de 1950.” Nesse sentido, o catolicismo que vigorava hegemonicamente encontra um campo de tensão, disputas e pluralismo com as propostas do pentecostalismo, incidindo em recomposições internas na Igreja Católica e no catolicismo.

Os últimos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que a Igreja Católica Apostólica Romana vem perdendo fiéis desde meados do século XX, em proporção bem acima da média de décadas anteriores. Com isso, de acordo com Almeida e Monteiro (2000, p. 328-330), a Igreja Católica passou a perder sua hegemonia e sofreu enorme desgaste, resultando em condições para que a liberdade religiosa viesse a ser uma experiência social de mais amplo espectro e a tolerância com outros credos passasse a ser uma prática socialmente aceita e perpetuada.

Leonel (2010, p. 385) ressalta que na passagem para a segunda metade do século XX, a Igreja Católica buscou promover algumas reformas, desde o pontificado de Pio XII (1939-1958), com alguns esforços de aproximar grupos afastados da Igreja e da fé, maior diálogo com as religiosidades nativas e populares e melhor entendimento com outras religiões.

Com o falecimento de Pio XII, coube ao Papa João XXIII (1958-1963) promover uma ampla reforma na Igreja e operar em seu interior uma atualização – *aggiornamento*, para usar a expressão cunhada e indicativa do propósito da convocação do Concílio – a fim de que a Igreja Católica pudesse refletir sobre si e encontrar meios para dialogar com o mundo moderno e, então, convocou o Concílio Vaticano II (1962-1965), a solene reunião dos bispos católicos de todo o mundo em comunhão com o Bispo de Roma (Papa), a fim de discutir questões de

ordem dogmática, disciplinar e pastoral e tomar decisões que possam colaborar com o crescimento da Igreja.

Tendo o Papa João XXIII falecido ainda durante os trabalhos conciliares, o seu sucessor, o Papa Paulo VI (1963-1978), deu continuidade ao Concílio e, em 1965, os trabalhos foram concluídos com o total de dezesseis documentos promulgados, os quais expõem as normas e orientações aos fiéis clérigos e leigos. Concernente à aplicação das deliberações conciliares, Leonel observa:

[...] durante os pontificados de Paulo VI e João Paulo II, pôde-se realmente observar nesse sentido uma significativa atuação e importância das igrejas locais, uma intensa atividade ocorrida nos sínodos diocesanos, o novo papel assumido pelo laicato na Igreja, assim como o nascimento espontâneo de diversos movimentos leigos e, especialmente, novas relações com outras vertentes religiosas e a promoção de debates nesse sentido, com a promoção de reiterados encontros ecumênicos (Leonel, 2010, p. 387).

A mudança da compreensão do conceito de leigo advém com novo papel do laicato, a partir do Decreto *Apostolicam Actuositatem* (AA) do Concílio Vaticano II⁴. As novas configurações de associações de fiéis, constituindo movimentos no interior da Igreja, serão elementos propositivos para colaboração na evangelização das pessoas e na tentativa de reter ou minimizar a evasão de fiéis para o campo do pentecostalismo ou dos *sem religião*.

Este capítulo objetiva analisar recomposições contemporâneas do catolicismo em contexto de declínio e crise, considerando a perda da hegemonia católica e a intensificação das disputas num âmbito de diversidade e pluralismo religioso, apresentando dados censitários os quais mostram essa situação de maneira estatística. Em vista disso, primeiro, discorreremos a respeito da contínua queda do número de católicos à luz dos dados estatísticos e as questões em torno do pluralismo religioso, gerador de processos de disputas entre católicos e evangélicos. Segundo, ressaltamos sobre a crise de recrutamento de religiosos para a assistência dos fiéis e o protagonismo do laicato a partir do Concílio Vaticano II, favorecendo o surgimento de associações fundadas e lideradas por leigos, resultando em diversificação no interior da Igreja. Por fim, apresentamos alguns condicionantes da fundação da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria*, relacionando-a ao processo de recomposições do catolicismo.

⁴ Até então, na perspectiva do Código de Direito Canônico de 1917, a compreensão dos leigos era de simples colaboradores dos agentes hierárquicos. O Concílio muda essa perspectiva quando autoriza os leigos a exercer “suas atividades pastorais, individualmente ou reunidos em comunidades ou associações” (AA n. 15), como colaboradores ativos da missão da Igreja, e indica pelo mesmo Decreto (AA n. 1) que todas as disposições emanadas sirvam para revisão do Código de 1917 quanto ao apostolado dos leigos.

1.1 Perda de hegemonia e intensificação das disputas

À luz dos dados estatísticos de cada novo censo demográfico nacional, pode-se constatar que a proporção de católicos no Brasil vem diminuindo. A partir dos dados divulgados pelo IBGE e processados pelo Centro de Políticas Sociais e Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV), a comparação entre os anos 1872, 1880, 1890, 1900, 1910, 1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2003 e 2009 apresenta queda no número de católicos na população brasileira em todos os intervalos (Neri, 2011, p. 7).

Esse declínio é mais acentuado desde a década de 1990, quando da realização do censo de 1991, em que os católicos representavam 83,3% da população brasileira, passando a 73,9% em 2000 e 64,6% em 2010.⁵ Vale ressaltar que o censo de 2020, atrasado pela pandemia da Covid-19 e por cortes de verba (Alves, 2023), foi adiado para 2022, e apenas alguns dados foram divulgados durante esta pesquisa e ainda não constava o indicador religião e número de católicos. Contudo, a pesquisa publicada pelo Datafolha em 13 de janeiro de 2020, cujo levantamento ocorreu nos dias 5 e 6 de dezembro de 2019 com 2.948 entrevistados em 176 municípios, mostra que o declínio do número de católicos e o aumento do número de evangélicos e *sem religião* segue contínuo, pois, em relação ao contingente entrevistado, afirma-se que apenas 50% dos brasileiros são católicos, 31% são evangélicos e 10% não tem religião.

Enquanto cai o número de católicos, aumenta o número de evangélicos e daqueles que se declaram sem religião, como pondera Neri:

Os evangélicos, incluindo tanto os ramos tradicionais quanto pentecostais, seguem a sua trajetória de crescimento, passando de 16,2% para 17,9% nos primeiros anos desta década chegando a 20,2%. Os “sem religião”, cuja participação caiu de 7,4% para 5,1% mas sobem para 6,72% em 2009 (Neri, 2011, p. 8).

Sofiati e Moreira (2018a, p. 282) comentam que a crise católica está relacionada às mudanças religiosas, sociais, culturais, morais, estéticas, científicas resultantes da própria sociedade contemporânea. Referente à realidade dessa crise mais especificamente no Brasil, Camurça destaca:

⁵ Acerca dos dados apresentados, conferir tabela apresentada por Campos (2008, p. 14), confrontando com os dados apresentados diretamente no site do IBGE, na tabela 137, acerca do percentual total geral (<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>). Há apenas uma mínima divergência de décimos em 2000, sendo que não apresenta a porcentagem para o ano de 1991, como mostra Campos em sua tabela comparativa.

Uma das explicações mais de fundo para o decréscimo católico é a sua grande dificuldade para acompanhar as migrações internas que revolvem o Brasil contemporâneo. Onde os católicos mais diminuíram e os pentecostais e sem religião mais cresceram, são as regiões das periferias metropolitanas e as fronteiras de ocupação sem presença institucional católica. A estrutura eclesial católica centralizada e burocrática, centrada nas paróquias, não consegue acompanhar a mobilidade dos deslocamentos populacionais como as ágeis redes evangélicas (Camurça, 2013, p. 72).

A afirmação de Sanchis (1994, p. 36) de que a Igreja Católica “está perdendo o seu caráter de definidor hegemônico da verdade e da identidade institucional no campo religioso brasileiro” continua válida ao observar a realidade nacional que os dados mostram, indicando um processo de *destraditionalização* e *pluralização* do campo religioso, embora a diversificação gire em torno da dimensão monoteísta da religião.

Coutinho (2004, p. 94), ao tratar do conceito de hegemonia, reporta a construção teórica de Gramsci, em que “o conceito de *hegemonia* caracteriza a liderança cultural-ideológica de uma classe sobre as outras”, e apresenta, para além do conceito de Gramsci, a definição de hegemonia conforme Raymond Williams, que, para nossa pesquisa, expressa melhor a ideia acerca da perda da hegemonia católica. Coutinho comenta:

[...] Raymond Williams define *hegemonia* como todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nosso senso e alocação de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido – constituído e constituidor – de significados e valores que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim o senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade: um senso de realidade absoluta, porque experimentada e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, hegemonia é no seu sentido mais forte uma *cultura*, mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e a subordinação vividos de determinadas classes [...] (Coutinho, 2004, p. 95).

O fato de a Igreja Católica paulatinamente perder fiéis e o espaço social tornar-se mais plural resulta em uma fissura no sistema de significados e valores até então dominante. A cristandade (católica) caducou e, malgrado o catolicismo ainda seja uma expressão forte na sociedade brasileira, precisa lidar agora com as diversas expressões emergentes não católicas. Para Konings e Mori (2012, p. 1216), essa queda histórica no número de fiéis católicos reflete “[...] um regime de religiosidade ‘herdada’ ou ‘ambiental’ para o cristianismo de opção ou de convicção”, de maneira que as pessoas não se sentem mais obrigadas a pertencer a uma religião.

Acerca do catolicismo brasileiro, Pierucci comenta que não há nenhum desdouro, uma vez que nas sociedades pós-tradicionais decaem as filiações tradicionais, e afirma:

[...] Nelas os indivíduos tendem a se desencaixar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer. Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem fatalmente com isso, claro, as religiões tradicionais (Pierucci, 2004, p. 19).

Conforme Pierucci (2004), a situação de decréscimo numérico de adeptos não é exclusiva do catolicismo. Ele aponta o luteranismo e a umbanda dentro desse processo de exaustão da capacidade de reprodução ampliada, considerando como declínio essas três principais religiões por ele analisadas a partir do censo do IBGE de 2000, classificadas pela sociologia como tradicionais.

Na perspectiva da perda da hegemonia católica, Coutinho afirma que incide diretamente na crise de identidade que vai gerar um processo de contra-hegemonia, como resposta a essa crise. Ele cita que “a realidade do processo cultural deve, portanto, incluir sempre os esforços e contribuições daqueles que estão, de uma forma ou de outra, fora, ou nas margens, dos termos da hegemonia específica. Ou seja, nesse processo de oposição/alternativa constitui-se também uma identidade *contra-hegemônica* e *alternativa*” (Coutinho, 2004, p. 96)⁶. Esta refere-se à identidade do catolicismo social, na perspectiva de que os leigos são chamados a assumir a missão da Igreja, em sua inserção nas estruturas do mundo e na ordem temporal.

Dois fatores já na década de 1980 são indicados por Coutinho como tentativa de retomada do controle hegemônico por parte do catolicismo romanizado, em que a ênfase é na figura do padre (hierarquia) e nos sacramentos (culto oficial), são eles a eleição do Papa João Paulo II e o Sínodo Extraordinário dos Bispos, em comemoração dos 20 anos do Concílio Vaticano II. Acerca desses eventos, o autor comenta:

Tanto o Papa como boa parte dos bispos presentes naquele sínodo, concluíram que a Igreja encontrava-se numa crise que só poderia ser superada por um reforço do centralismo. O subjetivismo invadira a liturgia com consequente perda do seu espírito, invadira a interpretação da Palavra de Deus sem a devida atenção à autêntica autoridade do magistério, deixaram-se de lado os aspectos institucionais e hierárquicos da Igreja. Constatou-se o crescimento, nesse período de secularização, do ateísmo, do materialismo, da indiferença, da injustiça no mundo, produzindo efeitos negativos no interior da Igreja, sobretudo na incorreta maneira de compreender-lhe a missão espiritual e a ação temporal (Coutinho, 2004, p. 100).

⁶ Coutinho elenca três expressões de identidades católicas a partir da década de 1950, a saber, “identidade hegemônico-política do *catolicismo tradicional romanizado*, uma identidade contra-hegemônica alternativa, do *catolicismo social* e uma outra identidade contra-hegemônica, mas de caráter *residual*, sem possibilidades de tomada e controle do ‘aparelho hegemônico político’, do *catolicismo popular tradicional*” (Coutinho, 2004, p. 96).

Coutinho (2004, p. 100) afirma que os católicos foram convocados pelo Papa João Paulo II – e menciona a participação da cúria romana nessa convocação, ou seja, um esforço total institucional e não apenas pessoal do papa – a retomar sua verdadeira identidade e comenta que o Concílio Vaticano II, de certa forma, ajudou a enfraquecer essa identidade devido às disposições conciliares e o processo de implementação que provocou uma reforma na Igreja. Esse projeto de retomada da “verdadeira identidade” concerne ao projeto de *Nova Evangelização*, pretendendo a recriação de uma identidade católica clara e firme em novos moldes, reforçados ainda pelo culto mariano e pelo culto eucarístico.

Berger, ao tratar do cenário religioso global e da participação do Papa João Paulo II, indicando o crescimento de movimentos conservadores e tradicionalistas, comenta: “O impulso conservador na Igreja Católica sob João Paulo II produziu frutos tanto em número de conversões como no entusiasmo renovado entre católicos de origem, especialmente em países não-ocidentais” (Berger, 2000, p. 13).

Em vista desse projeto, a Igreja cede amplos espaços para a organização de diversos movimentos católicos a fim de eles colaborarem com o diálogo com o mundo pós-moderno, legitimando uma pluralidade de formas, resultando na produção de uma multiplicidade de identidades católicas, dentre as quais a Renovação Carismática Católica (RCC) e as Novas Comunidades (NC), o que não estancou a migração de fiéis católicos para outros campos religiosos ou não religiosos.

Tratando da nova evangelização em relação aos centros urbanos, Coutinho escreve:

A implantação do projeto de “nova evangelização” foi direcionada para os grandes centros urbanos. Ali, de fato, a luta por espaços e controle do chamado “mercado religioso” segue de perto as normas de qualquer mercado: precisa estar bem adaptado ao sistema e só vencem os “melhores”, os que apresentam os “melhores produtos”. É justamente nestes grandes centros que a recessão de católicos se faz sentir (Coutinho, 2004, p. 107).

Considerando o quadro de perda hegemônica da Igreja Católica e o pluralismo religioso oferecido sobretudo nos centros urbanos, o campo religioso se torna mais tenso e competitivo, de modo que as forças emergentes no interior da Igreja, sobremaneira aqueles movimentos diversos reconhecidos e aliados à hierarquia, serão estratégicas a fim de oferecerem uma expressão de fé católica que possa atrair e/ou reter pessoas a viver a proposta de fé cristã católica, investindo, além da doutrina e do culto, em estabelecimento de vínculo afetivo com elas.

Sofiati e Moreira (2018a, p. 287) concordam que, apesar da diminuição numérica dos católicos e a perda da hegemonia, o catolicismo ainda se mantém forte no cenário brasileiro e a Igreja Católica mantém-se ainda em posição privilegiada devido a dois fatores por eles identificados, a saber: o próprio contexto cultural-religioso do país, tendente a trocas, bricolagens, trânsitos e negociações simbólicas, e a crescente fragmentação e diferenciação do pentecostalismo brasileiro com as fortes disputas internas no subcampo pentecostal.

Em entrevista concedida em 2010 a Moisés Sbardelotto (2024), Renata Menezes afirma que o crescimento do movimento carismático perpassa instâncias paroquiais e reinventa-se sob formas de novas comunidades de vida e de aliança, e a atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que, embora não gozam de visibilidade midiática, continuam atuando de forma dinâmica e capilar em muitas dioceses do país, expressam as principais dinâmicas que perpassam o catolicismo hodierno no Brasil.

É possível notar alguns elementos que podem ser lidos à luz de um processo de disputa dentro do campo das religiões tanto no sentido de tentativas de conversão quanto tentativas de desqualificação da religião alheia e de reforço público da identidade católica, conforme pondera Menezes na entrevista: “um aumento do uso de sinais diacríticos, marcas públicas de pertencimento ao catolicismo: camisetas, adesivos de carro, pulseiras etc. que assinalam claramente o fato de que o portador de tais objetos é católico” (Sbardelotto, 2024).

Para Steil e Toniol (2013, p. 229), estamos vivendo no Brasil um “processo de metamorfose da cultura católica, que tem impedido a transmissão por via da tradição.” Seria um movimento de *destradicionalização* “que se identificaria menos com a simples quebra da tradição e mais com a reflexividade e consequente perda de alinhamento automático com a tradição” (Velho, 1997, p. 55). Nesse sentido, podemos compreender o surgimento de novas práticas religiosas fora da regulamentação institucional e da ortodoxia.

Steil e Toniol (2013, p. 229) comentam que “as condições e predisposições atuais apontariam para práticas e experiências religiosas que se configuram a partir de indivíduos enquanto sujeitos livres, capazes de optar por um caminho entre os muitos que se apresentam como possibilidades em seu horizonte existencial.”

Steil considera que emergem formas diversas de crer como reação à perda hegemônica do catolicismo no campo religioso brasileiro e comenta:

[...] pesquisas etnográficas focadas nas práticas e experiências chamam a atenção para processos internos ao próprio catolicismo que estariam conferindo-lhe um novo vigor, disputando com os evangélicos a mobilização de multidões em *performances* rituais, assim como a ocupação de espaços na mídia. Ou seja, se desde uma perspectiva sistêmica pode-se observar que o catolicismo perde sua hegemonia, enquanto sistema

religioso e moral dentro da sociedade brasileira, no âmbito das práticas ele se renova, configurando-se como um *locus*, entre outros, de produção de sentidos e crenças para indivíduos e grupos que encontram aí um contexto adequado para a experiência religiosa e moral (Steil, 2009, p. 3).

Trata-se não apenas de um movimento de reordenação do campo religioso, mas de uma mudança no interior das próprias tradições, que buscam se adequar à redefinição do conceito de religião e sua significação contemporânea.

As recomposições do catolicismo são maneiras pelas quais a instituição religiosa se reproduz num contexto de declínio e crise e que está em jogo o crescente domínio de uma nova linguagem, que parece penetrá-la de forma capilar, provocando transformações internas.

Tratando da dimensão de um catolicismo heterogêneo, Steil pondera:

É parte dessa heterogeneidade interna que diferentes significações possam deslizar pelos mesmos referentes e signos, remetendo-nos mais a uma perspectiva performática – da inscrição da alteridade na narrativa dominante – do que a uma visão histórica, centrada na dialética de temporalidade diversas. Segundo a perspectiva performativa, a alteridade dentro do sistema católico não se apresenta como formas diversas do mesmo – catolicismo pré-moderno, moderno e pós-moderno, mas está aí como uma linguagem alternativa que busca constantemente uma inserção na narrativa dominante sem deixar-se diluir na sua totalidade. Trata-se, enfim, de diferentes regimes religiosos que existem lado a lado, estabelecendo uma forma de contradição que tem que ser negociada, em vez de integrada numa nova síntese dialética (Steil, 2009, p. 4).

O catolicismo agrega diversas expressões como os rituais devocionais do culto aos santos e anjos, as experiências místicas segundo o modelo da Nova Era e o tipo-ideal das religiões de conversão – destacado nos catolicismos de libertação e carismático, e, por isso mesmo, é possível encontrar em seu interior diversas formas de crer.⁷

A essa agregação de expressões de diversas formas de crer no interior do catolicismo, Sofiati e Moreira (2018a, p. 283) consideram o trânsito entre denominações e a multiplicidade de pertença religiosa, como católicos/afro-brasileiros, católicos/espíritas, católicos/umbandistas, católicos/religiões Nova Era, um indicativo de continuidade com o padrão do catolicismo brasileiro e sua típica duplicidade histórica de adesões, ao qual esses autores consideram parecer parte do “*ethos* religioso” brasileiro.

Para Steil e Herrera (2010, p. 384), chama atenção “a pluralidade interna do catolicismo, capaz de compatibilizar práticas e rituais pré-modernos com experiências modernas de

⁷ O trabalho de Camurça (1998), acerca da influência da Nova Era na Igreja Católica e do holismo da Teologia de Leonardo Boff e Frei Betto, e o de Steil (2004) sobre a Renovação Carismática Católica, apontam a realidade de configuração de diferentes formas e estilos de ser católico.

comunidades de base, com formas pós-modernas, centradas na religiosidade do self, especialmente na experiência da Renovação Carismática Católica.”

O cenário brasileiro que surge com a diversificação do seu campo religioso aponta mais para a emergência de novos padrões e modos do religioso que se institui no espaço público e na experiência de indivíduos que ao *desencantamento do mundo*⁸.

Procópio (2008) apresenta um panorama dos estudos sobre a presença da RCC na mídia, na política e na universidade, reunindo estudos de Carranza, Mariz, Steil, Camurça, Prandi, Miranda, Giumbelli, Birman e alguns outros pesquisadores da área. Segundo esse autor, é possível perceber “a RCC envolvida em atividades que perpassam toda estrutura social, econômica e cultural do país, marcando presença desde a mídia à política partidária, passando pelas universidades e ‘baladas’ de jovens” (Procópio, 2008, p. 302).

Atinente ao âmbito político e partidário nacional, de acordo com Procópio (2018), não só o catolicismo caracterizado politicamente mais militante por vir das Comunidades Eclesiais de Base se inseriu na política partidária, mas, diante do influxo da presença evangélica no cenário político nacional, o catolicismo carismático cuidou de estratégias de recrutamento e engajamento no meio político a fim de fazer valer os interesses particulares do movimento, distinguindo-se do jeito de fazer política das Comunidades Eclesiais de Base e mais equiparado ao estilo evangélico, mais conservador.

Esse envolvimento político partidário implica, conforme Carranza (2017, p. 89), no reposicionamento de diálogo da Igreja Católica com o Estado, pois “perante a ascensão dos evangélicos como atores políticos que disputam, a quase naturalizada, hegemonia do catolicismo de pautar a vida pessoal e coletiva nos valores de uma ética intramundana.”⁹

Carranza (2017, p. 89) observa que essa ética diz respeito a estabelecer limites estatais em temas como “participação política, educação, relações familiares e moralidade sexual, para os quais a instituição eclesiástica não só tem posicionamentos doutrinários claros, mas almeja que a sociedade como um todo os assuma como próprios.”

⁸ A expressão refere-se à ideia weberiana de que, a partir da racionalização, foi retirada do homem a crença de aceitar a existência de deuses e demônios como seres vivos no meio social, não sendo mais necessário recorrer à magia para dominar ou agradar os espíritos a quem são atribuídos poderes, uma vez que a razão e os meios técnicos explicam o meio social (Weber, 1982, p. 165).

⁹ Carranza (2017, p. 99-110) apresenta uma análise de como atua o *modus operandi* político da Igreja Católica e mostra que de 2006 a 2016 o quadro de religiosos políticos católicos de perfil conservador aumentou significativamente, inclusive em grandes proporções se comparado às investidas evangélicas.

1.2 Crise de recrutamento de religiosos e diversificação interna

Após o Concílio Vaticano II, a formação do clero brasileiro foi transformada de uma formação mais alinhada ao ultramontanismo a uma formação em que se buscou refletir as transformações sociais e teológicas providas e provocadas pela Teologia da Libertação, que questionava o papel do padre diante das novas realidades sociais. Esse novo modelo de formação clerical, contudo, não ocorreu sem tensões e disputas internas entre o próprio clero e seminaristas, como avalia Spiess (2016).

Houve uma crise de vocações conforme pode-se notar pelos números de desistência da vida religiosa e pelo esvaziamento dos seminários, cuja causa atribui-se, conforme Spiess (2016), à ruptura com o modelo formativo anterior, resultando em um processo de nova identidade dos padres marcada pelo engajamento sócio-político e pela maior proximidade com o povo, também a outras possibilidades de os jovens ascenderem socialmente por meio de estudos, que era um dos atrativos dos seminários, além de novas opções religiosas através de outras igrejas que se difundiram pelo Brasil. Acerca disso, Spiess pondera:

Contudo, em que pese as teorias sobre a crise vocacional, ao analisar o número de padres diocesanos no Brasil desde 1970, tem-se que estes em apenas três anos tiveram um déficit no quantitativo de sacerdotes. De acordo com o Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (Ceris, 2011), em relação aos padres diocesanos, somente em 1971, 1973 e 1977 houve registros de déficit no número de sacerdotes seculares. Já se compararmos com as congregações masculinas, na mesma década, praticamente todos os anos registraram diminuição no número de padres religiosos. Ainda, enquanto que nas décadas de 1980, 1990 e 2000 o quadro de padres diocesanos apenas aumentava, de outra banda, as congregações demonstravam dificuldades em manter o seu número de padres, uma vez que por diversos anos consecutivos continuava sendo registrada a diminuição no número de sacerdotes religiosos (Spiess, 2016, p. 50-51).

A partir da análise apresentada por Spiess, houve uma queda no número de padres diocesanos de modo pontual, sendo superada posteriormente, diferente da situação dos padres religiosos (pertencentes às ordens, congregações e mosteiros).

Em âmbito global, os dados divulgados pela Santa Sé no Anuário Pontifício 2023 e Anuário Estatístico da Igreja 2021 indicam aumento no número de católicos de 1,36 para 1,37 bilhão, um aumento de 1,3%, e queda no número de padres e seminaristas maiores, que são aqueles candidatos ao sacerdócio que cursam estudos acadêmicos de filosofia e teologia.

O número de padres em seu conjunto diminuiu de 410.219 em 2020 para 407.872 em 2021, uma diminuição de 0,57%. No entanto, ao analisar separadamente os padres diocesanos e os padres religiosos, observa-se que enquanto os primeiros diminuíram 0,32%, os segundos diminuíram 1,1%. [...] A tendência temporal do número de

seminaristas maiores observada no mundo, a partir de 2013, mostra um declínio ininterrupto que continua em 2021. Neste ano, o número de seminaristas é de 109.895, dos quais 61% são seminaristas diocesanos e os restantes 39% são religiosos. Em relação a 2020, regista-se uma diminuição de 1,8%. A diminuição ocorre em quase todas as divisões territoriais: o número de seminaristas aumenta apenas na África, onde há um aumento de apenas 0,6% entre 2020 e 2021 (Osservatore Romano, 2023).

Com isso, percebe-se que é um número baixo de agentes clericais e agentes em formação quando relacionado à malha total de fiéis católicos. Nesse sentido, no *Osservatore Romano* encontra-se a seguinte análise:

Se compararmos o número de seminaristas maiores com o tamanho da população católica, obtemos uma taxa (de vocações) que mostra ainda melhor a magnitude do nível alcançado pelas vocações no final do biênio. Em 2020, havia 8,23 seminaristas maiores para cada cem mil católicos no continente como um todo, e o número no final de 2021 é de 7,99. A situação mais favorável em 2021 é na Ásia (20,96 seminaristas por 100.000 católicos), África (12,75) e Oceania (8,76). Muito inferior é a taxa de vocação nas restantes divisões, onde o valor de 5,01 para a Europa contrasta com 4,13 na América do Sul (Osservatore Romano, 2023).

Os dados estatísticos da Igreja Católica no Brasil apresentados por Fernando Altemeyer Junior (2023), assistente do Departamento de Ciências Sociais da PUC/SP, em 21 de abril de 2022, mostram que há 467 bispos, sendo 306 em exercício e 161 eméritos (aposentados) e há 278 circunscrições eclesiais (dioceses, prelazias). Consta-se que há 14.690 padres diocesanos, 7.121 padres religiosos, sendo o total de 21.811, e 12.013 paróquias no Brasil; há 4.770 diáconos permanentes, que são, em geral, homens casados admitidos ao grau da ordem do diaconado (restaurado pelo Concílio Vaticano II), exigindo-se, dentre outros elementos, o assentimento da esposa, a recomendação do pároco da paróquia e de membros da comunidade onde reside, curso de teologia e engajamento pastoral em comunidade. O relatório apresenta ainda 2.073 membros de institutos seculares, que são pessoas de vida consagrada cuja forma de vida é comum aos leigos, seja sozinho, em família ou em grupo de vida fraterna – conforme o Código de Direito Canônico, cân. 710-714 (João Paulo II, 2013) – 122.170 missionários leigos, 8.041 seminaristas maiores, sendo 5.317 diocesanos e 2.724 religiosos, 3.467 irmãos de votos religiosos¹⁰ e 27.182 religiosas de vida consagrada (irmãs, freias, monjas).

¹⁰ De acordo com o Direito Canônico, cân. 654 (João Paulo II, 2013), os irmãos de votos religiosos referem-se a membros de institutos de vida consagrada que pela profissão religiosa assumem, com voto público, a observância dos três conselhos evangélicos (pobreza, castidade e obediência), consagram-se a Deus pelo ministério da Igreja e são incorporados ao Instituto com direitos e deveres definidos pelo próprio Direito e pelo estatuto e regimento próprios do Instituto. No relatório, não fica claro se são de votos temporários (que pode ser renovado por até seis anos, ordinariamente) ou votos solenes/perpétuos (definitivamente incorporado ao Instituto) ou se é a soma das duas condições. Como anteriormente foi apresentado no relatório o número de padres religiosos, os irmãos (freis, monges etc. chamados conforme ao Instituto que pertencem) devem se referir ao grupo que possui vocação à vida consagrada, não, porém, ao ministério ordenado (diácono ou sacerdote).

Considerando o número de padres, que representa o grupo de agentes que ordinariamente administram as paróquias onde se organiza e se centraliza a vida pastoral e o atendimento dos fiéis, e a quantidade de paróquias, para o número de 123.280.172 fiéis católicos (conforme o censo IBGE de 2010), ao distribuir proporcionalmente tem-se a média de 5.652 fiéis para cada padre, o que representaria um grande contingente para receber assistência pastoral por apenas um padre, ou ainda por paróquia seria em média de 10.262 fiéis, o que exigiria mais de um padre por paróquia para assistência dos serviços religiosos.

É preciso salientar ainda que as realidades paroquiais em termos de número de padres, fiéis residentes e extensão territorial são diversas e paróquias assistidas por padres diocesanos costumam ter um padre no ofício de pároco ou de administrador paroquial, responsável e representante legal pela paróquia, e, às vezes, um padre no ofício de vigário paroquial, sendo colaborador do pároco na assistência pastoral dos fiéis (como é o caso da realidade local da Diocese de Imperatriz/MA na paróquia Sagrado Coração de Jesus, no município de Amarante do Maranhão), as paróquias confiadas à administração de um instituto religioso possuem no mínimo dois religiosos, sendo ao menos um padre (como é o caso das paróquias Santa Rita de Cássia e Santa Cruz, em Imperatriz/MA), algumas paróquias possuem quatro religiosos, sendo, às vezes, todos eles padres (realidade da paróquia São Francisco de Assis, no bairro Centro de Imperatriz/MA).

Em se tratando da realidade local, a Diocese de Imperatriz (MA) foi criada pelo papa João Paulo II por meio da Bula *Quae maiori Christifidelium spirituali bono* em 27 de julho de 1987, tendo sido desmembrada da Diocese de Carolina (MA). Atualmente, sua jurisdição corresponde ao território de treze municípios, a saber: Açailândia, Amarante do Maranhão, Buritirana, Cidelândia, Davinópolis, Imperatriz, Itinga do Maranhão, João Lisboa, Governador Edson Lobão, São Francisco do Brejão, São Pedro da Água Branca, Senador La Roque e Vila Nova dos Martírios.

Conforme o relatório estatístico anual diocesano¹¹ de 2022 enviado pela Diocese de Imperatriz para a Secretaria de Estado do Vaticano, o território da Diocese é de 25.958 km², dos quais 7.438 km² corresponde ao território de Amarante, sendo o maior território paroquial, e a soma da população residente em toda Diocese é 584.545¹² da qual 347.057 são católicos

¹¹ A cada ano, a chancelaria de cada diocese envia um relatório para a Secretaria de Estado do Vaticano, informando dados da diocese. As informações são solicitadas por meio de questionário ao qual as chancelarias fazem coleta de dados para preenchê-lo, utilizando-se dos dados do IBGE, das informações demográficas oferecidas pelas prefeituras, dos dados sacramentais obtidos nas paróquias, informações das casas religiosas, Tribunal Eclesiástico e Câmara Eclesiástica de Instrução Processual.

¹² Esse quantitativo do relatório é resultado da soma dos dados estatísticos mais atualizados oferecidos pelos sites das prefeituras, sobretudo.

(59,37%), 160.927 são adeptos de outras religiões cristãs (27,53%), dentre as quais os evangélicos, e 50.031 são adeptos de religiões ou cultos não-cristãos (8,56%)¹³. São 34 paróquias, sendo 29 aos cuidados do clero diocesano e 5 aos cuidados dos sacerdotes religiosos (18 paróquias em Imperatriz, 5 paróquias em Açailândia, 11 paróquias restantes, sendo uma em cada município restante), e 56 padres, dos quais 40 são diocesanos (todos brasileiros) e 16 religiosos (sendo 12 brasileiros, dois italianos, um congolês e um português). Nesse ano, foram ordenados 2 padres diocesanos. Registra-se apenas um diácono permanente, que pertencia ao clero da Diocese de Castanhal/PA, ordenado em 1999, e, por meio de procedimento canônico em 2021, foi incardinado, tornando-se efetivamente membro do clero diocesano, conforme documentação dos atos administrativos do Bispo Diocesano no arquivo da Chancelaria, na Cúria Diocesana.¹⁴

Acerca dessa realidade do diaconado permanente na Diocese de Imperatriz, por meio dos dados obtidos também no arquivo da Chancelaria, em 2019, por meio do Decreto 06/2019 do Bispo Diocesano, Dom Vilsom Basso, foi constituída a Escola Diaconal. Em 2021, aconteceu o primeiro edital para matrícula no curso de teologia para a formação acadêmica, e, em 2022, começaram as aulas com o grupo formado por 32 candidatos, tendo havido duas desistências, um afastamento por doença e um ingresso posterior, resultando, no segundo semestre de 2023, 30 candidatos.

Sobre as religiosas e os seminaristas maiores em 2022, o relatório estatístico anual diocesano informa que eram 43 religiosas¹⁵, 8 seminaristas¹⁶ dos quais 2 deixaram o seminário no decorrer do ano, e 5 missionários leigos.

¹³ Esses dados ainda correspondem aos dados do censo do IBGE de 2010, tendo em vista que não existem outras fontes que ofereçam estatísticas desses índices. Nesse sentido, 4,54% representa um contingente de 26.530 pessoas residentes na Diocese que ainda não estão representadas nos índices estatísticos da religião.

¹⁴ Até a conclusão da pesquisa, o relatório estatístico anual diocesano 2023 não havia sido finalizado, porém, a partir dos dados confirmados nos arquivos da Chancelaria do Bispado de Imperatriz, deve-se destacar que em 2023 houve a ordenação de um presbítero diocesano e a nomeação de um presbítero para o ministério episcopal na Diocese de Cametá/PA, mantendo, nesse caso, o quantitativo de 40 padres diocesanos; e ainda a criação de uma nova paróquia no município de Imperatriz, totalizando 35 paróquias na Diocese, sendo 19 paróquias em Imperatriz.

¹⁵ Conforme registros na Chancelaria, são 10 Institutos de Vida Consagrada presentes na Diocese, a saber: Missionárias de Ação Paroquial (MAP) com casa em Imperatriz (3 religiosas) e São Pedro da Água Branca (3 religiosas); Beneditinas da Divina Providência, em Imperatriz (2 religiosas); Missionárias Capuchinhas, em Imperatriz (5 religiosas); Filhas da Caridade Canossianas, em Imperatriz (4 religiosas); Irmãs Sacramentinas de Bérgamo com casa em João Lisboa (4 religiosas) e em Itinga do Maranhão (5 religiosas); Irmãs Teresianas com casa em Imperatriz (6 religiosas) e em Açailândia (3 religiosas); Irmãs Franciscanas de Maristella, em Amarante do Maranhão (3 religiosas); Irmãs Franciscanas da Penitência, em Senador La Roque (3 religiosas); Irmãs Escolares de Nossa Senhora, em Açailândia (2 religiosas).

¹⁶ Os seminaristas moram no Seminário Maior *Bom Pastor*, em São Luís/MA, pois os estudos acadêmicos de filosofia e teologia são cursados no Instituto de Estudos Superiores do Maranhão – IESMA – onde também estudam seminaristas de outras dioceses do Regional Nordeste 5 da CNBB – que corresponde ao território do Estado do Maranhão – e formandos dos Institutos de vida religiosa, sendo uma faculdade também aberta a todo público.

O efetivo clerical da Diocese de Imperatriz, somado ao número de religiosas para dar assistência à população católica e cuidar da evangelização de novos membros, é bem pequeno, especialmente considerando o contexto hodierno plural e diverso em que as igrejas evangélicas exercem forte proselitismo, caracterizadas ainda pela multiplicidade de igrejas e a facilidade para a constituição de pastores no âmbito pentecostal e neopentecostal, sem exigência de cursos acadêmicos.

A participação dos fiéis leigos e leigas é de grande relevância, pois exercem liderança em comunidades das paróquias em que a presença do clérigo é parcial ou escassa, mantendo atividades religiosas diversas (catequeses, celebrações da Palavra, terços, novenas, festejos, formações etc.), em comunhão com o padre responsável pela paróquia a qual pertence a comunidade, e, às vezes, assistidos por outros fiéis leigos que possuem algum ministério delegado pelo Bispo diocesano, como ministros extraordinários da Sagrada Comunhão¹⁷, ministros extraordinários do Batismo e assistentes leigos do Matrimônio (onde na falta do ministro ordinário – diácono ou sacerdote – ou estando ele impedido, leigos, homens ou mulheres, podem ser delegados pelo bispo, sendo que a delegação para a assistência do matrimônio é feita após ter obtido voto favorável da Conferência Episcopal Nacional, no Brasil a CNBB – e a necessária licença da Santa Sé), e ministros da presidência da celebração dominical da Palavra, os que são delegados pelo bispo para a presidência da liturgia da Palavra nas comunidades.

Todos esses ministérios delegados exigem uma determinada formação em vista do exercício do ministério e fica ao cargo de cada diocese a organização para a formação. Na Diocese de Imperatriz, por exemplo, existem os Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão (MESC), organizados por uma Coordenação Diocesana (CDMESC) constituída pelo Bispo para cuidar da formação e acompanhamento desses ministros leigos, bem como há os Ministros Extraordinários da Palavra (MEP) também apoiados por uma Coordenação Diocesana.

Há fiéis leigos que colaboram com a evangelização por meio de um sistema de formação mais ou menos sistemático, dependendo da realidade, que é a catequese, os chamados catequistas, não se exigindo a delegação do bispo, mas devem ter a anuência do pároco, terem sido iniciados aos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia (que configuram os iniciados

¹⁷ “Esses ministros assumem a presidência em determinadas circunstâncias e distribuem a sagrada Comunhão nas Celebrações da Palavra; ajudam a distribuir o Pão Eucarístico em assembleias numerosas; levam a Comunhão aos enfermos e, em caso de necessidade, administram o Viático; na ausência do padre ou diácono, expõe o Santíssimo Sacramento para a adoração dos fiéis e o repõem sem dar a bênção; por vezes, acompanham os velórios e oficiam as exéquias; dão a bênção aos idosos e doentes” (CNBB, 2017, p. 114-115).

à vida cristã no catolicismo) e terem uma mínima formação oferecida ao menos pela própria paróquia.¹⁸ Na Diocese de Imperatriz, por exemplo, o relatório diocesano anual de 2022 aponta a soma de 1.061 catequistas, que vão garantir a formação de novos cristãos e a preparação para os sacramentos da iniciação cristã.

Para além dessa estrutura paroquial, a Igreja Católica admite outras estruturas de movimentos e associações de fiéis, como as novas comunidades e obras missionárias, a fim de contemplar as necessidades daquilo que as pessoas buscam – não oferecidas nas estruturas paroquiais – e se sintam identificadas e, com isso, evitar a evasão de fiéis ou reconquistar aqueles que, por alguma razão, afastaram-se da participação das atividades da igreja.

A situação apresentada nas últimas décadas tem apontado um movimento de diversificação religiosa no Brasil, sobretudo o crescimento dos pentecostais e dos *sem religião*, e um intenso trânsito¹⁹ de fiéis pelas diferentes denominações religiosas, em que o catolicismo aparece como um “doador universal” de fiéis (Teixeira; Menezes, 2009, p. 9), isto é, o principal campo em que outras denominações religiosas arregimentam adeptos. Nesse sentido, o catolicismo reage a partir de seu próprio dinamismo de reinvenção permanente e impulso renovador, capaz de incorporar a diversidade para promover uma readesão, conforme comentam Teixeira e Menezes:

É preciso, entretanto, sinalizar que essa situação envolve simultaneamente movimento de “reaquecimento” ou reavivamento do catolicismo, na linha de “re-adesão”, como ocorre nas expressões religiosas sintonizadas com o Movimento de Renovação Carismática Católica. O catolicismo não é somente uma “identidade constituída”, o “estrutural institucionalizante”, mas é também o instituinte, que revela um dinamismo de reinvenção permanente e um impulso renovador. Essa reinvenção ocorre no catolicismo tradicional, em diálogo e interação com o catolicismo moderno e clerical; nas novas formas de visibilidade eclesial; nas intercessões criativas com outras expressões religiosas etc. De forma distinta de outras práticas religiosas, o catolicismo, com sua estrutura de caráter performativo, tem um potencial de incorporar a diversidade. No entanto, não é tarefa fácil captar a complexidade do fenômeno católico e, de modo particular, o traço plural que envolve o catolicismo no Brasil [...] (Teixeira; Menezes, 2009, p. 9).

¹⁸ Em 2021, o Papa Francisco publicou o documento Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium* pelo qual se institui o ministério laical de catequista, reconhecendo a antiguidade desse serviço e seu alto valor, de maneira que por meio da instituição se concede estabilidade ao ministro da catequese e se exige o processo formativo necessário e os devidos critérios normativos para que os fiéis leigos sejam admitidos, deixado ao cargo das Conferências Episcopais (Francisco, 2021). Com isso, percebe-se que, para além do reconhecimento formal por meio de uma instituição, há a preocupação em melhorar a formação dos agentes leigos para formar novos membros.

¹⁹ Almeida e Montero explicitam o conceito de *trânsito religioso* que atine a essa realidade: “Esta noção aponta, pelo menos, para um duplo movimento: em primeiro lugar, para a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descrita pelas análises sociológicas e demográficas; e, em segundo, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas, objeto preferencial dos estudos antropológicos” (Almeida; Montero, 2001, p. 93).

Teixeira (2009, p. 19-28) analisa as faces do catolicismo contemporâneo e afirma que não é possível situar o catolicismo brasileiro numa perspectiva de homogeneidade, pois existem muitos estilos culturais de ser católico, resultando em malhas diversificadas do catolicismo, que ele apresenta em quatro divisões, a saber: *catolicismo santorial*, o qual tem por característica principal as devoções populares, o culto aos santos, mantendo relativa autonomia concernente ao catolicismo institucional; *catolicismo oficial*, correspondendo à dimensão institucional romana, o qual se encontra em crise e declínio; *catolicismo de reafiliados*, que compreende um processo de conversão no sentido de envolver pessoas que até então viviam a identidade religiosa de modo superficial, provocando uma nova experiência comunitária e forte intensidade religiosa, onde também encontrará apoio emocional (como é o caso da RCC e as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs); e o *catolicismo midiático*, que envolve diversas práticas e grupos religiosos relacionados à RCC caracterizados pela presença nos meios de comunicação de massa (destaca-se nesse campo o Pe. Marcelo Rossi, Pe. Jonas Abib, TV Canção Nova, TV Rede Vida etc.).

Na consideração de Sell e Moniz (2023, p. 8-10), a diversificação interna do catolicismo dá-se com o surgimento de novas tendências, a saber: o cristianismo da libertação, muito forte no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, passando por uma crise na década de 1990, mas presente ainda em setores do episcopado, pastorais sociais e CEBs; a RCC, interpretada como uma forma de pentecostalismo católico, que, após sua fundação, foi regulada pela hierarquia católica; e os grupos tradicionalistas, os quais são caracterizados pela crítica ao Concílio Vaticano II, cuja expressão forte era a TFP – Tradição, Família e Propriedade – e são identificados em novos grupos como os Arautos do Evangelho, Centro Dom Bosco e outros.²⁰

Sofiati e Moreira (2018, p. 289-293) apresentam um panorama mais amplo das tipologias do catolicismo brasileiro a partir de formulações de modelos interpretativos de diferentes autores, entre os quais destacamos: a) Camurça divide os fiéis entre carismáticos, paroquianos (em que a instituição é mais presente em relação aos outros segmentos), membros das CEBs e das novas comunidades; b) João Batista Libânio, em análise intraeclesial, divide a Igreja Católica em cinco grupos: Igreja da instituição, Igreja da pregação, Igreja da práxis libertadora, Igreja carismática e Igreja plural, fragmentada e pós-moderna (uma simbiose dos quatro grupos precedentes); c) Leonardo Boff apresenta os modelos de Igreja Católica, como: Igreja como totalidade, Igreja moderna, Igreja a partir dos pobres e Igreja mãe e mestra; d)

²⁰ Coutinho (2004), Steil (2009), Steil e Herrera (2010) apresentam e analisam a diversidade no interior do catolicismo, mantendo basicamente essa mesma diversificação apresentada por Sell e Moniz (2023) e por Teixeira (2009), indicando grupos decorrentes dessa diversificação.

Löwy, numa perspectiva extraeclesial a partir das ciências sociais identifica quatro tendências, que considera a interconexão entre o aspecto institucional e as práticas autônoma dos leigos: igreja tradicional, igreja reformista, igreja radical e igreja modernizadora conservadora.

A diversidade nos modos de ser católico não é novidade no Brasil e é constitutiva do fenômeno religioso em geral e do próprio catolicismo em particular, configurando um novo cenário no catolicismo brasileiro, caracterizado pela autonomia ampliada dos fiéis leigos, manifestada de modo mais intenso na atualidade, como ponderam Sofiati e Moreira (2018, p. 289), os quais apresentam uma síntese do estudo de Cecília Mariz, que apontou quatro elementos que favoreceram essa autonomia ampliada dos leigos:

1) as trocas com a modernidade, que podem ser observadas, por exemplo, na Teologia da Libertação, ao dar ênfase na participação democrática dos leigos e ao realizar uma crítica do clero; 2) o fim do monopólio do carisma, promovido por lideranças carismáticas leigas, sobretudo a partir das muitas aparições de Maria ao longo do século XX, provocando diversificação de carismas e conflitos entre sacerdotes e leigos dentro da instituição; 3) a ingerência de instituições não religiosas e do mercado no espaço da Igreja, como mídia, governos, empresas, empreendimentos turísticos, entre outros, que assumiram o controle de diversas manifestações religiosas, sobretudo aquelas ligadas ao catolicismo popular, de forte autonomia com relação à Igreja Católica; 4) como quarto e principal elemento, Mariz menciona as campanhas internas vividas pelo catolicismo, sendo que as mais importantes foram a romanização, o catolicismo da libertação (principalmente as CEBs, as pastorais sociais e da juventude) e o carismatismo católico (os Grupos de Oração, as Comunidades de Vida e Aliança, fenômeno dos padres cantores) (Sofiati; Moreira, 2018, p. 290).

A ocorrência desses elementos não se dá de maneira isolada, tampouco se dá ao modo de efeito cascata, porém trata-se de um entrelaçamento ou confluência deles ou de alguns deles diante da realidade, favorecendo maior autonomia do laicato.

1.3 Alguns condicionantes da fundação da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria*

A queda no número de católicos e o aumento do número de evangélicos contribui para o surgimento de novas associações e formas de vida dentro do catolicismo que, ao reconfigurar-se, responda aos anseios daquilo que as pessoas buscam e, com isso, tentar reter ou reduzir a evasão de fiéis católicos ou ainda atrair aqueles católicos sem vida efetiva e engajada, num processo de reavivamento.

No Brasil, em 2022, registram-se 278 circunscrições eclesiais (dioceses, prelazias) e 12.013 paróquias (Junior, 2023) da Igreja Católica, e, já em 2019, havia sido registrada a soma de 109.560 igrejas evangélicas, das mais diversas denominações, um crescimento exponencial,

sobretudo desde os anos de 1970 e com maior ciclo de crescimento entre os anos 2000 e 2016 (Araujo, 2023). De acordo com Araújo (2023, p. 20), o crescimento de uma denominação específica não está associado à redução de outros grupos evangélicos no mesmo local, de forma que o crescimento do pentecostalismo nos Estados brasileiros tende a impulsionar o crescimento de seus pares de outras denominações, e não o contrário, de forma que isso corrobora com o argumento de que a principal característica da transição religiosa em curso no Brasil é o enfraquecimento da Igreja Católica, especialmente nas áreas periféricas dos grandes centros urbanos.

A Igreja Católica é chamada a uma atualização, ao *aggiornamento*, como expressou o Papa João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II, isto é, a atualização da Igreja em diálogo com o mundo moderno. No que concerne mais diretamente ao papel dos fiéis leigos e suas novas formas de associação no interior da Igreja, considerou-se o seu lugar e a sua forma de existência, admitindo esses novos agrupamentos com uma organização própria, visando uma atuação mais direta e autônoma dos fiéis leigos na evangelização, resultando em ações mais específicas e plurais para atender o público católico.

A Igreja Católica no Maranhão atualmente é organizada em doze circunscrições eclesiais que formam uma província eclesiástica, constituindo o Regional Nordeste 5 da CNBB, sendo a Arquidiocese de São Luís a mais antiga (1677), seguida das Dioceses de Caxias (1939), Viana (1962), Bacabal (1968), Brejo (1971), Coroatá (1977), Pinheiro (1979), Carolina (1979), Balsas (1981), Grajaú (1981), Zé Doca (1983) e Imperatriz (1987). Os territórios de Grajaú, Pinheiro, Balsas, Carolina e Cândido Mendes (sede em Zé Doca desde 1983) já eram prelazias e contavam com um bispo prelado para cada território, sendo elevadas à Diocese nos anos indicados. A configuração geográfica dessa divisão segue conforme ilustra o mapa abaixo:

Figura 1: Mapa do Regional Nordeste 5 da CNBB (Maranhão)



Fonte: CNBB (2024)

Historicamente, a cidade de Imperatriz foi fundada por Frei Manoel Procópio em missão religiosa enviada pelo Estado do Pará, em 1852, sendo primeiramente Povoação de Santa Tereza de Imperatriz, e só em 1924 passou a ser cidade de Imperatriz. Até metade século XX, Imperatriz vivia sua situação de isolamento, que mudou depois dos acessos com as estradas, ligando a outras cidades da região e do país, sobretudo com a construção da rodovia Belém-Brasília.

A partir da década 1950, Imperatriz viveu uma sucessão de ciclos econômicos e processos migratórios, conforme observam Pantoja e Costa (2013, p. 246), dos quais os mais importantes foram: o ciclo do arroz, o ciclo da madeira e o ciclo do ouro (Serra Pelada). Segundo esses autores, os ciclos econômicos foram responsáveis pela grande onda de imigrantes que a cidade recebeu. Os fundadores da Assembleia de Deus em Imperatriz, em 1952, por exemplo, eram imigrantes vindos do Estado do Piauí, os quais fugiam da seca em busca de melhores condições de vida no Maranhão.

O crescimento populacional se deu significativamente a partir da década de 1950. Em 1970, a população em Imperatriz era de 80.827 habitantes; já em 1980, a população era de 220.079, conforme registros do censo do IBGE desses respectivos anos²¹, de modo que de 1970 a 1980 a população quase triplicou. De acordo com o estudo de Pantoja e Costa (2013, p. 248), em 1980, a população de Imperatriz era composta por 11% de maranhenses, 22% de pessoas de outros Estados do Nordeste e 67% de pessoas de outras regiões do país.

Atualmente, conforme o censo do IBGE de 2022, a população de Imperatriz soma 273.110 habitantes, indicando um crescimento mais lento ao anterior nas últimas quatro décadas, devendo considerar-se também a criação de novo municípios, desmembrados de Imperatriz.

Em nível de Estado, mais recentemente, conforme os dados do censo do IBGE de 2010, a população do Maranhão era de 6.574.789 habitantes, dos quais 4.899.250 habitantes eram católicos romanos, 1.130.399 evangélicos, 12.505 espíritas, 3.706 umbandistas, 582 do Candomblé e 431.138 declararam-se sem religião. No andamento desta pesquisa, não foram divulgados os resultados do censo do IBGE de 2022 referente às religiões e denominações religiosas, impossibilitando a apresentação de dados mais atualizados sobre o assunto.

²¹ Censo Demográfico IBGE 1970 (40. Idade por sexo segundo as microrregiões e os municípios, p. 156), disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t5_ma.pdf>; Censo Demográfico IBGE 1980 (1.10 População residente, por religião e sexo, segundo as mesorregiões, as microrregiões e os municípios, p. 34), disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n7_ma.pdf>.

Conforme os dados do relatório²² do Regional Nordeste 5 da CNBB, produzido para a visita *ad limina apostolorum*²³, em 2020, havia 2.730 catequistas, 405 padres, sendo 314 diocesanos e 91 de congregações religiosas, 81 diáconos permanentes, 206 religiosos de vida consagrada e 536 religiosas de vida consagrada. Acerca do número de paróquias em todo o Estado, somavam 273.

Dentro desse conjunto, a Diocese de Imperatriz é a mais nova da província eclesiástica, com trinta e sete anos de criação, sob o governo de seu terceiro Bispo diocesano, Dom Vilsom Basso. Sua jurisdição corresponde aos territórios dos municípios de Açailândia, Amarante do Maranhão, Buritirana, Cidelândia, Davinópolis, Imperatriz, Itinga do Maranhão, João Lisboa, Governador Edson Lobão, São Francisco do Brejão, São Pedro da Água Branca, Senador La Roque e Vila Nova dos Martírios, correspondendo a 25.958 km², cuja população referente ao território da Diocese, conforme relatório estatístico anual diocesano de 2022, soma 584.545 pessoas das quais 347.057 são católicas, 160.927 são adeptas de outras religiões cristãs onde se contabilizam os evangélicos, e 50.031 são adeptas de religiões ou cultos não-cristãos.

A Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria* foi fundada aos 03 de novembro de 2001, em Imperatriz/MA, mais especificamente a partir do Grupo de Oração da RCC da Paróquia Santa Rita de Cássia, no bairro Santa Rita, região de periferia, e atualmente tem sede no município de Davinópolis/MA, na vila Santa Lúcia, bairro periférico da cidade. Sua fundadora, Márcia Sepúlveda, é adulta, casada há doze anos, e vive com os membros da Comunidade de Vida, conquanto em casas distintas no mesmo espaço geográfico.

Na foto abaixo, um registro dos fundadores da Comunidade com o atual Bispo diocesano de Imperatriz, na ocasião de uma missa presidida pelo Bispo para a renovação da consagração dos membros, no espaço onde acontecem as celebrações na sede da Comunidade, em Davinópolis, o que expressa, além de uma presença significativa e honrosa para a Comunidade por ter a presidência do Bispo para essa missa, a manutenção de relações de proximidade da Comunidade com a hierarquia. Da esquerda para direita: Márcia (fundadora), Fabiano (cofundador e esposo da Márcia), Dom Vilsom Basso (Bispo diocesano de Imperatriz) e Clelbiane (cofundadora).

²² Relatório preparado pelo Dr. Fernando Altemeyer Junior – PUC/SP, disponível no site da Diocese de Viana: <<https://diocesedeviana.org.br/maranhao-ne5.html>>.

²³ Diz respeito à visita que os bispos devem fazer ao Papa, geralmente a cada 5 anos, dentro do exercício do ministério episcopal à frente da Diocese, sendo uma prescrição do Código de Direito Canônico (cf. cân. 399-400). Nessa visita, são previstos: apresentação de relatórios sobre a situação da Diocese ao Papa; encontros com os prefeitos dos dicastérios da Cúria Romana, espécies de departamentos que ajudam o Papa no governo da Igreja em todo o mundo; como também a veneração dos sepulcros dos Apóstolos Pedro e Paulo.

Imagem 1: Foto publicada em 25/03/2023 na rede social Facebook, perfil “Oliveira Clelbiane”



Fonte: Facebook (2023)

A Comunidade integra, no curso do mês de junho de 2024, quarenta membros: nove são membros de vida (os que se dedicam totalmente à Comunidade, deixando estudos, profissões, vida familiar etc.) dos quais sete são consagrados e dois são pré-discípulos (em formação no primeiro ano); trinta e um são membros de aliança (os que dedicam parte de seu tempo às ações missionárias da Comunidade) dos quais vinte e cinco são consagrados, dois são discípulos (em formação no terceiro ano) e dois são pré-discípulos (em formação no primeiro ano), sendo que dos membros de aliança consagrados há um casal de aliança residencial (trabalha fora da Comunidade, porém reside em sua sede, em uma casa destinada ao casal e seus filhos, dedicando parte de seu tempo às atividades da Comunidade).

Compõe a Comunidade homens e mulheres: casados, como é o caso da Márcia (fundadora) com o Fabiano (cofundador), o casal de aliança residencial e outros membros de aliança; solteiros, como é o caso da cofundadora (Clelbiane), alguns membros de vida e de aliança; celibatárias, há dois membros de vida e, até o momento, nenhum celibatário membro de aliança. Desse modo, tanto na comunidade de vida quanto na comunidade de aliança podem ter membros casais (vivem o matrimônio cristão), solteiros (estado temporário, no sentido de que poderão celebrar matrimônio) e celibatários (estado de vida escolhido de não celebrar matrimônio). A presença de padres na Comunidade é apenas de assistência sacramental e espiritual, não estabelecendo vínculo nem de vida e nem de aliança com a comunidade.

O contexto geral de declínio do quantitativo católico e o aumento do número de evangélicos, bem como o avanço da presença das igrejas evangélicas de modo mais ágil e plural entre as mais diversas classes sociais e sua típica forma organizacional em que para cada congregação há um pastor, contrastada com a forma de organização paroquial da Igreja Católica, mais centralizadora e burocrática, que, comumente, reúne várias comunidades de fiéis

assistidas por um ou dois padres, tal contexto verifica-se também em nossa realidade local pelo que foi possível perceber a partir dos dados censitários.

A realização do Concílio Vaticano II com suas diretrizes resultou em profundas mudanças na vida da Igreja Católica em seus mais diversos âmbitos em todo o mundo. O impulso que o Concílio deu ao protagonismo dos fiéis leigos e leigas propulsionou uma abertura a múltiplas formas de associações, atuações e movimentos católicos liderados por leigos em todas as partes do mundo, particularmente a partir do último quartel do século XX, fator também constatado no Brasil nas mais diversas dioceses onde se manifestou a presença das CEBs, RCC e NC, Movimento de Cursilhos de Cristandade (MCC), movimentos de casais e tantas outras associações, fomentando o surgimento de profusas lideranças leigas, favorecendo um espaço mais plural no interior da Igreja para a vivência da fé, abarcando maior número de pessoas em vista não só da retenção de fiéis, mas também da atração de membros afastados e do acolhimento e acompanhamento de novos membros.

Com o êxodo rural e as migrações diversas, os centros urbanos cresceram demograficamente, resultando em um contingente católico demasiado grande para um número insuficiente de clérigos para a assistência pastoral e favorecendo a expansão das igrejas evangélicas das mais variadas denominações, alcançando mais rapidamente as periferias das cidades do que a Igreja Católica.

Em Imperatriz, como vimos, o crescimento da população quase triplicou da década de 1970 para 1980, passando de 80.827 para 220.079 habitantes, dos quais 89,2% eram católicos e 8,7% eram evangélicos (soma dos tradicionais e pentecostais), chegando a 247.505 habitantes, em 2010, dos quais 94,8% moravam na zona urbana, 56,1% eram católicos, 31,9% eram evangélicos, 8,4% declararam-se sem religião e 0,008% era da umbanda ou candomblé, conforme dados do IBGE. Assim, observamos, em 2010, uma população majoritariamente residente na zona urbana, resultado do desenvolvimento e urbanização de Imperatriz, com queda expressiva do número de católicos e aumento significativo dos evangélicos, decorrência da presença e atuação mais incisiva das igrejas evangélicas desde as periferias às regiões mais centrais em contraponto à atuação da Igreja Católica, mais morosa para chegar e atuar nas periferias devido à estrutura paroquial centralizadora e ao baixo número de sacerdotes para estar presente e assistir amiúde os fiéis. Importa ressaltar ainda o crescimento do contingente que se declarou sem religião, que do ano 2000, cuja população era de 230.566 habitantes, foi de 6,6% para 8,4%, em 2010. Em 2000, não há registro de pessoas que se declararam adeptas da umbanda ou candomblé, que aparece demasiado tímido em 2010, provavelmente efeito de uma

realidade ainda intolerante e preconceituosa, uma vez que o número de adeptos não corresponde à realidade, sem desconsiderar os adeptos que transitam entre religiões.

A cidade de Imperatriz se tornou sede de diocese em 1987, até então pertencente à Diocese de Carolina, sete anos depois de o censo de 1980 ter registrado o crescimento populacional expressivo. Seu primeiro bispo foi Dom Affonso Felipe Gregory, natural de Estrela/RS, formado em teologia, em Roma, e em sociologia, na Bélgica, bispo auxiliar do Rio de Janeiro antes de tomar posse da Diocese de Imperatriz.

Quando da criação da Diocese de Imperatriz, havia pelo menos sete anos de atuação da RCC na cidade de Imperatriz e, ao menos, dois grupos de oração já estruturados, um na Paróquia Nossa Senhora de Fátima e outro na Paróquia São Francisco de Assis, as duas no bairro Centro. Esse período, ainda corresponde a um momento de pujante atividade das CEBs pelas questões sociais, inclusive com atuação mais direta do então Bispo diocesano, pelo que se relata que ele intervinha entre os latifundiários em favor dos pobres, arrumando não poucas brigas (Vieira, 2008). Já na década de 1990, a RCC passa a se expandir, chegando às comunidades das periferias, onde cresce e ganha mais espaço, atraindo pessoas, como ocorreu na Paróquia Santa Rita de Cássia, no bairro Santa Rita, onde o Grupo de Oração da RCC tinha forte articulação e encontrava-se um grupo de jovens com mais de quatrocentos jovens, até a fundação da Comunidade *Sim de Maria*.

Nessa conjuntura, por conseguinte, é que se delineia o surgimento da Nova Comunidade a partir de algumas lideranças e outros membros integrantes do Grupo de Oração *Sim de Maria* da RCC na Paróquia Santa Rita de Cássia, de onde decorrerão as articulações para a efetivação dessa nova associação.

CAPÍTULO 2:

A PENTECOSTALIZAÇÃO CATÓLICA: Bases, movimentos e novas formas institucionais em Imperatriz

O processo de reconstituição das dinâmicas que levaram à institucionalização da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria*, objeto de análise desta dissertação, requer posicionar esse novo produto institucional no bojo de um conjunto de processos interdependentes que se liga às recomposições da própria posição do laicato no seio do catolicismo e, particularmente, nas formas organizacionais mais recentes. Para tanto, neste capítulo, abordamos a alteração da condição do laicato na esteira das modificações implementadas desde o Concílio Vaticano II; depois, exploramos parte da história da criação e difusão da Renovação Carismática no contexto brasileiro e maranhense, concebendo-a como matriz decisiva para o processo de pentecostalização católica em curso, apresentando e descrevendo um quadro das diversas organizações de fiéis criadas recentemente em Imperatriz; encerramos com uma descrição sobre o processo de construção empírica da pesquisa, destacando alguns dos desafios da dupla condição de padre e pesquisador.

2.1 Novo papel dos leigos desde o Concílio Vaticano II: Caminhos da RCC entre movimentos eclesiais e novos movimentos religiosos

As implicações decorrentes das decisões conciliares para a dimensão do laicato impulsionaram uma nova compreensão e atuação dos fiéis leigos e leigas na vida e missão da Igreja Católica. As proposições diretivas promulgadas no decreto *Apostolicam Actuositatem* condensam e exprimem a autoleitura da Igreja em relação ao laicato, sobremaneira reconhecendo seu valor e dignidade, superando a passividade, inércia e tutela frente à hierarquia. O referido decreto indica: “Os leigos, portanto, tenham em grande apreço e ajudem o quanto puderem as obras caritativas e as iniciativas de assistência social, públicas ou privadas, também as internacionais, que faz chegar a todos os homens e povos necessitados um auxílio eficaz” (AA n. 8), autorizando os leigos a exercer “suas atividades pastorais, individualmente ou reunidos em comunidades ou associações” (AA n. 15).

O decreto sobre o apostolado dos leigos não regula suas atividades, mas expõe sua natureza, princípios, valores e diversos campos de apostolado, expondo orientações gerais a esse respeito. No entanto, já em seu início se observa a seguinte ordem: “tudo deverá servir como norma para a revisão do Direito Canônico, no que se refere ao apostolado dos leigos” (AA n. 1).

Em 1983, o então romano pontífice João Paulo II promulgou o novo Código de Direito Canônico (CDC), compilando, do ponto de vista jurídico, as disposições emanadas pelo Concílio Vaticano II, atualizando o Código de 1917, cuja perspectiva não incluía a atuação dos leigos de forma ativa. O Código vigente reconheceu e regulou as associações compostas pelos leigos. Conforme pondera Silva:

O novo código também reconheceu o legítimo direito dos leigos de fundar e dirigir livremente associações para fins de caridade e piedade para fomentarem a vivência cristã no mundo (cf. CDC, Cân 215). Todavia, estas associações somente são reconhecidas quando os seus respectivos estatutos são aprovados pela autoridade eclesiástica competente (cf. CDC, Cân 299), pois são eles que determinam a finalidade ou o objetivo da associação, sua sede, regime e condições, assim como o seu modo de agir, diferenciando-os assim das demais entidades eclesiais (cf. CDC, Cân 304) (Silva, 2015, p. 71).

Os movimentos são formas associativas de participação na vida e missão da Igreja e alguns deles surgem mesmo antes do Concílio Vaticano II, como o Apostolado da Oração e a Pia União das Filhas de Maria, cuja autoridade centrava-se fortemente no sacerdote, quando não exclusiva, e a Ação Católica, que, embora havia um enfoque maior no leigo, o papel do assistente eclesiástico era notável, de maneira que a autonomia dos leigos no movimento era tolhida. Muitos católicos vivem sua relação de pertença à Igreja nesse contexto de novas formas associativas chamadas associações de fiéis leigos ou movimentos eclesiais, em cujo contexto pós-conciliar o leigo tem verdadeira preeminência, tendo o sacerdote um desempenho de menor relevância. Acerca disso, Maués comenta:

Agora, nos NMEs [Novos Movimentos Eclesiais], o sacerdote também participa, mas em muitos casos – se não na maioria – não mais como contratado ou assistente, mas sim como membro do movimento que, em muitas situações, é fundado, organizado e dirigido por leigos. Por outro lado, fato também notável, muitos desses movimentos formam seus próprios sacerdotes, que lhes são fiéis, mesmo que eles sejam dirigidos por leigos (Maués, 2012, p. 861).

Outro fator característico, comenta Maués (2012, p. 861), é que esses Movimentos Eclesiais organizam suas próprias comunidades eclesiais, assemelhando-se, mas não se confundindo com as antigas e tradicionais ordens e congregações religiosas.

Os Novos Movimentos Eclesiais não se referem à mesma realidade dos Novos Movimentos Religiosos²⁴, embora possa ocorrer uma superposição entre eles, como é o caso da RCC, desde que seja considerada parte do chamado neopentecostalismo (Maués, 2012, p. 858). Do ponto de vista da agregação dos fiéis católicos, não se fala de movimentos laicais, mas de movimentos eclesiais conquanto sejam laicais, pois elas emergem no interior da Igreja, de maneira que o uso do qualificativo laical excluiria a presença dos clérigos e o *status* religioso-ecclesiástico, enquanto o termo eclesial os inclui. Desse modo, o movimento eclesial relaciona-se tanto acerca de sua identidade como de sua atividade à natureza e missão próprias da Igreja Católica (Neto, 2012).

Carranza e Mariz (2009, p. 143) afirmam que a grande inovação dos Novos Movimentos é a proposta de vida consagrada e comunitária para os leigos ao redor de um fundador carismático. Em relação aos leigos e sua integração nesses movimentos, as autoras comentam:

[...] Atraídos, seja pela proposta ou pela figura carismática do fundador do movimento, seus membros experimentam um tipo de conversão dentro do próprio catolicismo e vivenciam de maneira radical a fé, mudando o estilo de vida. Além de oferecer formas diversas de consagração a seus membros, esses movimentos inovam por proporcionar formação específica para seus próprios ministros ordenados. Neles é possível encontrar solteiros, homens e mulheres, consagrados a Jesus Cristo e ao movimento, além de casais partilhando ideais de castidade e, até sacerdotes e bispos dedicados ao serviço da comunidade e identificados com seu carisma (Carranza; Mariz, p. 2009, p. 143).

Atinente à nossa pesquisa, vale ressaltar e situar a RCC dentro desse contexto de movimento eclesial, pois as Novas Comunidades emergem de seu interior e nutrem-se de sua espiritualidade.

Conforme Silva (2023, p. 24), a RCC surge a partir de uma iniciativa de um retiro de jovens universitários de Duquesne, na cidade de Pittsburgh, na Pensilvânia (EUA), em 1967, cuja preocupação era o reavivamento da fé católica que estava em declínio em seu país. Esse movimento, sopesado em contexto mais amplo, de acordo com Carranza (2009, p. 36) “corresponde a uma expressão particular do movimento de pentecostalização mais amplo, cujas raízes encontram-se no protestantismo norte-americano do final do século XIX e início do século XX, os denominados *holiness revival*.”

Analizando o contexto de surgimento da RCC, Silva comenta acerca do foco que o indivíduo possui em relação à dimensão comunitária, social e de base como propunha as CEBs:

²⁴ Acerca desse campo, Machado (2010) apresenta uma análise sobre a noção de novos movimentos religiosos e suas relações com indivíduo e comunidade.

O movimento Renovação Carismática Católica (RCC) respondeu ao reaparecimento de um sujeito que, com o declínio da identidade coletiva e social inspiradas pelas CEBs, ressurgira no cenário religioso: o indivíduo. O interesse eclesial, agora, era direcionado à pessoa, à busca de sua salvação, ainda que por meio da participação em grupos de oração, e à resolução de seus problemas (físicos, espirituais, financeiros). Assim como as CEBs, constitui-se como um movimento de leigos, mas com contornos identitários bastante diferenciados (Silva, 2023, p. 23).

Carranza comenta acerca dos elementos que partem da dimensão teológica e caracterizam o movimento, estando propriamente em sua raiz e organização, que o coloca na esteira do movimento religioso do pentecostalismo, a saber:

[...] é conhecida sua tríade espiritual que, alicerçada no relato bíblico do Pentecostes (Atos dos Apóstolos, 2,42), destaca os dons e carismas como meios de santificação pessoal e de serviço nas “estruturas terrenas” e, na Igreja, a glossolalia (falar em línguas ininteligíveis), o repouso no espírito (êxtase espiritual), curas milagrosas, afirmação de revelações divinas. A essa visão teológica somou-se uma estrutura básica de organização: os grupos de oração, responsáveis por propiciar uma vivência avassaladora do Espírito Santo na conversão dos católicos, muitas vezes afastados das práticas sacramentais e da formação doutrinal [...] (Carranza, 2009, p. 36).

Silva (2023) afirma que a RCC surge como um movimento de renovação do catolicismo, visando, sobretudo, o reavivamento da fé dos católicos não praticantes, a partir do ambiente universitário, que resultou ao movimento “predominância de ação entre as camadas médias e escolarizadas, nos setores mais industrializados e modernizados da vida social, inclusive no Brasil, em mais um contraponto ao público-alvo das CEBs” (Silva, 2023, p. 24).

No Brasil, a RCC chegou em 1969, em Campinas/SP, por meio dos sacerdotes jesuítas Eduardo Dougherty e Haroldo Rahm, em contexto de um retiro espiritual pregado por eles. Após a chegada do movimento, Carranza comenta sobre sua disseminação, afirmando:

Bastou uma década para que dos “seminários de vida no espírito” germinassem centenas de seguidores da RCC. Muitas dioceses viram proliferar grupos de oração nas paróquias ou em casas particulares quando os leigos, maioria no Movimento, encontravam resistências por parte do clero. Estádios de futebol e ginásios passaram a ser palcos dos Cenáculos que, da mesma maneira que os encontros multitudinários dos protestantes pentecostais, atraíam os fiéis pela sua performance de louvor (bater palmas, choros, gritos), glossolalia, promessas de cura e libertação e exorcismos. Despontam lideranças, pregadores, fundadores, Comunidades de Aliança, programas de rádio e de televisão, materiais impressos, secretarias, projetos e campanhas, conselhos nacionais e estaduais, tudo isso para dar vazão organizativa ao “espírito que sopra onde quer” (Carranza, 2009, p. 37).

Uma dessas lideranças despontadas é o padre Jonas Abib, que teve sua iniciação no movimento carismático em 1972, na ocasião de um retiro pregado pelo padre Haroldo Rahm e, em 1978, fundou a comunidade Canção Nova, precursora das Novas Comunidades

Carismáticas no Brasil, com sede localizada no município de Cachoeira Paulista, interior de São Paulo.

Para Carranza (2009), de uma perspectiva externa, a RCC atraiu os holofotes da mídia que a associou aos evangélicos; internamente ao catolicismo, o movimento encontrou simpatia e adesão dos fiéis católicos, tendo por parte da hierarquia pouco apoio e mais resistência. Contudo, na RCC, a Igreja Católica via uma oportunidade de reinstitucionalização dos fiéis afastados e, com isso, de contenção dos católicos “que se esvaíam nas veias pentecostais evangélicas” (Carranza, 2009, p. 37), sendo necessário, pois, sua assimilação e seu controle.

No Brasil, a CNBB, em 1994, mais de duas décadas após a chegada da RCC no país, publicou o Documento 53 *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica* aos membros da RCC para ser refletido e aprofundado, sendo um “ponto de referência para um diálogo constante dos pastores com os fiéis nos vários níveis da vida de Igreja” (CNBB, 1994, n. 6), abarcando desde questões mais gerais àquelas mais particulares. Silva resume este documento da seguinte maneira:

Um documento, portanto, que demonstra uma linha de disciplinamento da RCC por parte da hierarquia, sob o receio de perder o controle sobre o movimento que, não custa lembrar, surgiu no meio de leigos. Recomendar, pois, cautela no uso dos dons carismáticos, em especial o de línguas e o dom de cura, era atacar a identidade carismática no que ela tem de “carismática”, uma vez que a própria razão de ser da RCC é a vivência dos dons carismáticos dentro do catolicismo. Uma “obediência”, pois, às recomendações da CNBB poderia ter findado a existência da RCC como “renovação carismática” (Silva, 2023, p. 37).

Dessa maneira, explicitava-se o exercício da hierarquia em assimilar o movimento, manifestando diretrizes para o que deve ser assumido em sua estrutura a fim de estar em comunhão com a Igreja Católica no Brasil e, conseqüentemente, uma tentativa de controlar suas ações.

Concernente a esses percalços de aceitação e expansão, considerando a dimensão pentecostalista da RCC, Silva comenta:

[...] Isso fez com, que durante muito tempo, no interior da Igreja, uma considerável parcela do clero e dos fiéis fizesse do movimento uma representação do que seria uma “faceta protestante”, uma “outra Igreja” dentro da Igreja, mesmo uma “seita” dentro do catolicismo, que não guardava relações com o modo de ser católico configurado no Brasil, isto porque, desde seus primórdios, a RCC pretendeu renovar a própria estrutura da Igreja, transformando-a, apresentando-se, ela mesma, como uma “nova forma de ser igreja”. Isso talvez se explique, entre outras coisas, além das expressões “carismáticas” (falar em línguas, oração de cura e libertação, cânticos de louvor etc.), pelo fato de que, desde o início, a RCC despertou em seus membros o interesse pela fundação/organização de “comunidades”, espaços de “separação” daqueles que

seriam seus adeptos em relação ao conjunto dos fiéis católicos, para se dedicarem à vida “renovada” (Silva, 2023, p. 25-26).

Na avaliação de Carranza (2009, p. 43-45), a trajetória da RCC percorre três fases, sendo que as duas primeiras correspondem à etapa de fundação. A primeira diz respeito à difusão do movimento, que favoreceu o surgimento de inúmeros grupos de oração e comunidades; a segunda fase, por sua vez, atine ao que Weber designou de rotinização do carisma. Nesta segunda fase ocorre o controle das expressões carismáticas, como diminuição de manifestações de repouso no espírito, da glossolalia e do exorcismo. A terceira fase refere-se ao catolicismo midiático que “representa a volta do catolicismo das multidões (registrada na segunda metade do século passado), desta vez focado na sociedade do espetáculo para visibilizar a Igreja” (p. 44).

Na cidade de Imperatriz/MA, de acordo com Sousa (2016), há duas versões atinentes à chegada do pentecostalismo católico recolhidas a partir de fontes abordadas pelo método da história oral. A primeira versão aponta que a família Guerra, por meio da senhora Itália Guerra e sua irmã Ivone Guerra, trouxe o movimento. A atividade de Itália Guerra em implantar a RCC em Imperatriz parte de um convite de sua mãe, que recebia os encontros de oração em sua casa. Acerca dessa trajetória de chegada e sedimentação do movimento em Imperatriz, Sousa comenta:

Coordenadora do movimento em Anápolis, com grande proximidade com os principais percussores da renovação no país, os padres: Jonas Abib, Eduardo Dougherthy e Haroldo Han, Dona Itália aceita o convite de sua mãe depois de ela ter presenciado um encontro na casa de sua filha. Itália Guerra promove o primeiro encontro de primeira experiência na cidade, no fim dos anos 70 (entre 1978 a 1979). Nesse período a cidade teve a visita do padre Eduardo Dougherthy, despertando a vontade de outras pessoas a levarem o movimento a frente como foi o caso de dona Modesta, viajou bastante para formações em Anápolis se hospedando na casa de dona Itália Guerra. Fica responsável por trazer formações e formadores para os grupos existentes. Por volta do ano de 1986, dona Itália se muda para Imperatriz, se dedicando mais ainda com o movimento. Dona Ivone depois de um tempo se muda da cidade. Dona Itália no final da década de 80 e início de 90, é eleita a primeira coordenadora da RCC no município, coordenando durante aproximadamente quatro anos (Sousa, 2016, p. 45).

A segunda versão, porém, indica que, antes da iniciativa de Itália e Ivone, uma religiosa teresiana chamada Ir. Hermínia, de nacionalidade italiana e vinda do Rio Grande do Sul, havia iniciado o movimento com ajuda de outra religiosa, a Ir. Neves, motivando a criação de um grupo de oração no salão da igreja Nossa Senhora de Fátima, onde atualmente é a Catedral Diocesana, no início da década de 1970, sendo uma grande novidade na cidade e resultando em afluência de fiéis nas celebrações litúrgicas. Considerando o teor dessa versão, Sousa comenta:

Foi um grupo pequeno voltado para os jovens, mas que foi chamando a atenção e crescendo rapidamente. As irmãs resolveram levar para a paróquia de São Francisco, pois já realizavam trabalhos por lá. Os frades Capuchinhos (responsáveis pela paróquia), puseram resistência ao movimento, Dom. Marcelino orientava que os padres tinham que aproveitar o que a renovação tinha de melhor, apesar de ter suas observações e ponderamento ao movimento. Esse foi considerado o ponta pé inicial para o movimento, nos encontros buscava-se a adoração ao santíssimo, músicas de louvores e pregações. Houve muita resistência ao novo carisma, já existia na paróquia de São Francisco um grupo de jovens chamado JUC, da pastoral da juventude (grupo passou a se chamar Javé chammá [significa *o Senhor está lá*], depois da maioria dos membros terem sido batizados no Espírito Santo). O grupo da irmã Hermínia encontrando dificuldades com o grupo já existente, e com os frades, resolveram se encontrar nas casas de quem aceitava o encontro. Tiveram facilidade pois nessa época já existia um grupo de movimento chamado Grupo de Rua, que visita as casas dos fiéis da paróquia em que o grupo participa. Esse período de rua, um dos líderes da década de 90, Max, chama de “sopro do espírito santo” já que não existia o movimento como identidade, estrutura e organização, mas apenas uma experiência vivida entre poucos, e que não conseguiriam viver novamente com os que não entendiam (Sousa, 2016, p. 43-44).

As duas narrativas apontam para atividades no mesmo período capitaneadas por mulheres leigas e religiosas. Não se explicita e nem se confere o marco zero da RCC em Imperatriz a nenhuma delas, porém a chegada de Itália Guerra a Imperatriz se dá no mesmo período em que Ir. Hermínia iniciava os trabalhos na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. São as primícias do movimento carismático em Imperatriz.

Quando da transferência de Ir. Hermínia para o Rio Grande do Sul, ficam dois grupos de oração constituídos em Imperatriz, a saber, o Grupo de Oração São Francisco, na Paróquia São Francisco, e o Grupo de Oração Mensageiros do Rei, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, sob a liderança de dois leigos, Bento Scandian Villela e Ivone Guerra, que ajuda Bento Villela a assessorar os grupos durante a década de 1980.²⁵

Em 1986, Itália Guerra se muda para Imperatriz e dedica-se ainda mais ao movimento carismático, sendo eleita a primeira coordenadora da RCC em Imperatriz, por volta do fim da década de 1980 ou início da década de 1990, coordenando por aproximadamente quatro anos.

2.2 Reconstituindo a história da RCC no Nordeste e Maranhão

A região Nordeste do Brasil e também a região Sul, conforme o censo do IBGE de 2010, foram as duas regiões onde o contingente católico manteve-se acima do patamar de 70%,

²⁵ Não há datas precisas quanto à fundação dos Grupos de Oração, assim como no trabalho de Sousa (2016) não se expõem os relatos em uma perspectiva linear temporal. Faz-se mister ressaltar que o acesso a esses dados foi a partir do método de abordagem história oral.

registrando uma queda mais lenta do que o restante das regiões do país nessa década. No Nordeste, a proporção de católicos era de 72,2% da população²⁶.

Segundo Jacob, cientista político, em entrevista²⁷ à BBC Brasil em 2012, um dos fatores que contribuiu a essa menor queda no número de católicos no Nordeste foi o fato de esta região não ter sido acometida de um forte e significativo influxo de migrantes.

Para o cientista político, o aumento do número de igrejas evangélicas se dá no processo migratório, basicamente acompanhando a expansão da fronteira agrícola e mineral do país e nas favelas e municípios de regiões metropolitanas, de maneira que a chegada de migrantes a periferias metropolitanas geram uma concentração de população em lugares onde há ausência tanto do Estado quanto da Igreja Católica, que não tem agilidade para criar paróquias ou deslocar padres para atender esses grupos, diferente da atuação dos evangélicos que são mais ágeis para atender as necessidades espirituais dos migrantes.

Essa situação, conforme Jacob, não ocorre em populações mais estabelecidas, seja nos grandes centros urbanos ou no interior rural, onde “a tendência é as pessoas continuarem seguindo a mesma religião com a qual cresceram” (Carneiro, 2024). Acerca disso, Carneiro (2024) comenta que “o catolicismo continua mais solidamente implantado nas regiões de origem, e não de destino, de migrantes – como o interior do Nordeste e de Minas Gerais – e também em uma área extensa no Sul colonizada por comunidades católicas italianas”, localidades onde não aconteceram rupturas resultantes de processos migratórios.

A pesquisa realizada pelo Datafolha, em dezembro de 2019, com uma pequena parte da população²⁸, embora seja pesquisa de opinião pública e não entregue uma amostra da envergadura que o censo do IBGE intenciona, mostra o percentual de católicos e evangélicos por região: Nordeste (católicos 59%, evangélicos 27%), Sul (católicos 53%, evangélicos 30%), Sudeste (católicos 45%, evangélicos 32%), Centro-Oeste (católicos 49%, evangélicos 33%), Norte (católicos 50%, evangélicos 29%). Nessa pesquisa, percebe-se ainda que a região Nordeste concentra o maior contingente católico, seguida da região Sul.

Após a exposição desses dados referentes ao número de católicos e evangélicos, seguindo uma apresentação estatística cronológica das pesquisas, dispomos os dados mais recentes concernentes ao número de habitantes, afim de perceber o cenário atual quanto à população dos Estados da região Nordeste.

²⁶ Utilizamos os dados do censo de 2010, pois ainda não foram divulgados os dados de religião no censo de 2022.

²⁷ Matéria de Júlia Dias Carneiro no site BBC Brasil, em 29 de junho de 2012, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120629_mapa_religioes_jc>.

²⁸ A pesquisa foi realizada nos dias 5 e 6 de dezembro de 2019, com 2.948 entrevistados em 176 municípios de todo o país. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

De acordo com os dados preliminares do censo do IBGE de 2022, publicado em 28 de julho de 2023, referente à população no Brasil e às suas regiões, o Brasil tem 203.062.512 habitantes. A região Sudeste continua sendo a mais populosa, com 84.847.187 habitantes, seguida do Nordeste, com 54.644.582 habitantes, e em terceiro lugar a região Sul, com 29.933.315 habitantes.

Nas Unidades da Federação da região Nordeste, encontramos os seguintes dados, na ordem da Unidade mais populosa à menos populosa.

Tabela 1: População residente dos Estados da Região Nordeste em 2022

Unidade da Federação	Número de habitantes
Bahia	14.136.417
Pernambuco	9.058.155
Ceará	8.791.688
Maranhão	6.775.152
Paraíba	3.974.495
Rio Grande do Norte	3.302.406
Piauí	3.269.200
Alagoas	3.127.511
Sergipe	2.209.558

Fonte: IBGE (2022)

No decorrer da pesquisa, na busca de publicações e dados a respeito da Renovação Carismática Católica no Nordeste, constatee uma limitada literatura acadêmica e poucas informações a esse respeito. Encontrei diversas publicações acerca de notícias dos eventos espalhados pelo Nordeste, mas normalmente sem muitas informações, a não ser de divulgação do evento ou como matéria do evento acontecido.

No site oficial da RCC Brasil, acerca de informações sobre a RCC nos Estados, indicam-se apenas informações como e-mail, site, telefone e Instagram. Não há indicação de quantos Grupos de Oração existem ou quantas pessoas somam o quantitativo de participantes dos Grupos de Oração em cada Estado.

Conforme relato em entrevista, a Clelbiane, cofundadora da Comunidade Sim de Maria, afirmou que o Brasil é o único país onde a RCC tem uma organização formada em estrutura de Conselhos Nacional e Estaduais, com presidência e secretarias, informação declarada pelo Pe. Marcial Maçaneiro²⁹, em 2019, na ocasião do Simpósio Eucarístico na Diocese de Imperatriz.

Rosa comenta acerca dessa organização da RCC:

²⁹ Pós-doutorado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), Lisboa. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte. Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP (antes Instituto Teológico SCJ afiliado à PUC-Rio). Bacharel em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque. Pesquisador da Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales (RELEP) e teólogo da International Commission for Catholic-Pentecostal Dialogue (Vaticano), disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5326985041969045>>.

No Brasil, a RCC organiza-se por um Conselho Nacional e um conselho em cada estado do país. As principais atividades da RCC são os *grupos de oração* e *seminários de vida no Espírito*, e também reuniões de caráter massivo, denominadas *cenáculos*, *rebanhões*, *congressos estaduais e nacional*, *ENF* (Encontro Nacional de Formação), entre outros (Rosa, 2017, p. 25).

Conquanto haja um organismo constituído de conselhos nos diversos Estados do Brasil, que exerce uma ordem e monitoramento de atividades do Movimento, não se encontram dados compilados, como forma de mostrar a atividade e abrangência da RCC.

Quando do contato com um ex-coordenador estadual da RCC no Maranhão, perguntei-lhe sobre a existência de material, publicação, lugar onde fosse possível encontrar dados sobre a RCC no Nordeste. A essa questão, a única indicação foi a publicação de Maffi (2019), com a qual apresentaremos, ao modo de panorama geral, a presença da RCC no Nordeste, ressaltando que se trata de uma perspectiva nativa. Na ocasião, esse ex-coordenador estadual me direcionou a uma pessoa que trabalhou no ministério da comunicação da RCC no Estado do Maranhão para pesquisar outras fontes de informações.

Por meio de mensagem, fiz contato com esse ex-integrante do setor de comunicação e a respeito de informações sobre a RCC no Maranhão, fui mais uma vez remetido à publicação de Maffi (2019). Segundo esse ex-integrante:

Por ocasião do Jubileu dos 50 anos da RCC no Brasil, a RCC organizou um livro com relatos da chegada do movimento em todo país. Neste livro tem uma parte dedicada ao nosso Estado [MA]. Em termos catalogais, é o que temos. Contudo, não foi um trabalho feito com rigor de pesquisa. Valeu como busca por fontes primárias (Ex-integrante do ministério da comunicação da RCC no MA, em mensagem ao autor).

Sobre a organização e o lançamento dessa publicação de Maffi (2019), ele também esclareceu algumas questões, uma vez que esteve à frente da equipe responsável pela coleta de dados da pesquisa no Estado do Maranhão:

Para o lançamento deste livro, no ano de 2019, a Renovação iniciou um trabalho “reles” de sondagem nos Estados. Então, na gestão do Marcos Volcan, alguns anos antes, ele teve uma tentativa em 2010, perto da ocasião dos 40 anos da RCC, que acabou não dando certo. Então, seria uma pesquisa da seguinte forma: cada diocese do Brasil ficou de fazer o seu relato sobre o nascimento da RCC em sua circunscrição eclesialística [...] cada Estado faria um livro, um registro conforme as condições daquela região com a história do início da RCC naquele Estado e reuniria dentro desse livro a história de cada uma das dioceses. Porém, a gente entende que temos muita dificuldade em lidar com pesquisa quando a gente está dentro da academia, imagina para quem está fora. Então, foi um trabalho muito amador no sentido de que não houve um treinamento para fazer aplicação da pesquisa, não houve nada disso. O que aconteceu, por exemplo, no caso do Maranhão na época, e disso eu posso lhe falar porque eu estava à frente da equipe que fez essa coleta, é que nós enviamos uma

sugestão de modelo, isso foi feito, embora não tivesse tido resultado nenhum por questões de organização ou desorganização das próprias dioceses. Então, o projeto não foi adiante. Acabou que a única diocese que deu retorno foi a Diocese de Imperatriz, de modo que mesmo São Luís, tendo realizado um histórico, digamos assim, não foi adiante (Ex-integrante do ministério da comunicação da RCC no MA, em mensagem ao autor).

Seja como for, o fato é que na comemoração dos 50 anos da RCC (1969-2019) no Brasil, Maffi (2019), que é membro da RCC, recolhe e publica elementos da fundação da RCC nos Estados do Brasil. Ele afirma que consultou pelo menos três fontes para a produção de cada capítulo para registrar a história da RCC no Brasil, mas não indica na Introdução ou no Capítulo referente quais foram as fontes (Maffi, 2019, p. 14, 155), como também não há bibliografia indicada no livro, e menciona que existem outras interpretações dos fatos por pessoas que contam a história de forma diversa.

A chegada da RCC no Maranhão, de acordo com a narrativa de Maffi (2019, p. 159), deve-se à Ivone Guerra em 1980 a quem se associa Ir. Hermínia (Ermínia) e outros, mas não se menciona sua irmã, Itália Guerra, conforme se observa na narrativa:

A RCC chegou no Maranhão em 1980, na cidade de Imperatriz. Dona Ivone Guerra, recém-chegada de Anápolis-GO, inicia um Grupo de Oração nas casas. Juntam-se a ela Maurício Vilela, Penha e Irmã Ermínia. Com o crescimento da participação, no mesmo ano foi realizado o primeiro Seminário de Vida no Espírito Santo, na Paróquia São Francisco de Assis.

Nasce então o primeiro Grupo de Oração da RCC de Imperatriz, com reuniões nas quartas-feiras, às três horas da tarde, lotando a Igreja, com jovens, crianças, adultos e idosos. Em 1982 foi realizada uma Experiência de Oração para jovens, coordenada pela Irmã Ermínia e Batista, surgindo assim o primeiro Grupo de Oração para jovens da Diocese. Esse grupo se chamou no primeiro momento JUCC – Juventude Carismática Católica, mas logo o Senhor deu a inspiração para Javé-Chammá. A partir destes dois Grupos de Oração a RCC se espalhou para todo o Estado do Maranhão (Maffi, 2019, p. 159).

A partir das narrativas expostas, concordam-se os fatos de que a RCC chega ao Estado do Maranhão pela cidade de Imperatriz e, a partir da atuação dos membros da RCC de Imperatriz, o movimento se difunde pelo Estado.

Com a atuação e articulação de Itália Guerra, por exemplo, adveio o festival *Minha vida tem sentido* em Imperatriz, no período do carnaval, que, inicialmente, era apenas para o Grupo de Oração Sagrada Família da qual ela fazia parte – que depois foi organizado e estabelecido como uma Nova Comunidade, a Comunidade de Aliança Sagrada Família (CASF). Depois, o festival passou a ser aberto ao público da cidade interessado em passar o período do carnaval em clima religioso ao estilo carismático. Acerca disso, Sousa observa:

O festival começou sem muitas pretensões quantitativas na creche Dom Bosco no carnaval de 1990. Depois três edições aquele pequeno retiro não comportava tantas pessoas que queriam participar, então passa para o ginásio de várias escolas e fica como evento aberto exigindo uma melhor estrutura para acomodar a quantidade de pessoas que crescia a cada ano, até quando o festival muda pela última vez de local e foi realizado nos anos de 2015 e 2016 no Centro de Convenções de Imperatriz (Sousa, 2016, p. 47).

Sousa (2016, p. 48) elenca os anos e os locais do festival: 1990-1993, na Creche Dom Bosco; no ano seguinte, Sousa repete o ano 1993, podendo ser um erro de digitação, ao que deveria corresponder 1994-1998, no Ginásio do Fiqueninho; 1999-2003, no Ginásio da Escola Amaral Raposo; 2003-2014, no Ginásio da Escola SESI; 2015-2016, no Centro de Convenções de Imperatriz, quando do ano da pesquisa do autor.

Consultando o perfil do Facebook “Renovação Carismática Católica – Imperatriz” e o site de notícia *imirante* e *diocesedeimperatriz*, encontra-se que de 2017 a 2020 continuou no Centro de Convenções de Imperatriz. Em 2020, em fevereiro, antes do distanciamento social provocado pela pandemia da Covid-19, aconteceu a 30ª edição do festival. Em 2021, não houve festival, como se nota a comunicação no perfil da RCC no Facebook de 10/02/2021, devido ao aumento dos casos de Covid-19. Em 2022, não há nenhuma nota publicada no perfil sobre a realização do evento, mas conclui-se que não foi realizado, pois, em 2023, seguiu-se a 31ª edição, no Centro de Convenções de Imperatriz. Em 2024, a 32ª edição aconteceu no Ginásio da Paróquia de São Francisco.

Essa última mudança de local aponta não só a diminuição de participantes, considerando que o Centro de Convenções comporta até 7.000 pessoas em pé, e 4.000 pessoas sentadas, em relação ao Ginásio da Paróquia de São Francisco que comporta em média 1.200 pessoas, mas também o desafio de captação de recursos financeiros para gerir o festival, uma vez que se trata de um evento de entrada franca. Segundo informado por um ex-membro da coordenação diocesana da RCC (entrevistado 1), a despesa prevista em 2024 com o aluguel do Centro de Convenções era cotada em média de R\$ 36 mil mais R\$ 50 a 60 mil para alugar os geradores de energia do sistema de ar condicionado, sendo que a viabilidade de manter o evento no ano anterior, em 2023, com parte do aluguel dos geradores, foi devido ao auxílio do Governo do Estado, por meio de um deputado estadual, que a coordenação da RCC não poderia contar para 2024.

Há que se considerar também que o festival já não é a única atividade de carnaval proposta aos católicos, em especial aos católicos carismáticos. Em 10 de fevereiro de 2024, o site da Diocese de Imperatriz noticiou a programação de seis retiros na cidade de Imperatriz, sendo três deles organizados por Novas Comunidades: o *Magnificat*, organizado pela

Comunidade *Sim de Maria*; o *Renascer*, organizado pela Comunidade *Shalom*; o 10º *Acampamento da Misericórdia*, organizado pela Comunidade *Filhos da Divina Misericórdia*; o *Acampamento do Grupo GUC* da Pastoral da Juventude (PJ); *Encontro com Cristo*, organizado pela Paróquia São José (Bairro São José); e *Retiro DJ* do Grupo Deus é Jovem da PJ.³⁰ Houve ainda a comunicação de sete outros retiros em outras cidades da Diocese. Não há, portanto, um trabalho de centralização dos católicos carismáticos no festival, que poderia dar mais visibilidade à RCC ou desarticular as forças locais de grupos mais distantes, e as Novas Comunidades, como Sim de Maria, Shalom e Filhos da Divina Misericórdia, que têm sua gênese na RCC, articulam-se independentemente, cada qual ao seu modo.

A partir desses dados coletados na publicação de Maffi (2019), podemos ter o seguinte panorama geral acerca da chegada da RCC nos Estados do Nordeste.

Quadro 1: Dados da chegada da RCC nos Estados do Nordeste

Cidade/Estado	Data	Responsável(is)
Imperatriz/MA	Ano de 1980	D. Ivone Guerra a partir de Grupo de Oração nas casas.
Teresina/PI	Década de 1970	Pe. Alfredo Schäffler com as experiências de Oração.
Fortaleza/CE	Ano de 1975	Pe. Eduardo Dougherty pregou o primeiro Seminário de Vida no Espírito Santo.
Natal/RN	Ano de 1978	O Movimento do Cursilho de Cristandade convidou as irmãs Graciema e Ribeiro, de Fortaleza, para falar sobre a experiência que estavam vivendo com a RCC.
Olinda/PE	Ano de 1975	Pe. Eduardo Dougherty pregou um retiro para as Irmãs Beneditinas, que foram fundamentais para implantação de Grupos de Oração nas casas e paróquias.
Maceió/AL	Ano de 1977	Fr. Fulgêncio, que participou de uma experiência de oração em Salvador/BA, começou um Grupo de Oração.
Salvador/BA	Ano de 1973	Pe. Gardenal, Fernando Feitosa e Eduardo Joaquim, com presença de outros leigos e religiosas, em reunião na Casa de Retiros de São Francisco.
Aracaju/SE	Ano de 1976	Frei Augusto, após participar de experiência de oração em Salvador/BA, acompanhado de mais dez homens do Movimento de Cursilho, funda o Grupo de Oração na Igreja da colina de S. Antônio.
João Pessoa/PB	Ano de 1979	Irmã Margarida, diretora do colégio Nossa Senhora das Neves, participou de um retiro com o Pe. Eduardo Dougherty e iniciou um Grupo de Oração.

Fonte: Maffi (2019)

A partir dessas informações, podemos perceber que a RCC chega primeiro nas capitais dos Estados, exceto os Estados do Maranhão e de Pernambuco. Olinda já foi capital de Pernambuco e pertence à região metropolitana do Recife. Imperatriz, cidade do interior do Maranhão, em 1980, vivia um processo de desenvolvimento e urbanização.

³⁰ Carnaval 2024 na Diocese de Imperatriz, disponível em: <<https://diocesedeimperatriz.org.br/carnaval-2024-mais-de-12-retiros-catolicos-na-diocese-de-imperatriz/>>.

Considerando que a data da chegada da RCC no Estado do Piauí foi posta em referência à década, não há uma precisão do ano. Assim, a Bahia foi o primeiro Estado onde chegou a RCC, em 1973, e os demais Estados indicam a sua chegada nos anos da década de 1970, exceto o Maranhão ao qual se indica o ano de 1980, sendo o último Estado do Nordeste onde a RCC chegou, conforme os dados de Maffi (2019).

Outro elemento interessante para destacar é o fator de que a grande parte dos responsáveis pela chegada do Movimento nos Estados do Nordeste é de clérigos ou religiosos e religiosas, inclusive sendo o Pe. Eduardo Dougherty pioneiro em dois Estados. Uma iniciativa do Movimento de Cursilhos de Cristandade, que é um movimento eclesial anterior à RCC, articula o contato com Rio Grande do Norte. O Maranhão é o único Estado onde a RCC chega por meio de uma leiga, se considerarmos o relato de que tenha sido iniciado por uma das irmãs Guerra, e não pelas religiosas.

Pelas diversas maneiras como se deu o primeiro contato por meio do qual possibilitou a chegada do Movimento RCC aos Estados do Nordeste, não havia uma ação destacada e única para favorecer essa chegada, como por exemplo, um Seminário de Vida no Espírito Santo ou um Congresso, sendo a década de 1970 o período de expansão pela região.

Um fator a ser destacado acerca da movimentação da RCC no Nordeste é o chamado “Nordestão” do RENASEM, Retiro Nacional para Seminaristas, promovido pelo ministério para seminaristas da RCC, que tem “a incumbência de manter viva a espiritualidade carismática nos seminaristas que sentiram seu chamado através dos carismas do Espírito Santo dentro da RCC ou das Novas Comunidades” e “a missão de romper com os preconceitos dentro do seminário quanto ao papel da RCC na Igreja e sua significância na espiritualidade dos candidatos ao sacerdócio”³¹.

Os futuros candidatos ao sacerdócio que tenham sua origem no movimento carismático são acompanhados, para além da estrutura formal do seminário diocesano com seu plano de formação, a partir das atividades promovidas pela RCC. Nesse sentido, esses eventos colaboram com a manutenção de contato entre os seminaristas carismáticos, favorecem uma certa resistência do carismatismo e proporcionam aos seminaristas o chamado revigoramento espiritual, visto que nem todos os seminários há espaços para as expressões do movimento carismático. Vale ressaltar que a participação dos seminaristas em eventos como esses nem sempre é apoiado pelos Bispos diocesanos, os quais às vezes manifestam restrições.

³¹ RCC, O que é o RENASEM, disponível em: <<https://renasemsp.wordpress.com/o-que-e-o-renasem/>>.

Em 2024, por exemplo, no período das férias de julho, dos dias 8 a 12, aconteceu o RENASEM em Teresina/PI, conforme noticiado por Guimarães (2024) no site da Arquidiocese de Teresina. Nesse retiro, Guimarães (2024) comenta que esteve presente Dom Alfredo Schäffler, Bispo emérito da Diocese de Parnaíba/PI, que presidiu a missa no encerramento do encontro (não foi encontrado registro fotográfico de sua presença). Ele foi um dos pioneiros da RCC no Estado do Piauí quando ainda padre, na década de 1970, conforme apresentado no quadro 1, e não deixa de ser uma figura emblemática do meio carismático especialmente para os candidatos ao sacerdócio.

Imagem 2: Participantes do RENASEM 2024, em Teresina/PI



Fonte: Site da Arquidiocese de Teresina (2024).

Acerca desse retiro, relata-se que:

A programação teve início na segunda-feira, 08 de julho, quando o arcebispo metropolitano, Dom Juarez Marques, presidiu a Santa Missa de abertura na Catedral de Nossa Senhora das Dores, na praça Saraiva. Ao longo de toda semana, seminaristas, padres e diáconos transitórios participaram de atividades religiosas, incluindo momentos de oração, pregações e celebrações, criando um momento de fraternidade e alegria (Guimarães, 2024).

A iniciativa de a RCC manter um ministério em seu interior para cuidar em acompanhar os seminaristas revela a sua preocupação com um futuro efetivo clerical que não só mantenha a identidade carismática, mas também que possa dar apoio e acompanhar as atividades do movimento depois de serem ordenados sacerdotes.

Acerca do Maranhão, em resumo, este foi o Estado do Nordeste onde mais tardiamente chegou a RCC, já no início da década de 1980, em Imperatriz, cidade do interior do Estado, por meio de uma leiga ou por uma religiosa, conforme já explicitadas as duas narrativas da chegada da RCC em Imperatriz.

Na conversa com o mesmo ex-integrante do ministério da Comunicação da RCC no Maranhão, ele indica que a chegada da RCC em São Luís não foi via Imperatriz, e sim por meio do então presidente da RCC Brasil, Francisco Batista, quando ele se mudou de Brasília para São Luís, na década de 1980. Questionada acerca de outros dados, ela informou:

Não temos um documento formal. O que temos são relatos de pessoas que estavam nesse período. Então, não tem como dar uma data exata e nem o ano. Temos como saber a década, porque pela década temos como identificar o bispo que era na época. Por isso que a gente só tem como falar que foi na década de 1980, não tem uma data específica. Na cúria também não existe um documento formal, tipo um decreto ou provisão que identificasse um diretor espiritual à Renovação nesse período (Ex-integrante do ministério da comunicação da RCC no MA, em mensagem ao autor).

Como não há mais informações acerca da chegada da RCC em São Luís, remetendo à década de 1980, Imperatriz, a partir dos relatos, precisa melhor a trajetória da RCC quando da sua chegada e sua expansão, ainda que a capital não tenha recebido a RCC pelas vias do interior.

Em contato com a coordenação atual da RCC no Maranhão para solicitar possíveis materiais de informações sobre o movimento, tais como revistas, documentos, artigos, publicações, folhetos, atas, dados estatísticos, isto é, elementos que tratem da chegada da RCC no Estado, sua articulação e expansão, bem como de sua atual organização, quantidade de Grupos de Oração e de membros, fui informado pela atual coordenação de que “no Maranhão, infelizmente não temos essas informações documentadas em formas de artigos, ou revistas etc.” (membro da atual coordenação da RCC no Maranhão, em mensagem ao autor).

Na busca de informações do arquivo da Cúria Diocesana de Imperatriz, em pastas das paróquias onde os primeiros Grupos de Oração foram fundados, não foram encontrados relatos. Nos informativos mensais publicados por algumas paróquias com as notícias da vida pastoral, não foi encontrada nenhuma informação relevante, a não ser dando notícia de reunião do Grupo de Oração sem maiores informações. Em pesquisa pela internet, não foi encontrado nenhuma informação acerca da expansão e organização da RCC na cidade, de igual maneira as pessoas mais antigas consultadas acerca da fundação e desenvolvimento da RCC não indicaram nenhuma outra situação que pudesse ser indício de fonte para pesquisas, limitando as informações encontradas ao que se expõe nesta pesquisa, considerando nosso objetivo e o campo pesquisado.

Essa ausência de informações pode concernir à não preocupação inicial de conservar a memória, documentando projetos e situação anual de cada Grupo de Oração ainda em desenvolvimento; o nível de escolaridade também pode ter incidido nessa circunstância,

considerando que no acervo do IBGE³² constam dados de escolaridade desde o censo de 1991 em Imperatriz, cuja população era de 276.440 habitantes, dos quais 21,8% frequentavam o primeiro grau, 2,1% frequentavam o segundo grau e 0,2% frequentava o ensino superior; deve-se considerar ainda o fato de que entre a chegada da RCC e a criação da Diocese há pelo menos sete anos transcorridos e, naquele período e também posterior à criação da Diocese, não havia um acompanhamento pastoral próximo por parte do clero com algum assessor designado para acompanhar e que pudesse entregar relatórios ao Bispo diocesano; outras fontes de fora da RCC e da Igreja Católica, mesmo possíveis críticos ao movimento carismático, não foram encontradas.

Entretanto, esse membro da coordenação atual da RCC no Maranhão me comunicou que poderia repassar as informações de quantidade de Grupos de Oração e de membros, aproximadamente. Nessa mesma ocasião, recebi a indicação da publicação de Maffi (2019). Quando perguntei novamente sobre os dados mais recentes da RCC no Estado, fui comunicado que nas 12 dioceses havia a soma de 349 Grupos de Oração. Em momento posterior, voltei a solicitar os dados do quantitativo de membros ou outras informações, porém não obtive nenhuma resposta.

Este ano, 2024, o site da RCC Maranhão noticiou as organizações dos diversos retiros de carnaval pelo Regional promovidos pela RCC, o que não inclui as organizações das Novas Comunidades. Foram listados 66 retiros: 11 na Diocese de Brejo; 1 na Arquidiocese de São Luís; 12 na Diocese de Bacabal; 5 na Diocese de Caxias; 1 na Diocese de Pinheiro; 6 na Diocese de Coroatá; 10 na Diocese de Viana; 2 na Diocese de Carolina; 4 na Diocese de Zé Doca; 7 na Diocese de Balsas; 5 na Diocese de Grajaú; e 2 na Diocese de Imperatriz (Festival Minha Vida tem Sentido, em Imperatriz, e Festival a Nossa Alegria é Jesus, em Açailândia)³³.

O fato de os retiros de carnaval serem apresentados manifesta a articulação da RCC para cobrir esse período festivo com uma programação espiritual, período em que basicamente a RCC tem domínio em atividades propostas ao público católico. Nesse aspecto, um fator ultimamente tem-se tido um maior cuidado, que diz respeito aos pregadores de outras dioceses

³² IBGE, disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/acervo#/S/CD/A/27/T/Q>>, tabela 148 – Estudantes de 5 anos ou mais por grau e série que frequentavam, disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/148#resultado>>, acesso em 10 nov. 2024.

³³ No site da RCC MA, disponível em: <<https://www.rccma.com.br/confira-os-retiros-de-carnaval-pelo-maranhao/>>. Na busca de uma mesma divulgação de anos anteriores, não foram encontradas essas informações, o que pode ser uma iniciativa da coordenação atual. Encontramos no site do Regional NE5/CNBB (SECOM) a lista de algumas programações de retiros de 2023, não porém apenas da RCC, como também de algumas Novas Comunidade, e eventos articulados em nível de paróquia, conforme pode se conferir em: <<https://www.cnbbne5.org/post/retiros-espirituais-confira-a-programa%C3%A7%C3%A3o-pelas-dioceses-do-maranh%C3%A3o>>.

que são indicados para pregarem nesses retiros. Os bispos diocesanos têm solicitado apresentação, emitida pelo bispo local por meio da cúria diocesana, do pregador que vem de fora para que seja autorizado a pregar em seu território em evento da RCC.

Na Diocese de Imperatriz, por exemplo, isso foi uma orientação e tem sido observado, de maneira que o Bispo da diocese de origem do pregador atesta que este é atuante em sua diocese e está em comunhão, dando fé de que pode ser acolhido na outra diocese. Trata-se de uma maneira de controlar quem prega na Diocese, evitando situações em pregações que fale contra o Papa e que critique a CNBB.

Em 2025, a RCC no Maranhão celebrará seus 45 anos de presença no Estado, conta que remete ao marco de 1980. Embora o Movimento se organize com coordenações e secretarias, ainda não foram apresentados ou pelo menos publicados os dados que retratem a atuação da RCC no Estado e percebe-se também a falta de registros quanto às atividades da RCC.

Todavia, o Movimento segue em pleno funcionamento pelo Maranhão com presença e atividades ao longo do ano pelas dioceses, tendo mais Grupos de Oração constituídos (349) do que paróquias (273), indicando que em algumas paróquias há pelo menos mais de um Grupo de Oração. Deve-se considerar que a criação de paróquia exige toda uma estrutura organizada jurídica e burocraticamente e deve contar com um administrador paroquial, normalmente padre no ofício de pároco, embora haja freiras que assumem o ofício de administradora paroquial, como ocorre na paróquia da cidade de Jatobá/MA, que é administrada por uma freira da Congregação Missionárias de Ação Paroquial (MAP).

Nesse sentido, os lugares em que os clérigos não conseguem estar presentes com maior assiduidade, os líderes da RCC, por meio dos Grupos de Oração, dão assistência aos fiéis, favorecendo uma certa retenção de católicos na Igreja ao invés de perdê-los para o pentecostalismo evangélico.

2.3 A pentecostalização católica e a diversificação das associações de leigos em Imperatriz

A pentecostalização católica, do qual os eventos acima mencionados são expressão, conforme afirmam Carranza e Mariz (2009, p. 140), favorece ao leigo o contato direto com o sagrado por meio dos dons do Espírito Santo, de maneira que a RCC consegue agregar grande quantitativo de católicos atraídos pela novidade de vivenciar a oração em línguas (glossolalia), a cura e libertação dos males, a experiência pessoal de encontro com Deus focada na emoção,

como maneiras da manifestação dos dons do Espírito Santo, além de outros atrativos como as danças, músicas, cantos e expressões corporais como expressão da oração e do louvor.

As Novas Comunidades surgem do interior da RCC, formando outra estrutura de agregação de fiéis, diversa, embora inspirada no mesmo movimento. Carranza e Mariz afirmam:

Sob o influxo da espiritualidade carismática elas [as NC] retomariam o ideário de vida comunitária cristã, espelhadas na utopia da neocristandade e identificadas com a preocupação da hierarquia de perder a cada censo seu rebanho para os pentecostais protestantes. De tal modo que, enquanto surgia uma RCC organizada burocraticamente na geografia eclesial, por meio de secretarias, conselhos e representantes, as *novas comunidades* nasciam, estruturavam-se e disseminavam seu ideal, nos anos 70 e 80, época de franca pujança da Teologia da Libertação (Carranza; Mariz, 2009, p. 141).

Silva (2023, p. 43) situa o surgimento das Novas Comunidades a partir do final da década de 1970, no Brasil e em outros lugares como França, Itália, Estados Unidos e Canadá, caracterizadas pela identidade carismática e relacionadas com o problema de crise vocacional que o catolicismo vinha passando. Essas novas formas de agrupamento de fiéis são chamadas também de Novas Fundações, Comunidades de Vida no Espírito ou ainda Comunidades de Vida e Aliança. Acerca disso, Silva esclarece:

Trata-se de formas de vida “institucionalizadas”, estruturadas nos moldes das ordens religiosas tradicionais, mas que, por guardarem identidade com a RCC, foram denominadas pela Igreja como “Novas Comunidades”. São elas estruturas comunitárias consolidadas econômica e socialmente, com autonomia estrutural, e conhecidas no meio carismático como Comunidade de Vida e de Aliança. Estamos, assim, diante de novas formas de agregação/associação religiosa, no interior do catolicismo, capazes de produzir novos mecanismos societários de identidade religiosa (Silva, 2023, p. 43).

Após o surgimento de uma Nova Comunidade, os membros atraídos em torno do fundador ou da fundadora e por ele ou ela conduzidos, organizam-se a partir do carisma proposto a ser vivenciado na radicalidade da fé. Essa fase fundacional é dinâmica e não regulamentada e, em relação à Igreja Católica, o agrupamento dos fiéis ainda não goza de reconhecimento formal, senão de um consentimento do Bispo diocesano para que siga e estruture-se dentro do território diocesano onde foi fundado. Esse consentimento é uma confirmação para que seja reconhecida sua existência e admitido o seu trabalho, enquanto também sinaliza a comunhão desse grupo com a Igreja, por meio do Bispo.

Com o crescimento da Nova Comunidade e a necessidade de sua maior organização, já em uma fase de institucionalização, pode-se solicitar o seu reconhecimento diocesano,

consistindo na aprovação formal por parte do Bispo, conforme as disposições canônicas. Nessa etapa, primeiro concede-se uma aprovação *ad experimentum* em que o Bispo diocesano deverá acompanhar de forma mais próxima as atividades dos membros da comunidade e sua organização interna, bem como sua inserção e atividades na própria diocese, além da observação do cumprimento dos Estatutos e Regras de Vida elaborados e apresentados pelos responsáveis da própria Nova Comunidade. Passado o tempo de experiência, o Bispo pode conceder a aprovação definitiva, sem a qual a comunidade pode correr o risco de ser marginalizada nos ambientes eclesiais.

Outro processo pode ocorrer quando a Nova Comunidade passa a expandir-se para outras dioceses e sua ação missionária estende-se a outros Estados e países. Trata-se da solicitação do reconhecimento pontifício, isto é, uma petição ao Papa para que aprove seus Estatutos e Regras de Vida, o que lhe conferirá, caso ocorra, maior autonomia em relação ao Bispo diocesano e maior liberdade de atuação e de formação de seus membros, além do *status* que gozará, especialmente, no próprio meio carismático.

Tais procedimentos de reconhecimento, na esteira da rotinização do carisma weberiano, indicam, na avaliação de Silva (2023, p. 46), que a “confirmação burocrática/institucional por meio do ‘reconhecimento’ (seja diocesano, seja pontifício) opera como uma condição *sine qua non* para a existência de laços comunitários/associativos que se creem fundados a partir de uma ‘revelação carismática’.” No Brasil, as Novas Comunidades que obtiveram reconhecimento pontifício até então foram a Canção Nova, fundada em 1978, na cidade de Queluz/RJ, atualmente sediada em Cachoeira Paulista/SP, recebeu reconhecimento pontifício em 2008, e a Shalom, fundada em 1982, em Fortaleza/CE, recebeu o reconhecimento em 2007.

As Novas Comunidades são chamadas também de Comunidades de Vida e Aliança, conforme o estilo de agregação a que se propõe. São comunidades em que seus membros efetivos, isto é, aqueles que passaram pelo itinerário formativo e se consagraram à vida em comunidade, dedicam-se totalmente a elas, como ocorre na Comunidade de Vida, ou dedicando parte do seu tempo ao trabalho missionário da comunidade, como acontece na Comunidade de Aliança. Acerca dessa distinção, Silva esclarece:

As Comunidades de Vida (CV) são aquelas cujos membros abrem mão de tudo o que diz respeito à vida secular, “mundana” (trabalho, estudos, vida familiar, relacionamentos etc.), desenvolvendo um estilo de vida consagrada próprio, com homens e mulheres abraçando votos de castidade e pobreza. Suas residências comunitárias acolhem homens e mulheres de vários “estados de vida” (padres, casais e celibatários). Por sua vez, as Comunidades de Aliança (CA) são aquelas em que seus membros dedicam parte considerável de sua vida ao trabalho de evangelização e à vida comunitária, com encontros semanais de oração e formação religiosa, também

fazendo os mesmos votos dos consagrados na *Comunidade de Vida* (Silva, 2023, p. 48).

Segundo Silva (2023, p. 49), a efetivação como membro da Comunidade acontece depois de um longo caminho, iniciado com o processo de preparação para o ingresso na Comunidade, chamado de *vocacional*, que dura em torno de um ano e o aspirante é acompanhado de perto por uma autoridade comunitária designada exclusivamente para esse acompanhamento que, ao término desse período, solicitará às autoridades competentes o ingresso do aspirante na Comunidade, seguidos das etapas do postulante e do discipulado para, ao final, efetivar-se como membro da Comunidade por meio da consagração. A diferença dessa consagração em relação a consagração das tradicionais ordens e congregações é que os votos de pobreza, castidade e obediência estendem-se a homens e mulheres, casados, celibatários e sacerdotes.³⁴

Acerca dos elementos que caracterizam uma Nova Comunidade, Silva elenca os seguintes:

[...] vivência de um carisma próprio, que constitui a identidade comunitária e está intimamente ligado à pessoa de um fundador; reverência filial à Igreja por meio de uma obediência ao papa e aos bispos e de uma fidelidade ao ensinamento da tradição católica; forte comprometimento com a evangelização; vivência comunitária sob as formas de “vida” e de “aliança”; governo comum e organizado, sob a autoridade do fundador e seu conselho geral; presença de todos os estados de vida: clérigos e leigos, casados, celibatários e solteiros; intenso apelo à vivência moral segundo os ensinamentos do Magistério da Igreja e vida de oração intensa, tanto pessoal quanto comunitária (Silva, 2023, p. 49).

Outro elemento característico é que, diferente das comunidades católicas paroquiais que, comumente, são denominadas por um santo padroeiro, como seu Titular, ou alguma invocação de algum mistério (fato) da vida de Jesus³⁵, as Novas Comunidades são denominadas a partir da espiritualidade carismática vivida por elas que expressa uma experiência pessoal e, concomitantemente, grupal de Deus, como, por exemplo, Shalom, Cruz Gloriosa, Caos à Glória, Sobre a Rocha, Pequeno Rebanho, Colo de Deus, Oásis, Aliança de Misericórdia, Sim

³⁴ Na Igreja Católica, castidade não se confunde com celibato. Conforme o Catecismo da Igreja Católica – CigC (1999, n. 2348), todo batizado é chamado à castidade segundo seu específico estado de vida, tendo Cristo como modelo de toda castidade. Assim, “a castidade há de distinguir as pessoas de acordo com seus diferentes estados de vida: umas na virgindade ou no celibato consagrado, maneira eminente de se dedicar mais facilmente a Deus com um coração indiviso; outras, da maneira como a lei moral determina, conforme forem casados ou celibatários. As pessoas casadas são convidadas a viver a castidade conjugal; os outros praticam a castidade na continência” (CIC n. 2349). A castidade é compreendida como uma virtude a ser vivida por todos, enquanto o celibato trata-se do voto de renúncia ao matrimônio.

³⁵ Conforme consta o Cerimonial dos Bispos da Congregação para o Culto Divino acerca da Dedicção da Igreja, n. 865.

de Maria, que, de acordo com Gomes (2008, p. 81) “trazem ao mesmo tempo um conteúdo performativo e teleológico ao apontarem para uma experiência subjetiva e coletiva que é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada como ideal a ser alcançado.”

Para Carranza (2009) e Silva (2023, p. 48), as Novas Comunidades constituem um novo gênero de pertença religiosa, com uma aparelhagem institucional, difundindo-se a partir de um imaginário de vivência radical da fé e “percorrem o tecido social católico com as bandeiras da neocristandade, quer motivadas com a defesa dos conteúdos morais quer motivadas com a proposta de ressocialização totalitária de seus membros” (Carranza, 2009, p. 50).

Em âmbito local, considerando a Diocese de Imperatriz, encontramos essa diversificação do catolicismo nas associações de fiéis leigos, chamadas movimentos eclesiais. O site da Diocese³⁶ elenca oito movimentos presentes em seu território: Apostolado da Oração; Associação Missionária Católica Júbilo³⁷; Clube de Mães de Imperatriz; ECVC – Encontro Cristão de Vivência Conjugal; Legião de Maria; MCC – Movimento de Cursilhos de Cristandade; Movimento dos Focolares; RCC – Renovação Carismática Católica. No site da Diocese, não se faz menção das CEBs no conjunto dos movimentos, razão que pode decorrer da sua estrutura organizacional divergente das anteriores ou propriamente por certo descuido no ordenamento do próprio site, uma vez que não há posicionamento ideológico contrário às CEBs na Diocese por parte do Bispo diocesano, de modo que encontra-se uma organização das CEBs e uma assessoria eclesiástica, conforme se nota a partir da notícia da acolhida do ícone do 15º Intereclesial na Diocese no primeiro semestre de 2023³⁸.

Para além desses movimentos eclesiais, o site da Diocese apresenta em outro link³⁹ as chamadas Novas Comunidades, que são as comunidades no formato de consagração de vida e aliança e possuem um estilo de vida e espiritualidade da RCC, mas não estão submetidas institucionalmente aos seus estatutos, totalizando seis: Comunidade Augusta Rainha dos Anjos (Imperatriz); CASF – Comunidade de Aliança Sagrada Família (Imperatriz); CCSM – Comunidade Católica Sim de Maria (Davinópolis); Comunidade Católica Shalom – Missão Imperatriz; Comunidade Católica Sementes do Verbo – Missão Imperatriz; Comunidade

³⁶ MOVIMENTOS. Disponível em: <<https://diocesedeimperatriz.org.br/movimentos/>>, acesso em 13 set. 2023.

³⁷ No mapeamento, o *entrevistado 1* declarou que a Associação Missionária Católica Júbilo, conhecida como “Missão Júbilo”, não se caracteriza como Nova Comunidade, mas na organização da RCC, caracteriza-se como uma Missão, com organização e estatuto próprios.

³⁸ PASCOM – DIOCESE DE IMPERATRIZ. *Ícone do 15º Intereclesial das CEB's é acolhida na Diocese de Imperatriz*. Disponível em: <<https://diocesedeimperatriz.org.br/icone-do-15o-interclesial-das-cebs-e-acolhida-na-diocese-de-imperatriz/>>, acesso em 13 set. 2023.

³⁹ NOVAS COMUNIDADES. Disponível em: <<https://diocesedeimperatriz.org.br/novas-comunidades/>>, acesso em 13 set. 2023.

Católica Nova Aliança – Missão Imperatriz (a única sem endereço de sede, mas com contato do responsável local).

Aos 12 de setembro de 2023, em entrevista com ex-membro da coordenação diocesana da RCC (*entrevistado 1*), cinco das seis comunidades que são indicadas no site foram confirmadas e ainda foram identificadas mais três Novas Comunidades, a saber: Comunidade Filhos da Divina Misericórdia (Imperatriz); COMIC – Comunidade Missionária Católica (Imperatriz); Casa Mãe do Belo Amor (Imperatriz). Com isso, são ao total oito Novas Comunidades na Diocese de Imperatriz. A Comunidade Nova Aliança não voltou às atividades depois da pandemia da Covid-19 e, atualmente, está desativada, sem nenhum membro.

Na tabela abaixo, apresentamos essas comunidades com suas datas de fundação (para referir-se à origem da comunidade) ou abertura (para referir-se à abertura de uma casa de missão de comunidade fundada em outro lugar), seus respectivos fundadores e o contingente de membros presentes na Diocese de Imperatriz, a partir de dados informados pelos fundadores ou responsáveis por meio de entrevista⁴⁰ durante o mês de junho de 2024.

Tabela 2: Novas Comunidades na Diocese de Imperatriz em 2024

Nome	Fundação/Abertura na Diocese de Imperatriz	Membros de Vida	Membros de Aliança
Comunidade Augusta Rainha dos Anjos	<i>Fundação em 02/02/2018</i> Clóvis Marques Dias Júnior (fund.)	0	9
Comunidade de Aliança Sagrada Família (CASF)	<i>Fundação em 03/04/1993</i> Itália Guerra dos Mártires (fund.) Modesta (cofund.) Josimar e Maria (cofunds.)	0	23
Comunidade Católica Sim de Maria (CCSM)	<i>Fundação em 03/11/2001</i> Márcia Sepúlveda (fund.) Fabiano (cofund.) Clelbiane (cofund.)	9	31
Comunidade Católica Shalom – Missão Imperatriz	<i>Abertura em 05/04/2018</i> Bruna Rafaela (missionária)	10	27
Comunidade Católica Sementes do Verbo – Missão Imperatriz	<i>Abertura em 27/08/2009</i> Diác. Georges Bonneval e Marie-Josette Bonneval (funds.) Ir. Maria Sarah (formadora geral)	0	73
Comunidade Filhos da Divina Misericórdia	<i>Fundação em 30/07/2008</i> Luzia da Conceição (fund.) Maria do Socorro dos Santos (cofund.)	2	11
Comunidade Missionária Católica (COMIC)	<i>Fundação em 10/03/1987</i> ⁴¹ Carmosina Alves (fund.) Oziel (fund.)	1	24
Casa Mãe do Belo Amor	<i>Fundação em 30/07/2018</i> Margarida Almeida Vanderlei (<i>Neura</i>) e Francisco dos Santos Batista (casal fund.)	5	9

Fonte: Entrevista com fundadores ou responsáveis (2024)

⁴⁰ As conversas foram feitas por meio de contato telefônico, seja por chamada, seja por mensagens.

⁴¹ Em conversa, a fundadora disse que a Comunidade foi fundada em 1987; uma outra pessoa consultada, não membro da COMIC, comentou que essa Comunidade foi a primeira fundada em Imperatriz/MA.

A Comunidade de Aliança Sagrada Família (CASF), conforme alguns relatos encontrados, é a mais antiga dentre as Novas Comunidades, tornando-a a primeira Nova Comunidade não só da Diocese de Imperatriz, como do Estado do Maranhão. Porém, durante a pesquisa, a fundadora da Comunidade Missionária Católica (COMIC) disse que sua fundação é de 1987, o que a torna a primeira Nova Comunidade. Foi encontrado um estatuto da COMIC nos arquivos da Cúria Diocesana de Imperatriz, assinado, inclusive, pelo então Bispo diocesano da época, Dom Affonso Gregory, no qual consta sua formalização em 10 de março de 1997, sem informações históricas de sua origem. Esse estatuto não é parte de um processo de reconhecimento diocesano, carecendo a devida formalização canônica para esse escopo.

É notável a posição da Comunidade *Sim de Maria* entre as demais Novas Comunidades quanto ao número de membros, liderando nesse quesito, mesmo não sendo a mais antiga, concorrendo apenas com a Comunidade Shalom que, com seis anos de abertura da missão, já tem um grande número de consagrados em relação às demais, resultado de uma estrutura institucional maior e de maior destaque entre as Comunidades, especialmente por gozar de reconhecimento pontifício e por sua expansão internacional.

No mapeamento desses novos agrupamentos, encontramos ainda a comunidade Frades Missionários de São Damião, uma nova associação, porém não identificada como Nova Comunidade.

2.4 De dentro e de fora: a construção processual do objeto de pesquisa

Quando eu cursei teologia (2012-2015), estudei com um jovem fundador de uma Nova Comunidade, a Comunidade Cenáculo, em Franca, interior de São Paulo. Foi meu primeiro contato com uma Nova Comunidade e onde tive as noções primeiras dessa realidade no interior da Igreja. Depois de concluído o curso de Teologia, voltei para a Diocese de Imperatriz/MA. Alguns dias antes da ordenação presbiteral, recebi o convite para, depois da ordenação, presidir uma missa na Comunidade *Sim de Maria*. Havia uma leiga dessa Nova Comunidade que coordenava a Comissão Diocesana de Liturgia, em que eu colaborava, e me fez o convite ao qual aceitei. Três dias após a ordenação, no natal de 2017, fui celebrar na sede da Comunidade, no bairro Santa Rita, em Imperatriz. Depois dessa ocasião, várias outras vezes fui chamado para celebrar missa com eles e a partir disso foi-se estabelecendo relações amistosas e fui conhecendo o trabalho da Comunidade.

O fato de eu ser padre, considerando ainda mais a posição atual que ocupo pelos ofícios ligados ao governo diocesano na Diocese de Imperatriz como Chanceler do Bispado e Auditor da Câmara Eclesiástica, ao mesmo tempo que favorece o contato com a Comunidade, exige-me atenção quando da entrada no campo para a pesquisa, fazendo-me padre pesquisador, implicando desde o tratamento respeitoso e amistoso da minha recepção e acolhida na Comunidade até a maneira cuidadosa e elaborada das informações repassadas a mim por parte dos membros.

Nos meus primeiros contatos com a Comunidade, na ocasião da celebração de missas, constatava dois elementos característicos do carismatismo, a saber, momentos penitenciais efusivos e espontâneos durante o ato penitencial nos ritos iniciais da missa, e ainda orações em línguas (glossolalia) com louvores e orações após a comunhão eucarística, nos ritos da comunhão. Esses elementos não fazem parte da liturgia da missa da Igreja (Missal Romano). Chamou-me atenção a paulatina mudança na maneira de os membros da Comunidade celebrarem a missa, mantendo-se mais alinhados àquilo que a liturgia da Igreja prevê em seu ritual, passando a evitar aqueles elementos que não fazem parte. Outro elemento que me rendeu atenção acerca da Comunidade foi o fato de seu não envolvimento declarado com missas de cura e libertação, em que sobremaneira elementos característicos carismáticos expressam-se na liturgia católica. Esses elementos referentes à forma das celebrações me chamam atenção, pois, no âmbito acadêmico da teologia, a liturgia é um dos campos de estudo e pesquisa da minha área.

Pela configuração de Comunidade de Vida e de Aliança e pelo meu contato com os seus membros, considerando o seu engajamento na pastoral diocesana, exercendo cargos de coordenação em comissões diocesanas, despertou-me o interesse de estudá-la a partir da sociologia, a fim de investigar o que a Comunidade *Sim de Maria* representa no campo das transformações do catolicismo e suas formas de recomposição e, com isso, contribuir com o saber sociológico no campo da religião referente às Novas Comunidades.

Como primeira estratégia, recorreremos à sua fundadora, Márcia Sepúlveda, entendendo que este seria o meio mais eficaz para conhecer parte da história da Comunidade e do seu surgimento/fundação. Ao realizarmos uma pesquisa bibliográfica sobre a Comunidade, já tínhamos percebido que não havia estudos e referências a seu respeito, haja vista por ela ser relativamente recente, existindo um pouco mais de duas décadas, e não ter sido objeto de estudos acadêmicos. Também não foram encontradas publicações impressas nativas que pudessem oferecer elementos de análise, pois a Comunidade não tem um trabalho de

publicações impressas de informativos, periódicos e afins que possam divulgar suas atividades e conter matérias sobre questões da própria obra de evangelização.

A Comunidade possui perfil nas redes sociais Facebook (*Sim de Maria*), com uma média de 2,2mil seguidores, e Instagram (*Comunidade Sim de Maria*), com 994 seguidores, até 27 de junho de 2024. Verificamos o perfil do Facebook desde a primeira postagem em 2011, assim como todas as 401 publicações do Instagram até a data supracitada e encontramos basicamente postagens de informativos e divulgação de eventos, não sendo encontrado nada sistemático, geral ou detalhado sobre o histórico e elementos próprios da Comunidade. A fundadora e os cofundadores não são de presença midiática ativa, não demonstrando afincamento e concorrência em pregações. Encontramos algumas fotos com frases da fundadora sem referências a escritos, provavelmente dita em pregações, repetindo-a e fixando-a, e apenas alguma felicitação referente ao natalício dos cofundadores por um ou dois anos mais recentes. A propaganda para recrutamento de novos membros é tímida se considerarmos um programa ativo, incisivo e direto a esse fim, porém a própria divulgação dos eventos da Comunidade para os diversos públicos, como crianças, jovens, adultos, mulheres, casais torna-se um meio de atrair o público.

É interessante destacar alguns elementos daquilo que foi encontrado, como a presença da fundadora em um evento promovido pela *Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil* (FRATER), fazendo, como descreve a legenda da foto publicada no *Facebook*, em novembro de 2012, “uma breve apresentação sobre a comunidade, carisma e apostolado, anos de existência... para o cadastramento junto a Fraternidade e estreitar os laços de comunhão junto ao órgão” (Sim de Maria, 2024). Esse fato mostra estratégias de visibilidade e credibilidade, para além da comunhão da Comunidade com o órgão de fraternidade. Abaixo, segue a foto encontrada no *Facebook*, registrando o momento em que a fundadora Márcia Sepúlveda discursa à Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil.

Imagem 3: Márcia Sepúlveda em discurso à Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil



Fonte: Sim de Maria (2024)

A respeito dos eventos realizados pela Comunidade, encontramos divulgação em suas redes sociais de ações realizadas anualmente, tais como: 1. Maanaim (acampamento); 2. Musical Natalino; 3. Festival das Crianças: Jesus, Minha Alegria (para o dia das crianças); 4. Encontro de Carnaval Magnificat (retiro de carnaval); 5. Réveillon Vida Nova em Cristo (para a virada de ano); 6. Luau da Espera (no tempo do advento, para “recordar o verdadeiro sentido do natal”); 7. Baile de todos os santos (como combate “contra a cultura da festa do *halloween* e recordar o céu, recordar a beleza que é viver aquilo que desde a eternidade somos chamados a viver, a santidade”), que em uma legenda sobre o evento encontra-se: “foi o primeiro evento que a Comunidade realizou no ano de 2002”; 8. AcampSim (acampamento Sim de Maria, diverso da proposta do Maanaim); 9. Arraiá do Sim (antes Arraiá da Gargalhada).

À guisa de ilustração, apresentamos na imagem 4, três eventos. Da esquerda para a direita: o Maanaim, em julho de 2023; o Festival das Crianças: Jesus, Minha Alegria, em outubro de 2023; e o Baile de todos os santos, em novembro de 2023.

Imagem 4: Alguns eventos da Comunidade Sim de Maria



Fonte: Sim de Maria (2024)

Na pesquisa realizada nos arquivos oficiais da Diocese de Imperatriz, não foram encontrados arquivos de correspondência oficial ou despachos do Bispo diocesano referente a qualquer petição da Comunidade *Sim de Maria*, o que indica uma presença e atuação dentro da Diocese ainda sem o reconhecimento canônico diocesano e eventuais situações foram resolvidas ao modo de conversa direta com resoluções também orais, não implicando formalidades documentais.

De fato, isso foi confirmado quando da realização da primeira visita à sede da Comunidade, na cidade de Davinópolis/MA, aos 28 de fevereiro de 2023, desde à tarde, de 15h15, até às 19h40, dispensando as formalidades de apresentação pessoal, tendo em vista que nós já nos conhecíamos. Fui acolhido e levado para conhecer toda a casa da fundadora e, em seguida, na sala, a conversa girou em torno do motivo da pesquisa e eles expressaram livremente suas opiniões. A conversa ia e voltava em torno da trajetória do surgimento e do

trabalho deles. Nessa ocasião, soube que não havia um arquivo da Comunidade, em vista de documentações oficiais e atas próprias.

Nesse sentido, podemos considerar que não se trata de a Comunidade viver ainda aquela dimensão do carisma *in statu nascendi* de pureza típico-ideal, conforme Weber (1991, p. 161), pois, conquanto não haja definições burocráticas estatutárias e reconhecidas que regulamentem suas estruturas, as relações sociais já não são efêmeras, mas assumem caráter de relação permanente na medida que os seguidores se reúnem em comunidade e buscam se estruturar e se reproduzir a partir dos mecanismos de legitimidade do carisma e do recrutamento ordenado de membros por meio de um processo de iniciação definido.

Nessa mesma visita, vários elementos surgiram e proporcionaram um retrato do objeto de estudo, elementos pontuais e com riqueza de detalhes desde o surgimento da obra, que foram anotados em diário de campo. Embora sendo uma visita e uma conversa incipiente, não ao modo de uma entrevista organizada e sistemática, vários dados e conversas foram anotados, de modo que no diário de campo ficaram guardados em memória a maneira de como o contato foi feito com a fundadora e os dois cofundadores e o registro de determinados conteúdos (Barbot, 2015, p. 122).

Nessa circunstância, posicionei-me como pesquisador e expus a razão de iniciar tal contato com eles a partir da dimensão da pesquisa científica, considerando a realidade que me é inerente, que é o ministério ordenado, isto é, padre da Igreja Católica. Também eles manifestaram a questão da razão de eu tê-los escolhido para a pesquisa: “Por que nós? A nossa comunidade?”

Diante dessa indagação, eu manifestei as razões, expondo-lhes que, primeiro, era a Comunidade de Vida com a qual eu tinha um contato mais próximo e amistoso pelo fato de, em algumas ocasiões, eu ter sido chamado para presidir a missa na casa deles: o primeiro contato direto foi na missa de 25 de dezembro de 2017, ainda na sede que ficava na Rua Ary Barroso, no bairro Santa Rita, em Imperatriz/MA, quando eu era padre recém-ordenado, com três dias de ministério sacerdotal. Depois, outros contatos devido às celebrações eucarísticas solicitadas. Segundo, chamava-me atenção o seu engajamento pastoral na vida diocesana, inclusive com participação ativa e assídua nos Conselhos Diocesanos de Pastoral, considerando que a cofundadora exerce função de coordenadora da Comissão Diocesana para o Ministério Extraordinário da Sagrada Comunhão Eucarística (CDMES). Terceiro, porque não havia muitas pesquisas nesse campo das Novas Comunidades, menos ainda em nossa região, e poderia ser uma significativa contribuição para o saber sociológico no campo da religião, tendo em vista a existência e o trabalho efetuado pela Comunidade no interior da sociedade local.

Então, pelo acesso ao campo e contato direto com eles, e pelo interesse estimulante que a pesquisa fomentava, eu me sentia confiante em seguir o projeto de pesquisa na Comunidade *Sim de Maria*.

Fato também a ser mencionado é que 2020 a 2021, eu atuei como pároco da Paróquia Santo Antônio de Pádua, em Davinópolis/MA, onde já estava situada a sede da Comunidade *Sim de Maria*, mas não pude ter muito acesso à Comunidade com a presença para missas devido à pandemia da Covid-19. Em vista da Escola Diaconal que a Diocese havia instituído, considerando que os fiéis leigos indicados por mim, então pároco, junto com Conselho Paroquial, para estudarem em vista do Diaconado Permanente não puderam assumir tal compromisso, antes de encerrar as inscrições, fui procurado pelo cofundador para que pudesse indicá-lo e enviar a carta de apresentação à diretoria. Tendo consultado o Conselho Paroquial, e com parecer positivo, enviei carta de indicação dele, de maneira que ele ingressou na Escola Diaconal, onde permanece estudando, e onde leciono algumas disciplinas, estabelecendo um contato aluno e professor.

Esses elementos exigiam a objetivação participante evidenciada por Bourdieu (1989, p. 51), ao qual “é sem dúvida o exercício mais difícil que existe, porque requer a ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o ‘interesse’ do próprio objeto estudado para aquele que o estuda [...]”. Para Bourdieu:

A objectivação da relação do sociólogo com o seu objeto é [...] a condição da ruptura com a propensão para investir no objecto, que está sem dúvida na origem do seu “interesse” pelo objecto. É preciso, de certo modo, ter-se renunciado à tentação de se servir da ciência para intervir no objecto, para se estar em estado de operar uma objectivação que não seja a simples visão redutora e parcial que se pode ter, no interior do jogo, de outro jogador, mas sim a visão global que se tem de um jogo passível de ser apreendido como tal porque se saiu dele [...] (Bourdieu, 1989, p. 58).

O fato de eu não ser membro da Comunidade *Sim de Maria*, de não me posicionar em prol dela ou contra ela, de não integrar o movimento RCC, bem como a minha presença para as celebrações da missa é esporádica e não exclusiva para essa Comunidade, mas, conforme as possibilidades, atendo a convites de outras Novas Comunidades, não me resulta em tendência de promover ou prejudicar a Comunidade. Nesse sentido, foi considerada a figura hierárquica, indissociável do pesquisador sociólogo em meu caso, nas relações da pesquisa, que, porém, pelos ofícios de governo na Diocese que exerço, não há nenhum interesse visado que tenha motivado a pesquisa.

Os tratamentos dirigidos ao pesquisador foram como “padre”, “senhor”, às vezes soando mais informal e próximo com o uso do “você”, ao modo respeitoso com o qual sempre fui

tratado por eles, então foi algo natural. Naquela tarde da primeira visita para a pesquisa, no entanto, o assunto não foi a pastoral ou a vida paroquial, mas, com um café da tarde preparado e servido pelo cofundador, na sala da casa dele e da fundadora, a conversa sobre o surgimento e a vida deles rendeu toda a tarde até o início da noite. Na imagem a seguir, um registro dessa visita ao campo de pesquisa, da esquerda para a direita: Fabiano, Clelbiane (cofundadores), Márcia (fundadora) e Jayder (pesquisador).

Imagem 5: Primeira visita ao campo para a pesquisa em 28 de fevereiro de 2023



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Enquanto a pesquisa bibliográfica avançava, algumas ocasiões de missas na Comunidade *Sim de Maria* colaboraram com a observação do campo. No dia do aniversário natalício da fundadora, aos 30 de junho, em 2023, a convite dela, presidi a missa de manhã cedo na Comunidade, em seguida tomei café com ela, os cofundadores e alguns membros de vida. A celebração do natalício da fundadora é um momento festivo da comunidade. Nesse dia, a programação foi a missa mais reservada de manhã cedo de modo simples, reunindo alguns poucos membros, e ao final da missa uma rápida fala da fundadora de gratidão a Deus e aos presentes, à noite aconteceu um jantar com todos os membros da Comunidade, do qual tendo sido convidado, não pude participar devido a um compromisso de ofício eclesialístico.

Outra ocasião foi o evento Maanaim realizado na última semana de julho de 2023, em que fui chamado para presidir a missa no encerramento do acampamento, aos 30 de julho, um domingo. Ali observei alguns momentos de atividades dos jovens e da organização interna para a realização do encontro, algo que é reservado àqueles que já participaram e são voluntários nos acampamentos seguintes.

As atividades do Maanaim sempre são diferentes de uma edição para outra, mantendo uma certa estrutura, conforme relatado pela fundadora, com momentos de oração, missas, atividades sempre em grupo e pregações/catequeses ministradas pelos membros da Comunidade.

O *Maanaim*, cujo nome tem referência bíblica, no livro de Gênesis⁴², diz respeito a um evento, na modalidade de acampamento, cuja duração é de cinco dias, oferecendo aos participantes a oportunidade para “ter um encontro com Deus, com o próximo e consigo mesmo através de inúmeras atividades, dinâmicas, reflexões e orações” e para “uma experiência de oração nova e forte, tendo como meio oportuno e interessante o contato com a natureza, o desapego ao conforto e a sensibilidade para perceber a graça de Deus nas mínimas coisas”, conforme se lê na divulgação do evento de 2022, no site da Comunidade Nova Aliança (Acampamento Maanaim, 2022)⁴³, em vista da mudança de vida, de uma verdadeira conversão.

Na imagem abaixo, os participantes do Maanaim 2023 durante a missa e após a missa, presidida pelo Bispo diocesano de Imperatriz, Dom Vilsom Basso.

Imagem 6: Acampamento Maanaim 2023



Fonte: Sim de Maria (2024)

Após a missa na conclusão do acampamento, foi servido o almoço e, logo após, os participantes foram desmontar as barracas que estavam armadas no espaço em frente à casa. Durante esse tempo de desmontagem das barracas, com a anuência da fundadora, que estava presente no evento, falei com nove participantes, entre 18 a 37 anos, sendo a maioria deles de 18 a 22 anos, escolhidos aleatoriamente, os quais relataram, resumidamente, sua experiência do acampamento. Após a entrevista, alguns participantes aproveitaram a ocasião do encontro com o sacerdote para pedir o sacramento da penitência (confissão) ali mesmo, como sendo fruto de um recomeço na vida espiritual provocado pela vivência do acampamento, o que foi atendido. Acerca desses relatos, expressamo-los na íntegra:

⁴² A perícopes em questão é: “Jacó prosseguiu a viagem e encontrou-se com alguns anjos de Deus. Ao vê-los, Jacó disse: ‘Este é o acampamento de Deus’. Por isso deu ao lugar o nome de Maanaim” (Gn. 32,2-3).

⁴³ Acampamento Maanaim, disponível em: <<https://comunidadenovaalianca.com.br/acampamento-maanaim/>>, acesso em 25 jun. 2024.

Para mim, foi uma surpresa que eu não esperava de maneira alguma que era dessa maneira [...]. Eu gostei muito. A maneira como eles passaram foi uma maneira muito leve. Você, sem perceber, eles estavam mostrando para você o que é certo o que é errado, qual o caminho certo, de Deus; tem coisas que a gente acha que é de um jeito e é de outro, e eles falavam sempre de uma maneira muito clara qual o caminho certo. Eu consegui absorver muita coisa, tirar muitas dúvidas sem nem precisar perguntar [...] a questão da consciência, do que é certo, do que é errado [...] (entrevistado 2).

Foi um recomeço, para mim. Eu tenho a minha vida como um animal chamado burro, que sempre leva muita carga, que sempre carrega muita coisa e o Maanaim me ensinou a estar leve, mesmo com tanta carga eu me senti leve, eu senti uma brisa leve, eu segui em frente com todas as cargas que tenho (entrevistado 3).

Foi muito bom viver esses cinco dias. O Maanaim, para mim, é um lugar de se encontrar com Deus, paz e tranquilidade [...] Momento de confirmação na caminhada cristã (entrevistado 4).

Foi uma experiência de vida, na qual tive a oportunidade de me aproximar com Deus e revisar vários pontos da minha vida, desde criança até as coisas que aconteceram recentemente na vida adulta [...]. Me ajudou a ver as coisas que havia acontecido com minha vida de forma diferente e observar tudo isso à luz de Deus, o que a gente precisaria fazer, como a gente deveria ter agido, mas vai mudar daqui pra frente (entrevistado 5).

Sou evangélica, mas no momento eu não estou na igreja, estou desviada. Assim, a experiência que eu tive com vocês foi maravilhosa, eu não esperava isso, eu fui muito bem acolhida e, assim, diferente de tudo o que eu imaginava [...]. Para mim, vai ser uma experiência que eu vou levar para a vida. Questão de comunhão, de paciência. Tem muitas coisas aqui que eu vou colocar em prática, que eu não usava na minha vida. Aqui, eu aprendi muita coisa, a questão da união, em primeiro lugar (entrevistado 6).

Os primeiros dias eu fiquei bem confusa. Eu cheguei a comentar com a Cléo, eu falei assim: “Cléo, eu não tô entendendo nada.” Eu acho que de todo mundo os primeiros dias foram assim, ninguém estava entendendo nada. Eu era uma pessoa que gostava de trabalho individual, eu me sentia como se fosse – eu sou mulher, mas eu me sentia como se fosse – um homem e mulher, eu desse conta do meu trabalho de força. Eu aprendi, aqui, que esse trabalho não é para mim. Eu aprendi a confiar nas pessoas, aprendi o que é ter amizade. Eu sempre me vi sozinha, sempre gostei de ficar no meu canto, sozinha, e aqui eu aprendi o que é realmente amizade. Aprendi que a minha mãe confia em mim e que eu devo mostrar para ela que eu também confio nela. Aprendi muita coisa, aprendi a perdoar, aprendi que eu consigo trabalhar em grupo, que antes para mim era uma coisa impossível ter alguém do meu lado. Até na escola eu só trabalhava sozinha, os trabalhos de escola eu fazia só, muitos professores não aceitavam, mas mesmo assim eu era teimosa e fazia sozinha. Aprendi a obediência, a hora de Deus: quando é a hora de Deus é a hora de Deus! Tenho certeza que eu levando isso para minha vida, eu vou levar para dentro de casa, e para o grupo que eu coordeno (entrevistado 7).

Foi uma fonte de renovação em Cristo. Gostei muito. É uma coisa única. Viver o Maanaim, o meu Maanaim, e o Maanaim de cada um, muito bom. E o meu foi excelente, gostei muito desse encontro (entrevistado 8).

Esses dias foram dias de resposta. Às vezes a gente está muito preocupada com revelações, mas o Senhor se revela no simples e no extraordinário, e foi isso que eu aprendi aqui. Ele se revelou para mim nos dois (entrevistado 9).

Foi muito bom, porque a gente chega aqui, achando que vai ser uma coisa e é outra totalmente diferente. Quando a gente está aqui, vivendo o Maanaim, a gente vê várias

fases da vida da gente aqui. Eu acredito que o que eu vivi, eu vi coisas que eu já passei, coisas que eu não sabia como passar, o que fazer [...]. Eu acredito que, na frente, quando eu sair daqui, eu vou saber, quando eu lembrar do Maanaim, eu vou saber viver lá fora também (entrevistado 10).

A partir dos relatos acima, podemos destacar um viés moral, terapêutico e místico do acampamento. Os participantes fazem uma avaliação da própria vida e recebem elementos de juízo para discernimento moral, aprendendo o que é o certo e o errado (entrevistados 2, 6 e 7), a partir de uma perspectiva cristã com substrato carismático; também encontram um espaço onde conseguem encontrar leveza, sentir-se bem, sentir alívio (apesar do cansaço físico das atividades propostas no acampamento) e rever a própria história para aprender dela (entrevistados 3 e 10); e a dimensão mística do acampamento como lugar de encontro com Deus, de paz, de revisão de vida e perspectiva de conversão, fonte de renovação em Cristo e de revelações (entrevistados 4, 5, 8 e 9). De modo geral, percebe-se um entusiasmo resultante do acampamento que aparentemente provocou uma desestabilização dos participantes, levando-os a reorientar, reavivar suas vidas em relação a Deus e às pessoas, fomentando o desejo de mudança em seu comportamento e atitudes.

Aos 3 de novembro de 2023, a Comunidade completou vinte e dois anos de fundação. À noite, os membros da Comunidade se encontraram na Catedral Diocesana de Imperatriz para participar da missa paroquial e rezar em ação de graças pela fundação da Comunidade. Na ocasião, não houve discurso da fundadora ou momentos específicos de homenagens, apenas menção, como de praxe nas missas, de ação de graças pelo aniversário de fundação da Comunidade. Após a missa, todos os membros se reuniram na casa recém-alugada para funcionar como um centro da Comunidade, localizada no bairro Centro, em Imperatriz.

Nas tratativas para marcar as entrevistas para o seguimento da pesquisa, o cofundador me convidou para estar na confraternização, visto que eu não poderia estar na missa devido a outra missa de ofício que eu não poderia desmarcar. Assim, após o meu compromisso, consegui chegar ao local da confraternização e participar das comemorações.

Durante a confraternização, a fundadora fez memória do surgimento da obra, relatou a desconfiança e a ridicularização das pessoas, comparando a Comunidade com a casa do Big Brother Brasil – BBB (*reality show* produzido pela Rede Globo), e as apostas que foram feitas, envolvendo dinheiro, quanto à duração da Comunidade. Ela lembrou e enfatizou que a obra não era um simples desejo, invenção humana, mas tratava-se da obra de Deus confiada a eles, mesmo sendo jovens naquele início, e estimulou os membros ao testemunho da vida consagrada

Sim de Maria, num tom de ação de graças e de exortação, conforme trecho transcrito da gravação da fala da fundadora:

[...] Quando nós estávamos na casa, o pessoal falava isso “Olha a casa!” [aludindo à casa do BBB]. Foi aquele “auê” dentro da Diocese toda e o povo dizia “Ih, não vai durar três meses!” Passou um tempo e eu fui a um local e uma pessoa disse: Márcia, sabia que eu sou chateada com você? – Eu disse: Não, eu não sabia. O que foi? – Eu perdi uma aposta [...] eu apostei que vocês não chegariam a três meses. [...] – Foi muito gente! Foi dinheiro! Ele falou a quantidade que tinha perdido. Ou seja, quando você vai caminhando, até aposta tinha para que nós não aguentáramos, que não iríamos adiante. Hoje somos gratos a Deus por Deus confiar em nós, diante de nossas fragilidades [...]. O Sim de Maria nunca diz não, eu acho interessante isso. A gente sempre tenta ir aonde a Divina Providência nos mandar. Hoje, nós olhando aqui, não foi um ato de irresponsabilidade, nós éramos jovens, não foi um ato de inconsequência, mas foi um sim maduro para aquele tempo diante das situações [...], ingênuo, acredito que também sim, por que não, né?! O florescer da juventude tem algumas ingenuidades. Tipo, nós chegamos à noite e não tínhamos pensado em comer, mas porque nosso amor foi muito desinteressado, nós não saímos de casa para ganhar nada, nós saímos de casa para servir, nós não saímos para ser aplaudidos, para causar. Se fosse para ter fama e fazer sucesso e se fosse invenção humana, juro para vocês, já tínhamos desistido. Nós não fizemos nem fama, nem sucesso [...]. Então, a gente vai olhando e vai vendo essa beleza de Deus, porque se fosse invenção humana no dia de uma dor braba, uma dor profunda, a gente não aguenta, e nós já passamos muita coisa. E isso foi para nos purificar, purificar nossa intenção. Então eu agradeço a Deus, agradeço pela vida de vocês, a oferta [de vida], a disposição, e o que eu acho bonito em nós é a simplicidade de esse amor despretensioso nosso. Nós não somos de bajular ninguém para ter um cargo, nós nunca fizemos um serviço na Igreja para ter tipo de um reconhecimento, no sentido de dizer hoje me segure porque fiz isso para vocês [...]. Olhe para o seu irmão e diga obrigado pelo seu sim, pela sua oferta e daqui para onde que nós vamos? Para o céu, para frente, porque para trás nós já sabemos [...] (Márcia Sepúlveda, em discurso aos membros na confraternização do 22º aniversário de fundação da Comunidade *Sim de Maria*).

Acerca da fundação, recorda-se os percalços iniciais como sendo fruto de uma decisão discernida naquele contexto e não como um ímpeto inconsequente, mesmo reconhecendo que estavam no florescer da juventude e sem muita experiência, como decidir pela vida comunitária sem recursos ou planejamento necessários para prover, por exemplo, alimentação. Eram jovens, não trabalhavam, decidiram pela vida consagrada em Comunidade, em servir e confiavam na *providência divina*, na ajuda do que as pessoas ofereciam. Havia uma coragem juvenil que desafiava os obstáculos, superando as dores vividas por causa da escolha pela Comunidade, e tendia a levar adiante a obra, provando que davam conta do seu propósito.

Esse serviço à Deus, à Igreja não rendeu à Comunidade nem fama, nem sucesso, conforme disse Márcia, não no sentido de reconhecer que a Comunidade seja um fracasso, mas no sentido de que essa escolha não rendeu à Comunidade prestígio, riquezas, posses, reconhecimento ao modo de uma grande obra, ao menos até agora, sendo resultado da própria trajetória da Comunidade, que segue atuante, ainda que em situação de recursos humanos e financeiros limitados para expandir-se.

Depois do discurso da fundadora, os membros foram convidados a expressar-se espontaneamente, oportunizando a percepção do sentimento daquela comemoração. Destacamos alguns trechos da fala dos três membros que discursaram na ocasião onde podemos conferir: o destaque ao carisma da fundadora com os cofundadores, do qual procede e depende a vocação dos demais (membro 1); o desafio do início da comunidade, desde a saída da casa dos pais, destacada pelo cofundador, ressaltando o carisma como chamado absoluto de Deus (membro 2); o destaque ao carisma da fundadora com os cofundadores na perspectiva de serem os primeiros e dos quais dependem todos os outros posteriores, destacando a mudança de vida ocorrida após a vivência do carisma e a percepção de que Deus havia pensado em si na vivência desse carisma (membro 3).

Aprendi com o Sim de Maria, com a nossa fundadora, que hoje é dia de fazer memória [...] e de agradecer a Deus por esse chamado de Deus em nossas vidas, pelo que Deus tem feito nas nossas vidas. Às vezes a gente pode olhar para si e dizer que eu não estou da forma como eu gostaria de estar, mas ao olhar para trás e ver minha vida, hoje posso dizer como a Virgem Maria “Maravilhas fez em mim, o Senhor.” Graças a esse carisma, graças ao sim da Márcia, que foi o primeiro “sim”, do Fabiano, da Clebiane e, como foi falado, depois desses “sim” vieram todos os outros “sim” [...] (membro 1)

Eu gosto muito também de fazer memória [...] como somos ensinados. Toda vez quando chega o dia 3 de novembro, eu começo a lembrar o dia 2, das situações vividas. A chegada do dia 3 que, às 5h da manhã, que eu acordei, não tinha arrumado nada, meu pai estava saindo para trabalhar, eu parei ao lado dele e disse para ele que era o dia da mudança e ele perguntou do quê. Quando eu expliquei, ele perguntou o que eu queria dele, e eu disse “só quero sua bênção” e ele me deu a bênção dele e saiu para trabalhar. A partir daquele momento comecei a arrumar tudo dentro de casa, porque ele dizia que tudo que era dele, era meu. Então, comecei a pegar as coisas e minha mãe começou a olhar “tu vai levar essa cadeira para onde?” Eu disse, o pai disse que o que era dele era meu, então eu vou levar a cadeira, nós vamos precisar de mesa, comecei a separar tudo [...], menos a bicicleta de 24 marchas que era o único bem que tinha em comum com meus irmãos. Todo dia 3 de novembro eu lembro dessa cena. [...] Quando nós chegamos e a mulher, sem conhecer quem nós éramos, chegou com uma sacola de pimentão, dizendo: “passei e senti para entregar para vocês”, ninguém sabia da nossa mudança, porque era um horário que não tinha ninguém nas casas. Quando ela deu [a sacola de pimentão], a Márcia falou que Deus colocava no coração dela que nós nunca passaríamos fome [...]. Olhando para frente, possamos manter firmes a alegria do nosso coração nesse chamado, nesse chamado absoluto de Deus, que graças a Deus, meus irmãos, todos nós, que aqui estamos, tivemos a coragem e a capacidade de dizer “sim”, porque muitos ficam pelo caminho [...] (membro 2 [cofundador]).

Quero agradecer à Márcia, ao Fabiano e à Cléo, os primeiros, que puderam dar esse “sim” para que nós, hoje, estejamos aqui respondendo a esse “sim”, ao carisma. Igual todos já tem esse sentimento no coração, não tem como não fazer memória. Nós sempre nos colocamos aquele homem antes e depois do Sim de Maria, eu não sei o que eu seria, mas eu sei o que eu sou: homem, pai, esposo e filho de Deus. Talvez eu não estaria caminhando com Deus, mas Deus pensou em mim com o carisma Sim de Maria e eu sou grato a Deus por ele ter me encontrado e eu ter encontrado ele para poder dar essa resposta ao carisma. Louvo a Deus por cada irmão presente que me santifica, que me faz crescer [...] todos nós como Comunidade Sim de Maria, nós nos

percebemos nesse crescimento, não particular nosso, mas o crescimento para o Cristo [...] (membro 3).

Vale destacar que os membros 1 e 3 manifestam sua gratidão, reforçando sua dependência vocacional do carisma da fundadora, ressaltando que eles se tornaram quem são por meio da vocação da Márcia. A ocasião para fazer memória reforça os laços dos membros da Comunidade em torno do princípio da fundação, a fundadora, pois dela depende o “sim” de todos os demais, reforçando a sua posição de líder entre os membros.

O cofundador, por sua vez, recordou a origem em que sua participação na fundação é mais direta, sendo também uma expressão da dominação carismática. Em seu discurso, fica claro que não havia um planejamento de suporte para mobília da casa e que começaram improvisando, servindo-se de objetos da casa dos seus pais para suprir algumas necessidades, da mesma maneira que não se expressa um plano de ação inicial e pontual para captação de recursos, realçando a doação de alimento na ocasião da mudança como sinal de que Deus não lhes deixaria passar fome.

Na foto abaixo um registro da comemoração dos 22 anos de fundação, da esquerda para direita: o casal Fabiano (cofundador) e Márcia (fundadora); Jayder (pesquisador); Clelbiane (cofundadora), após o discurso da fundadora e de alguns membros, antes do corte do bolo.

Imagem 7: Comemoração dos 22 anos de fundação da Comunidade *Sim de Maria*



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Após o sacerdote ter sido convidado a pronunciar a bênção sobre todos os membros e sobre os alimentos, foram servidos os salgados, sucos e bolo. Na ocasião, ficaram confirmadas as entrevistas para o dia seguinte, 4 de novembro de 2023, ali mesmo no novo centro, na parte da manhã.

A partir de todo o exposto neste capítulo, percebemos que o engendramento da Comunidade *Sim de Maria* está correlacionado a um conjunto de processos interdependentes e inerentes às recomposições do catolicismo concernentes à atuação do laicato em seu interior após as deliberações do Concílio Vaticano II, especialmente das disposições do decreto *Apostolicam Actuositatem* e do Código de Direito Canônico vigente.

O surgimento da RCC é expressão desses movimentos que se desenvolvem com forte atuação dos leigos e apoio, de certo modo, da hierarquia, abarcando diversas partes do mundo, chegando ao Brasil e, paulatinamente, estabelecendo-se nos Estados, como mostramos na região Nordeste, produzindo, inclusive, novas formas de associação como as Novas Comunidades. Nesse sentido, a chegada da RCC ao Maranhão é raiz para o desenvolvimento das Novas Comunidades na cidade de Imperatriz, somando atualmente oito dessas novas agregações de fiéis leigos no período de quase quatro décadas, além de outras formas de associações de fiéis identificadas.

Destarte, a Comunidade *Sim de Maria* surge em um momento pululante da RCC em Imperatriz, em uma paróquia, de periferia, onde esse movimento havia uma grande repercussão e atraía muitos fiéis, inclusive centenas de jovens. No entanto, sua trajetória não lhe rendeu nem fama, nem sucesso, mas ainda se mantém atuante mais no espaço da Diocese que no interior do espaço carismático, sendo entre as Novas Comunidades a que mais se sobressai entre números de membros consagrados, concorrendo apenas com a Comunidade Shalom.

CAPÍTULO 3:

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA COMUNIDADE “SIM DE MARIA”:

Fundação, carisma, disciplina religiosa, modos de seleção

Os processos de recomposição do catolicismo nesse contexto de pentecostalização resultam na fundação de novas associações, as chamadas Novas Comunidades, oriundas do movimento carismático católico. Este capítulo apresenta o estudo de caso da Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria* como uma mostra da ocorrência de processos no interior do Maranhão, favorecendo melhor apreensão da temática em questão quanto à fundação – percalços e resistências –, ao carisma – origem, aprovação e depuração –, à organização da Comunidade – estrutura e manutenção – e os procedimentos de seleção e iniciação de novos membros. Discorreremos acerca do carisma, embasados na compreensão sociológica de Weber (1982, 1991) com análises de pesquisadores da área, como Carranza e Mariz (2009), Silva (2019), Sell (2018) e Bach (2011), além de relacionar seu modo de estruturação e organização ao conceito *habitus* de Bourdieu (1983). Abordamos propriamente a Comunidade *Sim de Maria*, sua fundação, percalços e resistências, pretensões e tensões, bem como as questões em torno da eleição da fundadora e analisamos as relações que resultaram no surgimento dos cofundadores da Comunidade. Apresentamos a identidade da Comunidade em torno de seu carisma próprio e, finalmente, a ocorrência da acolhida e acompanhamento de novos membros por meio de um processo de iniciação com tempos específicos e ritos de passagem, bem como elementos de organização interna da própria Comunidade.

3.1 Notas sobre carisma e gênese organizacional

A gênese de uma Nova Comunidade, assim como em uma Ordem ou Congregação religiosa, ocorre tipicamente a partir da crença de uma manifestação a uma pessoa chamada por Deus a uma missão e com um carisma determinado para tal missão. Essa manifestação acontece imbuída de um contexto religioso, social, cultural e político que incidirá nas expressões da vivência carismática e no estilo de vida assumido pelo fundador e demais membros, considerando o substrato comum em relação à missão cujo teor elementar, conforme Carranza

e Mariz (2009, p. 151-152), expressa-se em levar a fé a outros lugares ou ainda aos próprios católicos, num intento de reinstitucionalização. O fundador ou fundadora, fiel leigo ou ministro ordenado, é o sujeito do carisma e propulsor da missão.

A emergência do carisma relaciona-se inerentemente à dimensão pneumatológica, isto é, com o acesso e a vivência dos dons do Espírito Santo por parte de todos os fiéis, apoiado e reconhecido pela Igreja Católica, favorecendo o surgimento de lideranças leigas e a estruturação do carisma em torno de uma comunidade. Concernente a isso, Carranza e Mariz sopesam:

A crença no acesso de todos aos dons do Espírito Santo tem, portanto, permitido que se legitimem a autoridade de diversas lideranças leigas. Surgem líderes carismáticos, chamados por Weber (1992) de “profetas”. Ao pregar os dons do Espírito Santo, prega-se a ampliação da autonomia da liderança leiga (homens e mulheres) e eclesial. Legitimado, o profeta tem relativa liberdade de criar sua comunidade com características específicas e propagar suas revelações [...] (Carranza; Mariz, 2009, p. 151).

A compreensão de carisma, nesta pesquisa, e sua relação com liderança segue na ótica de Weber (1991, p. 159), ao qual carisma é “uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’.”

Conforme Weber (1982, p. 283), um carisma é constituído de “dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos”, sendo, portanto, o portador do carisma um sujeito considerado excepcional e exclusivo, devendo constantemente provar sua excepcionalidade, conforme expõe Silva:

[...] o portador daquilo que é considerado como “carisma” ou como “algo extraordinário”, “excepcional”, opõe-se a toda forma de manutenção do cotidiano e sua normalidade, ou mesmo a toda uma tradição. Ele lidera um grupo, uma coletividade ou uma comunidade por conta de seu carisma, e precisa a todo instante provar sua excepcionalidade, transcendendo-se a si mesmo e à realidade que pretende “renovar”, “magicizar”, uma vez que a prova do carisma que lhe pertence é uma condição *sine qua non* para a manutenção da dominação por ele exercida, sua legitimação, sob o risco de perder o reconhecimento que tem perante a coletividade (Silva, 2019, p. 140).

Silva (2019) comenta ainda que o líder carismático é um criador, uma vez que confere existência a uma coletividade, seus seguidores, a partir daquilo que mostra e que enuncia e anuncia:

Anunciar, nele e para ele, é enunciar, tornar algo real a partir de suas palavras. Isso porque o líder carismático torna-se a objetivação do próprio carisma, o carisma incorporado, encarnado, personificado. E, ao incorporá-lo objetivamente, interdita tal dádiva a outros, seus dominados, mantendo-se a si mesmo como extraordinário, revolucionário, carismático (Silva, 2019, p. 140).

De acordo com Weber (1991, p. 159), o carisma em relação aos seus adeptos, isto é, aos carismaticamente dominados, é válido a partir do livre reconhecimento que lhe é dado. Nesse sentido, os próprios adeptos ao carisma reconhecerão sua validade proveniente da revelação, veneração de heróis ou da confiança do líder e consolidado pelas provas, advindas de milagres. Weber (1991) não considera que o reconhecimento seja razão da legitimidade, senão “um dever das pessoas chamadas a reconhecer essa qualidade, em virtude de uma vocação e provas”, sendo, pois, “uma entrega crente e inteiramente pessoal nascida do entusiasmo ou da miséria e esperança” (Weber, 1991, p. 159).

Essa noção de carisma diz respeito a um elemento de estrutura de poder, atuando como “um princípio de legitimação para determinadas relações sociais, sobretudo religiosas e políticas, que engendram, também, estruturas de dominação que servem à manutenção de tais relações”, como afirma Silva (2019, p. 137).

Nesse sentido, a relação entre líder e liderados manifesta uma relação de dominação, isto é, autoridade, que para Weber (1991, p. 139) é “a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas” e que “pode basear-se nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito inconsciente até considerações puramente racionais, referente a fins.”

Weber (1991) expõe que as relações são dominadas pelo costume, por interesses materiais e racionais referentes a fins ou ainda por motivos afetivos e racionais referentes a valores, porém é a crença na legitimidade que constitui fundamento confiável de uma dominação, por isso “todos procuram despertar e cultivar a crença em sua ‘legitimidade’” (Weber, 1991, p. 139). Nesse sentido, ele afirma que há três tipos puros de dominação legítima, a saber:

1. de caráter *racional*: baseada na crença na legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados para exercer a dominação (dominação legal), ou
2. de caráter *tradicional*: baseada na crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional), ou, por fim,
3. de caráter *carismático*: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática) (Weber, 1991, p. 141).

Tratando da dominação carismática, Weber (1991, p. 141) comenta que a obediência ao líder carismaticamente reconhecido como tal dá-se pela confiança pessoal na revelação, heroísmo ou exemplaridade no âmbito da crença no carisma. No entanto, como pondera Sell (2018, p. 4), “a crença em certo tipo de legitimação, em si mesma, ainda não funda uma estrutura política, pois ela também precisa ser socialmente estruturada e a ela devem corresponder formas padronizadas e organizadas de relações entre os indivíduos.”

Weber (1991, p. 159-161) aponta seis características que, em seu conjunto, configuram o carisma como forma de dominação, as quais Sell⁴⁴ apresenta da seguinte maneira:

1) um indivíduo com qualidades específicas reconhecidas por seus adeptos por meio de provas; 2) o dever de reconhecer suas pretensões de legitimidade (autoridade carismática); 3) necessidade de comprovação; 4) organização social de caráter comunitário-emocional; 5) alheamento de preocupações econômicas; 6) caráter revolucionário (Sell, 2018, p. 5).

Essas características não estão dissociadas entre si, todavia, reunidas, expressam a estruturação do líder carismático em torno dos seus aspectos elementares. Destarte, é decisiva a fé no líder e em suas qualidades sobrenaturais para estabelecer relações de dominação carismática, como aborda Bach:

Para a gênese de processos genuinamente carismáticos, é decisiva, por parte de um círculo limitado de pessoas, a *crença* nas qualidades *extracotidianas* do pregador ou na personificação de novas ideias de valores. A fé como relacionamento de confiança incondicional em algo, seja isso algum poder mágico, Deus, a razão ou até mesmo as supostas faculdades “sobre-humanas” de uma pessoa, é essencialmente uma dimensão de sentido irracional que, pela sua natureza, dificilmente pode ser conciliada de forma duradoura com as exigências racionais do intelectualismo e do conhecimento racional (Bach, 2011, p. 55).

Segundo Bach (2011), a agregação de pessoas e a vivência coletiva da fé em torno do pretendente carismático, oferece-lhe oportunidades para aquisição de poder, tornando o carisma um recurso de poder, constituindo uma relação de dominação. Dessa maneira, o autor expressa que o líder carismático:

[...] consegue se transformar na única garantia para a realização e a pureza dos conteúdos religiosos proclamados e exigir, no interesse da realização das promessas de redenção e/ou dos efeitos caritativos positivos vinculados à sua missão pessoal, uma obediência incondicional de seus seguidores e discípulos. Neste caso, porém, o carisma “força” a “sujeição” como consequência da lealdade aos valores, no nível da ação [...] (Bach, 2011, p. 56).

⁴⁴ Além de apresentar, Sell (2018, p. 5-6) examina cada uma das características de forma detalhada, procurando sistematizá-las com o apoio teórico de outros autores.

À medida que o carisma do fundador atrai e integra novos membros, natural e paulatinamente sente-se a necessidade de uma organização própria em vista da vivência do mesmo carisma, iniciando uma fase de rotinização do carisma, nos termos weberianos:

Em sua forma genuína, a dominação carismática é de caráter especificamente extracotidiano e representa uma relação social estritamente pessoal, ligada à validade carismática de determinadas qualidades pessoais e à *prova* destas. Quando essa relação não é puramente efêmera, mas assume o caráter de uma relação *permanente* – “comunidade” de correlegionários, guerreiros ou discípulos, ou associação de partido, ou associação política ou hierocrática – a dominação carismática, que, por assim dizer, somente *in statu nascendi* existiu em pureza típico-ideal, tem de modificar substancialmente seu caráter: tradicionaliza-se ou racionaliza-se (legaliza-se), ou ambas as coisas, em vários aspectos [...] (Weber, 1991, p. 161-162).

Tal processo incide na estruturação dos modos de seleção dos novos membros e de sua iniciação ao estilo de vida na comunidade, bem como a sua organização interna. Nesse sentido, as Novas Comunidades, de certa forma, são estruturas estruturantes na perspectiva expressa por Bourdieu:

[...] As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (Bourdieu, 1983, p. 61).

Assim, o *habitus* numa Comunidade de Vida diz respeito a uma estrutura (estruturada e estruturante) que não se encontra na consciência do indivíduo, e sim em seu corpo, ditando as regras práticas para a sua ação, levando-o a reprodução das estruturas sociais. O princípio desse *habitus* específico da Comunidade está em seu fundador e no carisma.

3.2 “Daqui nunca mais eu saio”: a fundadora, a visão da casa e o surgimento da obra

Márcia do Nascimento Sepúlvida nasceu aos 30 de junho de 1976, na cidade de Altamira/PA, e devido à morte prematura do seu pai, sua família teve que mudar para a cidade de Imperatriz/MA, onde moravam parentes. Ela tem uma única irmã, mais velha, e considera

irmã outra mulher que foi criada com ela e que é sua afilhada. Em tempos idos, foi professora de natação e recreação. Atualmente não exerce nenhuma atividade remunerada, tendo dedicação exclusiva para a Comunidade *Sim de Maria*, e cursou um período do curso de graduação em Sociologia numa instituição de ensino privado, custeado pela própria Comunidade, ainda no início desta pesquisa, porém decidiu trancar, pois não havia se identificado com o curso. Acerca do curso de Sociologia, Márcia comentou que a escolha se deu pelo fato de ser importante buscar formação na área de humanas e a Sociologia poderia contribuir nesse campo, mas não seguiu adiante e disse que pretende fazer Psicologia, porque acredita lidar bem nessa área.

Quando questionada acerca da sua identidade “Quem é Márcia Sepúlvida?”, ela prontamente respondeu:

Sou uma mulher realizada, 47 anos [...], sou casada, sou Sim de Maria, sou mulher. É importante a gente falar isso porque quando nós vamos falando de nós, geralmente a gente gosta de começar dizendo assim: eu tenho, eu tenho, o ter, mas a gente tem que passar pelo ser, o ser da nossa identidade [...]. Mas eu sou, sou uma mulher, gosto de ser mulher (risos), me sinto bem, me identifico dentro [...] da vida que eu abracei. [...] sou uma pessoa realizada, porque, diante da minha vocação pessoal [...] questão do carisma, eu sou realizada, não tinha outra escolha para fazer (Márcia Sepúlvida, em entrevista ao autor).

Embora não haja nenhuma referência explícita, alude-se ao pensamento de Fromm (2014) sobre ter ou ser, e ela destaca positivamente sua identidade feminina e sua realização pessoal. Tratando-se do acento no gênero, a situação da conversa não experimentou nenhuma pauta ideológica ou de empoderamento explícita, senão referente à sua realização enquanto mulher que experimentou desafios. De outro modo, nessa ênfase, exprime-se sua identidade de mulher que se realizou na vida que escolheu e assumiu.

Como mulher consagrada na estrutura da Comunidade de Vida, a Márcia não é celibatária. Ela é casada com o cofundador, Fabiano, e eles moram na sede da Comunidade, em uma casa reservada a eles e não têm filhos. Em sua identidade se destaca “ser Sim de Maria”, manifestando sua autoconsciência identitária carismática.

A trajetória de vida cristã é um fator decisivo para orientar as escolhas e a tomada de decisão que resultaram na fundação da Nova Comunidade. A Márcia Sepúlvida, como é chamada, vem de uma família protestante. A família de seu pai era em sua maioria católica, porém, devido ao falecimento do pai ainda quando ela era criança, não teve convivência e nem contato com os parentes paternos, não tendo influência deles em sua vida cristã. A família de

sua mãe, ao contrário, uma parte era da denominação Testemunha de Jeová e outra parte era da Assembleia de Deus, sendo que sua mãe não participava de nenhuma das duas denominações.

Márcia relatou que sua orientação à vida cristã católica inicialmente foi inspirada pela vizinha de sua avó, a quem ela chama de vó de criação, que era católica e sempre no fim de tarde rezava o terço, fato que chamava sua atenção, sendo criança, curiosa, olhava pela cerca essa vizinha sentada, rezando o terço. Essa vizinha, em cuja casa moravam apenas adultos, acompanhava toda a movimentação da casa da sua avó e, como o muro do quintal da casa estava quebrado, via as crianças e percebia que sua avó não era uma boa avó para as crianças. Assim, a vizinha tentou se aproximar dela e de sua mãe e, quando a via na cerca, chamava-a e rezava o terço com ela.

Nessa relação de amizade da vizinha com sua mãe, elas foram incentivadas a se batizar. Então, aos sete anos de idade, Márcia entrou na catequese e, depois, recebeu o batismo, o qual aconteceu na Igreja de Santo Antônio, em novembro de 1983, tendo como madrinha a filha da vizinha. Conforme relatado, Márcia foi à Igreja nesse período e, após o batismo, não voltou mais à Igreja até seus quatorze anos. Diante da pergunta dessa lacuna de participação na Igreja, Márcia falou que, como era criança e não tinha tradição de participação de Igreja em sua família, não conseguia ir e, aos domingos, quando a sua vizinha ia à Igreja, ela já não estava na casa dela, então não a acompanhava.

Tendo passado sete anos desde o batismo, Márcia, já adolescente, estudava na Escola Graça Aranha, no bairro Centro, em Imperatriz, e ouvia o pessoal da sua turma falar que ia para a Igreja, algo que parece ter sido instigante e motivador para a adolescente, que, talvez, fora do contexto de Igreja, poderia sentir-se alheia à vivência do grupo escolar. Esse retorno à Igreja, propriamente no dia em que volta, resultou num divisor de águas na vida da adolescente, marcando um recomeço em sua trajetória de vida cristã, conforme seu relato:

Então eu acordei um belo dia [...], eu já estava [morando] no [bairro] Bom Sucesso [...], e aí eu perguntei onde é que tinha uma Igreja, então eu fui por vontade minha. Levantei e disse assim “hoje vou para a missa”. Eu fui para a missa, eu não entendia o rito [...], mas aquilo ali encheu meu coração, então eu falei “daqui eu não saio mais”, então já fiquei ali [...] (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Esse retorno à vida cristã, agora de modo mais consciente e decidido, confunde-se com o chamado inicial para à vida consagrada, como ela narra em outro momento da entrevista:

[...] quando [...] fui à missa, nesse dia que eu acordei e disse “é hoje!”, não tem aquela coisa que você lembra... eu lembro que acordei e sentei e disse “vou para a missa hoje”. E era longe da minha casa. Naquele tempo, o caminho... tudo. Eu fui correndo.

Eu lembro que tinha setores do caminho que eu passava correndo, tinha muito mato. E quando eu cheguei à missa, que estava fazendo aquele rito e eu não entendia, mas achei tão interessante, ficava em pé, sentava... e eu olhava... Após a comunhão, teve a música do padre Zezinho, aquela “Além do horizonte”. Eu lembro que [...] eu tive um foco de luz tão forte que eu percebi, tipo... vou usar essa expressão, eu fiquei um pouco cega. Eu estava tão emocionada com aquela situação, eu olhava e na hora da comunhão vi que todo mundo fechou os olhos e eu fechei, e eu lembro que vi uma casa. A visão que eu tinha era uma casa, por isso que, desde a Comunidade, vem no meu coração a questão de uma chácara. Parecia um local com mata e aí eu me via com muita gente. Isso foi nesse dia que eu fui, quando eu olhei... até eu me assustei... vou usar essa expressão, que eu voltei, mas não está correta, eu lembro: “daqui nunca mais eu saio” (Márcia Sepúlvida, em entrevista ao autor).

Esse acontecimento extracotidiano foi o gérmen da obra que desabrochará e resultará no surgimento da Comunidade *Sim de Maria*. Em termos weberianos, essa narrativa pode ser lida na perspectiva de um *profeta*. Atinente a isso, Weber escreve:

Por “profeta” queremos entender aqui o portador de um carisma puramente *pessoal*, o qual em virtude de sua missão, anuncia uma *doutrina* religiosa ou um mandato divino. Não queremos distinguir fundamentalmente entre o profeta que anuncia de novo uma revelação antiga (de fato ou suposta) e aquele que reivindica para si uma revelação totalmente nova, isto é, entre o “renovador” e o “fundador” de uma religião. Ambas as coisas podem estar entrelaçadas e, sobretudo, não é a intenção do próprio profeta que decide se de sua revelação nasce ou não uma nova *comunidade* [...]. O decisivo para nós é a vocação “pessoal”. Esta é que distingue o profeta do sacerdote. Primeiro e sobretudo porque o segundo reclama autoridade por estar a serviço de uma tradição sagrada, e o primeiro, ao contrário, em virtude de sua revelação pessoal ou de seu carisma (Weber, 1991, p. 303).

Começa, pois, do ano de 1990 para 1991, a trajetória de atividades na vida eclesial no âmbito paroquial, que até então Márcia Sepúlvida era alheia. Ao final da referida missa, de acordo com a narrativa da Márcia, avisaram que em seguida aconteceria o encontro do Grupo de Oração. Esse grupo havia um mês de fundação, pertencia ao movimento RCC e era chamado *Sim de Maria*. Então, Márcia narra que já ficou para o Grupo de Oração e integrou o grupo, sendo chamada para a coordenação: “Então eu já entrei, já fui para coordenação. Eu converso bem, já fiquei junto com a coordenação” (Márcia Sepúlvida, em entrevista ao autor). Um elemento atrativo para sua incorporação na coordenação é o fato de conversar bem, ter um bom e articulado discurso, que, em relação aos demais membros, destacava-se pela comunicação e favorecia um posto ativamente de liderança.

O acesso ao sacramento da eucaristia, que exige, comumente, um tempo de preparação formativa mais intensa e sistemática, foi para a jovem paroquiana Márcia dado de maneira atípica. Ela relata que queria, mas pensava consigo que não passaria um ano. Aconteceu um mutirão de confissão e, ainda naquele ano inicial de vida paroquial, ela comenta que entrou na fila para a confissão, fez seu exame de consciência e confessou. Ela contou que ao sentar-se

diante do padre confessor, este perguntou-lhe se era a primeira confissão, ao que ela respondeu positivamente, em seguida o confessor fez as perguntas que foram todas respondidas pela penitente. O confessor falou com o pároco sobre a questão da sua primeira comunhão e a penitente foi admitida para receber a comunhão eucarística, de quatorze para quinze anos.

Na vida eclesial, a participação não era exclusiva ao Grupo de Oração *Sim de Maria*. Márcia contou que desde o início os membros foram integrados na vida paroquial em que sempre foram ativos:

[...] tinha uma coisa muito particular nossa, [...] do Sim de Maria: nós sempre fomos ativos dentro de uma paróquia, mesmo o grupo com esse olhar carismático. Nós tínhamos catequese. Eu já dei catequese adulta, já dei catequese para adolescente. Então nós tínhamos uma vida pastoral ali. [...] Do Conselho Paroquial, eu já fiz parte (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

O fato de estar integrada na vida pastoral paroquial possibilita também participar dos planos de ação pastoral, colaborando com a reflexão para tomada de decisões, e estar bem informada das atividades na jurisdição da paróquia e naquelas atividades relativas à vida diocesana.

A casa que foi vista por ela durante a visão na missa manteve-se vivamente em sua memória. Ela relatou o desejo de obter um terreno para que pudesse fazer uma casa para viver em vista da evangelização, isso num período em que ela não havia tido referências de Novas Comunidades.

Então, onde eu passava com o pessoal eu dizia: “olha, nós vamos comprar esse terreno.” Eu não tinha essa noção das Novas Comunidades, que já estava no Brasil, mas eu não acompanhava. Na minha casa não tinha uma parabólica para eu saber de Canção Nova. [...] mas onde eu passava eu dizia: “vamos comprar esse terreno, vamos fazer uma casa, vamos morar assim e vamos viver só para a Evangelização”. Então eu fiquei desta época [1990-1991] até 1998 com isto no meu coração, até quando foi agregando pessoas, eu fui amadurecendo, nós fomos amadurecendo, e aí eu fui fazer *Maanaim*, em 1998 (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Márcia recebeu o convite para participar do *Maanaim*, aceitou-o e viajou à Anápolis/GO, local do evento, onde ela encontrou a Comunidade Nova Aliança e a estrutura que ela desejava, só que para a sua realidade local. A Comunidade Católica Nova Aliança surgiu aos 02 de fevereiro de 1991, em Anápolis/GO, fundada por Magno Fernando ainda jovem, com seus 21 anos de idade, cujo carisma expressa-se em “colaborar com a Instauração e Restauração

do Amor Filial” e foi reconhecida como Associação Privada de Fiéis de direito diocesano, aprovada pela Diocese de Anápolis/GO⁴⁵.

Acerca de sua participação no *Maanaim* na Comunidade Nova Aliança, ela relatou: “Quando eu cheguei que eu vi, aí eu fiquei bem desconcertada [...] eu disse: ‘é isso, só que é lá’. Aí eu voltei, em 1998, com isso na minha cabeça. Fomos conversando [...] eu falava assim... a obra, eu nem falava a comunidade. Dizíamos, o grupo: ‘Deus tem uma obra para nós’” (Márcia Sepúlvida, em entrevista ao autor).

Acerca desse contato com a Comunidade Nova Aliança, Márcia contou que esteve presente lá por cinco vezes ao longo de um ano, inclusive, em entrevista com a cofundadora Clelbiane, foi mencionado sua participação junto com Márcia em uma dessas viagens. O intuito, conforme declarou, não era reproduzir a estrutura dessa Comunidade, mas ver o seu funcionamento e poder conversar com eles a fim de ajudarem a discernir a fundação da Comunidade.

O *Maanaim* de 1998 foi como uma confirmação do que a visão daquela missa havia despertado em Márcia Sepúlvida e, mais ainda, proporcionou-lhe o contato com a estrutura funcional de uma Nova Comunidade, colaborando para o seguimento de organização de uma “obra” em vista da evangelização.

Em 1998, os membros que participavam do Grupo de Oração *Sim de Maria* já eram mais jovens e havia uma turma do Conselho do Grupo de Oração que tinha o mesmo pensamento de organizar, fundar uma “obra”. Essa turma começou a conversar do ano 1998 a 2000 sobre o assunto e passou a rezar na intenção dessa obra de forma mais consciente a partir do ano 2000. Sobre esse período, Márcia expôs: “Nós víamos isso. Deus tinha algo para nós. Nós chamávamos a obra. Daí já estava em 2000, finalzinho de 2000 para 2001. Nós já estávamos fazendo reuniões concretas, à parte, para partilhar [...], rezar [...]” (Márcia Sepúlvida, em entrevista ao autor).

Em 1 de maio de 2001, essa turma organizou e promoveu uma vigília a fim de fazer o discernimento fundacional, uma vez que já estavam mais conscientes, amadurecidos e seguros de seu desejo de fundar uma Comunidade. Dessa forma, nesta vigília de oração, deviam rezar em vista de quem seria o fundador. Nessa data, conforme relatado pelo Fabiano, cofundador, em entrevista e confirmado pela Márcia, reconhece-se o discernimento vocacional e eles já se

⁴⁵ Informações obtidas em 18 de março de 2024, no site da Comunidade Nova Aliança, disponível em: <<https://comunidadenovaalianca.com.br/2024/02/28/quem-somos/>>, embora os dados de sua fundação e fundador não estão presentes na apresentação da comunidade, e, para isso, recorremos à matéria sobre essa Comunidade divulgada no site da Comunidade Canção Nova, na comemoração dos 20 anos da Nova Aliança, disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/comunidade-nova-alianca-comemora-20-anos/>>.

veem como Nova Comunidade, no entanto a fundação é datada de 03 de novembro de 2001, porque foi quando se deu início à Comunidade de Vida.

Márcia ressaltou que a designação como fundadora da obra não partiu daquela “visão da casa” ou de algum momento extraordinário pessoal, mas propriamente do discernimento proveniente do tempo de oração dedicado a esse fim, cujo cume deu-se na vigília. Em relação a isso, ela comentou:

[...] Foi unânime na vigília, a questão do discernimento, que seria eu [a fundadora]. A Cléo [Clelbiane, cofundadora, acompanhou a entrevista] estava na vigília. Não tinha uma política, né, Cléo? [dirigindo-se à cofundadora]. Não houve uma política. Foi o discernimento natural. Acho que pela forma como eu fazia essa articulação: vamos fazer reunião, vamos... Foi muito natural, isso, não foi imposto. E aí já sai o discernimento que seria eu a fundadora e, aí, foi uma coisa que caiu, assim, muito sossegado no meu coração (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

O relato da eleição da fundadora caracteriza-se pela expressão mítica e simbólica, na perspectiva de Eliade (1992), no sentido de que não se trata de uma história falsa, mas do aspecto racional do homem religioso envolvido pelo aspecto simbólico para a vivência humana. Para Eliade,

[...] a lembrança de um episódio histórico ou de um personagem real sobrevive na memória popular durante dois ou três séculos, no máximo. E isto porque a memória popular encontra dificuldade em guardar a imagem de acontecimentos individuais e figuras reais. As estruturas por meio das quais ela funciona são diferentes: categorias, ao invés de episódios, arquétipos, em lugar de personagens históricos. Um personagem histórico se confunde com seu modelo mítico (herói, etc.), enquanto que o evento acaba sendo identificado com a categoria de ações míticas (luta contra um monstro, irmãos inimigos, etc.) [...] (Eliade, 1992, p. 43-44).

Segundo Ciampi (1972), Eliade considera mítico tudo o que se reporta, como a seu modelo, a um acontecimento originário, e o mito “perde sua significação fabulística para assumir o valor da linguagem mais rica de intenções verdadeiras, enquanto reporta àquilo que é sumamente real” (Ciampi, 1972, p. 756).

Nesse sentido, o contexto de um tempo e espaço sagrados da reunião da vigília de oração, em que se buscava do transcendente a confirmação do agente fundador, e as condições apontadas por ela mesma de ser uma pessoa articulada e com tomada de iniciativas, manifestando seu caráter de liderança, sem o embargo de nenhuma outra voz no grupo que reivindicasse a liderança nessa vigília, dão-lhe personalidade privilegiada que encontra reconhecimento e corroboração do discernimento dos demais.

Quando a fundadora se refere e afirma que não houve política, trata-se de articulações internas entre os membros para eleger alguém previamente preparado, lançando o resultado da eleição como fruto da oração. Porém, esse resultado alcançado não se deu fortuitamente, pois havia todo um ambiente marcado pela atividade liderada pela Márcia, ainda que se diga não ter tido propaganda ou estratégias em vista de sua eleição.

Acerca dessa situação, em entrevista com o César⁴⁶, um dos membros dissidentes da Comunidade de Vida no período da fundação, questionado por que ele acreditava que Márcia devia ser a fundadora, César comentou sobre a vigília de oração para esse fim. Ele disse que havia esse assunto da fundadora já em rodas de conversa, mas não em forma de aliciamento de eleitores para um ou outro membro. Ele conta que nessa vigília aconteceu a *eleição Matias*⁴⁷, em que foram sugeridos, de maneira coletiva pelos integrantes do núcleo do Grupo de Oração, os nomes para ser o fundador. Os três nomes mais votados eram escritos em papel e colocados “aos pés do Santíssimo”, isto é, diante do sacrário onde se guarda a reserva eucarística nas capelas, e oravam. Após a oração e um tempo de silêncio, seria tirado um dos nomes e o nome que saísse corresponderia ao nome do discernimento dado pelo grupo e à confirmação de Deus para o que estavam buscando. Esses três nomes foram da Márcia, Cris⁴⁸ e Evaldo. Conforme César, o Evaldo recusou de imediato, dizendo que não tinha condições para tamanha responsabilidade. Sobre isso, ele narrou:

Nós colocamos dois nomes, inclusive um era o dela [da Márcia]. E ali, nós, em oração e discernimento, o Grupo Núcleo do então grupo Sim de Maria, discernimos que a pessoa que estaria mais pronta no momento para assumir esse compromisso, que tinha mais uma identidade – digamos assim – com a nossa proposta, seria ela. Então, surgiu através dessa vigília onde nós, conversando o núcleo do Grupo de Oração Sim de Maria na época, e entre o nome dele e outro nome que foi sugerido, o dela foi o melhor que se encaixou dentro da proposta que nós queríamos, dentro do chamado. Ela também de pronto já sinalizou o desejo de estar à frente [...]. Nós indicamos o nome dela e ela de pronto, ali com o discernimento dentro dessa vigília, ela aceitou. [...] Achamos por bem colocá-la, porque ela era uma pessoa que já tinha mais caminhada, já tinha também uma certa experiência e tinha essa identidade, que na nossa visão, mais semelhante ao Grupo de Oração e que teria esse meio de conduzir da melhor forma possível o povo que ali estava representando o Grupo de Oração (César, em entrevista ao autor).

Então, os nomes postos em papel diante do sacrário foram da Márcia e Cris e, no sorteio, saiu o nome da Márcia, já acurado de um discernimento e assentimento do grupo. Acerca dessa

⁴⁶ Usaremos um pseudônimo para esse membro, tendo em vista que em seu relato há referências a outros membros dissidentes, resguardando sua identidade.

⁴⁷ Uma referência ao modo da eleição do apóstolo Matias, conforme o relato bíblico de At 1,15-26, ocorrida por meio de sorteio.

⁴⁸ Usaremos um pseudônimo para esse membro, pois os relatos a seguir em torno das relações com esse membro são sensíveis, resguardando, assim, sua identidade.

questão, em entrevista com o Antônio⁴⁹, outro membro que estava na fundação, ele confirma que houve o período de conversa sobre a fundação da Comunidade, que houve um tempo de discernimento e a vigília para discernir sobre o fundador.

Sobre a eleição e o fato de os nomes terem sido escritos e postos para a escolha, ele disse que não lembra disso, mas que os dois nomes sugeridos foram da Márcia e da Cris: “Márcia ficou como fundadora e a Cris como cofundadora” (Antônio, em entrevista ao autor). De acordo com Antônio, isso havia ficado estabelecido. Sobre a indicação da Márcia como fundadora, ele comenta: “A Márcia era a que tinha mais qualificação para o cargo de fundadora. A gente via e sentia que ela poderia estar à frente do trabalho” (Antônio, em entrevista ao autor).

Percebe-se que é a própria Comunidade que dá seu assentimento, confirmando Márcia na posição de fundadora. Acerca desse aspecto em que a Comunidade elege seu líder fundador, Silva pondera:

A Comunidade, ao formar-se, crê que seu fundador porta uma excepcionalidade que o faz depositário de um mandamento divino; contudo, não percebe que foi o assentimento de cada um que, dando materialidade à mensagem do líder, o transformou em um “fundador”, ratificando o suposto “chamado” a ele direcionado (Silva, 2023, p. 54).

Há, portanto, uma indicação e um reconhecimento da Comunidade nascente em relação à Márcia como fundadora, líder do grupo, já dispondo, na perspectiva weberiana, o livre reconhecimento dos adeptos sobre a validade do carisma, que os dispõe a ser moldados pelo que o fundador ou fundadora revelará como vontade de Deus. Acerca disso, Silva (2023) destaca:

Tudo começa, para a Comunidade, com a narrativa da experiência pessoal vivenciada pelo fundador, dentro do contexto da RCC, que aos poucos vai “radicalizando” sua experiência e aglutinando a seu redor outros sujeitos que serão “moldados” a partir daquilo que enunciará como “vontade divina” para si e para aqueles que vierem se juntar a ele (ou a ela) (Silva, 2023, p. 52).

A Cris, após conversar com ela por mensagem e ter-lhe falado sobre a pesquisa, perguntando de sua disponibilidade para uma entrevista acerca da fundação da Comunidade, não demonstrou interesse em participar da pesquisa, e apenas disse: “quem pode muito

⁴⁹ Por questões de resguardar a identidade do membro dissidente, usaremos esse pseudônimo.

contribuir com você é a Márcia e a Cléo, pois eram do grupo de oração Sim de Maria” (Cris, em resposta por mensagem ao autor).⁵⁰

O carisma se manifesta a partir da fundadora e, de acordo com Weber (1991, p. 161), “[...] o carisma *pode* ser uma transformação com ponto de partida íntimo, a qual, nascida da miséria ou entusiasmo, significa uma modificação da direção da consciência e das ações, com orientação totalmente nova de todas as atitudes diante de todas as formas de vida e diante do ‘mundo’, em geral.” Nesse sentido, aquela casa que ficou no coração, nos projetos da eleita fundadora da obra, tornar-se-á um local concreto em que se orientará um novo estilo de vida com identidade própria, o carisma *Sim de Maria*.

Na perspectiva do pensamento de Geertz (1997), a concepção de carisma em Weber não está completa e apresenta-se de modo simplificado, uma vez que para compreender a relação entre a autoridade, líder e carisma é necessário observar a construção cultural de uma dada sociedade, como ilustrado por ele a partir de três monarquias, Inglaterra (séc. XVI), Indonésia (séc. XIV), Marrocos (séc. XVIII e XIX), indicando que cada carisma é forjado por um símbolo de poder próprio. De acordo com Geertz (1997, p. 184), o “carismático não é necessariamente dono de algum atrativo e especialmente popular, nem de alguma loucura inventiva; mas está bem próximo do centro das coisas.”

O meio social e eclesial em que Márcia estava inserida junto ao grupo emergente e as experiências até então vividas como o período do *Maanaim* de 1998 e sua capacidade de articulação já desde membro do grupo de Oração da RCC na paróquia em que participava, renderam-lhe capital social e simbólico, na expressão bourdieusiana, que a fazia destacar-se entre os outros membros. A vigília de oração para o discernimento fundacional e sua eleição como fundadora sugerem um momento de *consagração*, isto é, de reconhecimento do grupo diante de sua trajetória e suas proposições enquanto liderança.

O ponto central de envolvimento é o grupo de oração da RCC, movimento em larga expansão no início dos anos 2000 na Diocese de Imperatriz. Nesse caso, observa-se no próprio grupo religioso carismático-católico, constituindo-se comunidade, que vai ter seus elementos, princípios ou critérios para eleger o líder, não necessariamente sistematizados ou racionalizados.

⁵⁰ César, na entrevista, disse que até hoje os membros do núcleo do Grupo de Oração mantêm contato e comentou que a Cris, quando se trata desse assunto, prefere evitar, porque não foi bom para eles que estavam e o embate maior foi com ela. Ele relatou que ela trabalhava e que pegou seus recursos, deixou o trabalho para ingressar na Comunidade, pensava ainda em abrir uma livraria para ajudar na manutenção, porém não foi algo aceito.

Com a decisão da fundação e da fundadora da obra, a comunidade emergente segue do mês de maio até novembro de 2001 sem efetivação da fundação, enquanto amadureciam a maneira como seria feita.

Então, aos 10 de outubro de 2001, os primeiros membros para a constituição da comunidade, já tendo conversado com o padre pároco do território onde planejavam instalar-se e tendo acertada a questão da fundação da comunidade com o Bira, coordenador diocesano do movimento RCC, uma vez que estavam retirando-se da tutela do movimento para uma organização autônoma, decidiram conversar com o Bispo diocesano do período, Dom Affonso Felipe Gregory (1987-2005). Márcia relatou como se deu essa visita em vista da permissão final para instalação da Nova Comunidade.

[...] nós fomos ao Dom Affonso. Nós fomos com o coordenador [diocesano] da Renovação, o pároco [da Paróquia Santa Rita], Pe. Mário, nós, estávamos eu, Cléo [Clelbiane], Fabiano e tinha mais, acho, umas cinco pessoas que não estão na comunidade hoje: estava a Cris, o Fran, o César, a Carlinha. Fomos pedir a permissão. Já tínhamos falado com o pároco e ele disse que não havia problema de nós nos instalarmos naquele território dele. E falamos com o Bira, que era o coordenador da Renovação [...].

[...] na conversa com Dom Affonso, [...] o Pe. Mário nos apresentou. Disse que estávamos querendo fazer uma experiência de vida comunitária. Dom Affonso olhou... e nós, muito novos, e Pe. Mário foi muito sossegado: “Está aqui quem vai fundar; aqui está o coordenador da Renovação do qual eles deixam o movimento.” O Bira: “Estou de acordo, acompanho eles, eles devem seguir a inspiração que estão.” Aí foi essa bênção de Dom Affonso para nós e a permissão de nós já termos a capela, já deu autorização, perguntou se Pe. Mário confiava em nós e ele disse que sim, que nós éramos pessoas com zelo eucarístico, com responsabilidade, e que podia, sim, estar com a capela em nossa casa (Márcia Sepúlvida, em entrevista ao autor).

Conquanto tenham ido apresentar-se ao Bispo diocesano e tendo sua anuência para a instalação da comunidade, não ficou estabelecido laços próximos com a autoridade eclesiástica, pois, conforme contou a fundadora, estiveram com Dom Affonso apenas uma vez em visita e outros contatos se deram apenas circunstancialmente devido a algumas ocasiões, em que o Bispo os reconhecia e cumprimentava-os, mas não intervia na Comunidade. De acordo com a fundadora: “Acredito que ele [o Bispo] deve ter feito aquela lei de Gamaliel: ‘Se for de Deus, permanece.’ E aí, nós fomos criando as questões de funcionar, de viver e de manter uma vida reta para que não precisássemos ser chamados” (Márcia Sepúlvida, em entrevista ao autor). Quando surgiam situações problemáticas, recorriam ao padre que estava na paróquia em vista de alguma resolução.

Em entrevista, César comentou que esteve nessa reunião e disse que o bispo foi relutante e que parecia não querer a abertura da Comunidade. Nessa mesma ocasião, após uma conversa às portas fechadas com o padre que os acompanhou, pároco da Paróquia Santa Rita, eles

retornaram e o bispo deu seu assentimento, comunicando que a responsabilidade e o acompanhamento caberiam ao pároco.

César disse que lembra bem que o bispo falou: “Vocês não são anjos, não são santos. São homens e mulheres. Como vão morar juntos?” César narrou: “Entendo, hoje, que ele quis dizer que éramos jovens e como isso, morar juntos, seria possível?” De acordo com César, pesou muito para o assentimento do Bispo, além da presença do padre, a presença também dos três casais, embora jovens, mas desejosos de viver em Comunidade. Pelo que ele conta, Dom Affonso estava confuso quanto à proposta da Comunidade, até que alguém fez menção de que seria algo como a Canção Nova, quando, então, ajudou ao Bispo entender a proposta.

É interessante observar o posicionamento concordante e pacífico do coordenador da RCC, nesse início, no processo de secessão da Nova Comunidade com o movimento RCC, antes da visita ao Bispo e resultando nela, de modo sereno. Atinente a isso, Márcia comentou:

[...] falamos com o Bira [...] que nós íamos sair da Renovação, não porque não a amávamos, mas nós íamos, foi essa expressão que nós usamos, abro até um parêntese que nesse processo aí [...] foi muito forte na nossa cabeça, no meu coração, e foi comungado entre nós, e bem acolhido, que nós não éramos pertença de um movimento, que nós somos pertença à Igreja. Esse movimento pertence à Igreja. Nossa conversa com o Bira foi isso: nós amamos o movimento Renovação, só que nós entendemos, nós queremos sair e abrir esse caminho de uma vida. E ele entendeu. Então, nós não tínhamos mais uma ligação com a Renovação. O ruim é que não foi pautado, descrito [essa conversa com o coordenador]. Nós não achávamos que o futuro ia acontecer conosco. Então, com ele, o Bira, foi muito amadurecido. Nós tínhamos essa consciência, nós usamos até a palavra “Rede de Graça” na época. Nem o Papa tinha tocado nesse assunto. Isso em nossa cabeça era muito sossegado, era uma comunhão. Não uma pertença, nesse sentido, que você não sai [...] (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

César comentou que não houve dificuldades na fundação com a coordenação da RCC e disse que o Bira era padrinho da Cléo. Acerca da compreensão de que eles, Nova Comunidade, não eram pertença de um movimento e que pertenciam à Igreja, ressaltando que o movimento RCC pertence à Igreja, Márcia esclareceu que não se tratava de compreender a RCC como sectarista, como uma Igreja à parte, mas referia-se ao tipo de postura das pessoas que estavam à frente. Ela comentou ainda que essa percepção, de que as Novas Comunidades estariam como que roubando o povo da RCC, isto é, estariam retirando pessoas da RCC, trazendo-as para a estrutura das Novas Comunidades, aconteceu em todo o Brasil.

A Nova Comunidade surge dentro do contexto do movimento carismático católico, mas não submetida aos estatutos e diretrizes do movimento, sendo, portanto, uma organização autônoma, embora conservando as características do catolicismo carismático. O diálogo estabelecido pelos membros da Nova Comunidade com a coordenação do movimento expressa

o caminho de comunhão que desejaram fazer, porém não seguiu pacificamente, o que fica marcado já nesse trecho da entrevista quando a fundadora diz: “Nós não achávamos que o futuro ia acontecer conosco”, no sentido de que se soubessem como seriam as relações posteriores, teriam documentado esse diálogo com a coordenação vigente numa tentativa de serem resguardados com a formalização dessa saída da RCC.

Assim, aos 03 de novembro de 2001, aconteceu a fundação da Nova Comunidade *Sim de Maria*, conservando o mesmo nome do Grupo de Oração da RCC presente na Paróquia. Nessa data, foi quando os primeiros membros, que eram seis, fizeram a mudança da casa de seus familiares⁵¹ para a casa da Comunidade de Vida, uma casa alugada, cujo aluguel era mantido por um benfeitor, no bairro Boca da Mata, bairro popular e periférico, localizado na região noroeste da cidade de Imperatriz/MA, limítrofe com os bairros Nova Imperatriz, Santa Rita, Parque Planalto e com o 50º BIS (Batalhão de Infantaria de Selva) do exército brasileiro. Na fundação, também já havia constituída a Comunidade de Aliança com dez membros, dos quais 8 formavam casais e dois eram solteiros.

Quadro 2: Membros na fundação da Comunidade em 2001

Comunidade de Vida⁵²	Comunidade de Aliança
Márcia Sepúlvida	Antônio e Fernanda (casados)
Clelbiane	Francivaldo e Ilzamar (casados)
Fabiano	Rogério e Célia (casados)
Cris	Evaldo e Maritânia (casados)
Antônio	Maria Francisca (solteira)
César	Carlinha [Márcia Carla] ⁵³ (solteira)

Fonte: Márcia Sepúlvida, Clelbiane e Fabiano, em entrevista ao autor (2024).

Carranza e Mariz (2009, p. 149) ao tratarem do surgimento das Novas Comunidades, relaciona-o aos Grupos de Oração e comentam que quem funda o novo agrupamento recebe da RCC o estímulo para o seu crescimento, o que se manifesta no parecer do Bira. Todavia, as relações das coordenações posteriores não foram de apoio e estímulo para a Nova Comunidade, mas sim de conflitos e tensões com perseguição, intimidação, senão, ao menos, indiferença.

Trata-se de uma questão delicada, na perspectiva da fundadora, pois tais tensões ainda atravessam as relações, quando a situação hodierna se refere aos esforços para a assunção de

⁵¹ Em entrevista, César relatou que os pais não aceitavam, porque não compreendiam a realidade da Comunidade de Vida, por isso houve muita dificuldade. Ele contou que o pessoal do bairro via a Comunidade como a Casa dos Artistas (programa de *reality show* do SBT, como já relatado ao exemplo do BBB), devido não entenderem a estrutura.

⁵² A cofundadora relata que havia mais um membro, que era a Kelly, porém um dos membros que estavam na fundação disse que a Kelly não estava na data da fundação, entrando umas duas semanas depois, e que não chegou à primeira missa de consagração.

⁵³ A Carlinha ingressa na Comunidade de Aliança e alguns meses depois passa para a Comunidade de Vida, segundo relato da Clelbiane, porém na primeira missa de consagração já não fazia mais parte.

um caminho de comunhão das diversas expressões no âmbito carismático, inclusive com esforço pontifício ao promover o organismo *Charis*⁵⁴. Para esta pesquisa, os elementos expostos tangem à trajetória e relações nos respectivos períodos e às questões de disputas de poder no campo das relações institucionais e pessoais, excetuando juízo de valor sobre os agrupamentos.

As fortes tensões começaram para a Comunidade *Sim de Maria* a partir da mudança de coordenação da RCC, em janeiro de 2002, quando a nova coordenação que assumiu reivindicou a pertença da Nova Comunidade ao movimento RCC juntamente com os bens adquiridos pelos membros e, como não houve subordinação à reivindicação, foi feito um “acordo” de que a Nova Comunidade deixasse a coordenação do grupo de jovens, que somava mais de quatrocentos integrantes, e que não aparecesse mais para as atividades pastorais e celebrações. Acerca disso, Márcia explicitou:

[...] o coordenador que assumiu em janeiro [2002] disse que não reconhecia nossa saída, que nós éramos pertença e que todos os bens que o grupo tinha era da Renovação e que nós éramos registrados e pertencíamos à Renovação. E aí o que aconteceu nessa época? O grupo que nós coordenávamos, que foi claro no dia dos dizeres que nós íamos deixar, ele disse que era dele, e ele pessoalmente iria assumir. Então ele nos convocou, ficou uma tensão muito forte. E qual foi o acordo? Nós íamos sair, deixar o grupo com ele. Ele não queria nem que avisássemos aos jovens que nós estávamos saindo e para onde estávamos indo. Ele disse: “não subam mais ao altar, não apareçam mais lá. E lá eu toco.” Era um grupo que tinha quatrocentos jovens e em seis meses acabou. [...] Então, enquanto ele esteve no poder da Renovação, eu chamo poder e não coordenar, foi dessa forma (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Atinente a essa questão, César corroborou o relato, dizendo: “a coordenação perseguiu [a Comunidade], medo da perda do Grupo de Oração e do grupo de jovens, na época era um grupo muito grande, com muitos jovens” (César, em entrevista ao autor). O cerceamento da participação dos membros da Comunidade de Vida *Sim de Maria* nas atividades que envolviam a articulação da RCC tirava da Comunidade um efeito de visibilidade que poderia ser maior e que concorreria com o espaço do movimento.

Nesse sentido, a noção de campo conceituada no pensamento bourdieusiano como sistemas sociais nos quais cada agente tem uma posição fixada *a priori* aplica-se a esse dado referente às relações da Nova Comunidade nascente e do movimento RCC. Para Bourdieu (1989), o campo é definido como o local da disputa entre os atores em torno de interesses

⁵⁴ A *Charis* é “um novo corpo de serviço internacional para todas as expressões da corrente de graça que a Renovação Carismática é. CHARIS não é uma associação de fiéis ou uma federação de associações. É um serviço oferecido a todas as realidades carismáticas existentes” (Perguntas e Respostas, disponível em: <https://www.charis.international/upload/documenti/190307114321_8_Perguntas%20e%20respostas%20sobre%20CHARIS.pdf>, acesso em 05 nov. 2023).

específicos que caracterizam o campo em questão, podendo ser definido como o espaço social de relações objetivas.

Considerando o campo como espaço das relações sociais e culturais, Bourdieu apresenta o campo de força e o campo de lutas. O primeiro concerne à construção de um espaço onde “exercem-se de maneira permanente forças potenciais que poderiam permanecer invisíveis enquanto não entramos no espaço em questão e que se exercerão sobre todos aqueles que entram nesse espaço” (Bourdieu, 2021, p. 270). O segundo, por sua vez, refere-se a um “universo dotado de sentido para os agentes que o habitam e dentro do qual se desenrolam ações orientadas por intenções conservadoras ou subversivas que buscam conservar ou transformar o estado da relação de força” (Bourdieu, 2021, p. 271).

Membros da coordenação da RCC, conforme relatado pela fundadora, enviaram carta ao meio carismático de Imperatriz e cidades vizinhas, comunicando que os membros da Comunidade estavam em desobediência, o que lhes resultou hesitação e repulsa no meio carismático. O próprio pároco do território onde a Comunidade estava instalada precisou intervir energicamente em situações diretamente ligadas à atuação da coordenação da RCC em prejuízo da Nova Comunidade e orientou a fundadora com os membros a seguir a vida sem esperar uma relação de comunhão com o movimento.

Em consequência dessa disputa por espaço por parte da Comunidade que não possuía suficiente capital social (Bourdieu, 1998, p. 67) para assegurar-se nos espaços onde já estava e também das incursões por parte de agentes da coordenação da RCC desse período para limitar o seu campo de atuação, Márcia conta que perceberam um horizonte de ação evangelizadora para além daquela da Renovação e a clareza do carisma *Sim de Maria*.

Foi quando nós tivemos esse olhar e fomos pregar em outros mares que não fosse essa linha [da RCC]. Por isso temos essa frase: “Nós vamos aonde a Divina Providência nos mandar”, porque nós aprendemos a pregar com outra linguagem, não só aquela da Renovação, a rezar. Então com isso veio a clareza do nosso carisma, nós conseguimos lidar, rezar, pregar com qualquer tipo de povo (Márcia, em entrevista ao autor).

A estrutura do campo, na ótica de Bourdieu (1996), é dividida em dois polos, a saber, dominantes e dominados. Estes referem-se ao grupo em que há ausência ou pouco capital social específico que determina o espaço em questão, enquanto aqueles concernem aos agentes que detém o máximo de capital social. Atinente à realidade da comunidade nascente, ausente de capital social e simbólico, ela segue sua trajetória fora do campo do movimento carismático, abrindo-se a outros campos.

Márcia relatou que foram quatro anos de marcação cerrada por parte da coordenação do movimento em relação à Nova Comunidade. Situações de intimidação, idas à casa da Comunidade, influências para restringir a participação dos membros da Comunidade em atividades pastorais. O fato mais tenso e perturbador foi a reunião forjada, com a presença de duas pessoas da RCC, para que a fundadora pudesse comparecer e, numa situação de intimidação, pudesse alienar a própria Comunidade para o movimento por meio de assinatura de um documento, o que não aconteceu, pois na ocasião Márcia estava acompanhada da Carlinha, que estava na Comunidade naquele período, e conseguiram sair apressadamente do local ao dissimularem a assinatura do documento, que, logo quando as duas pessoas perceberam, foram atrás delas, sem, no entanto, alcançá-las. Em consequência dessas disputas, durante esses quatro anos, Márcia comentou que perderam benfeitoria para o aluguel da casa e passaram a ter dificuldades quando se tratava de doações para a Comunidade:

[...] Então foram quatro anos dentro dessas circunstâncias inteiras. Nós ainda, querendo ou não, jovens, ainda imaturos, em alguns momentos, nesse sentido, lógico que aquilo abala, né? Porque você vê uma pessoa que tem poderes, que dialogava com muita gente, por exemplo, a pessoa que pagava, que era o benfeitor do nosso aluguel, ele [membro da coordenação] pediu que ela não pagasse mais, a pessoa disse que não tinha mais como ser benfeitora da nossa casa. Nós fomos despejados de casa a pedido. Então, esse tempo inteiro que nós passamos foi esse processo (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Essa situação seguiu até a mudança da coordenação, conforme o relato da fundadora, que contou que a coordenação seguinte não manteve essa postura agressiva, porém manteve uma linha de pensamento seguida da anterior em relação à Comunidade. Essas tensões são atenuadas a partir de 2018, porém, não totalmente dirimidas e reparadas.

Nesse sentido, a Comunidade *Sim de Maria* não se rendeu à dominação simbólica do movimento, declinando do seu propósito inicial, mas manteve-se, não obstante as adversidades, segura de ser uma nova identidade e seguiu adiante, apresentando-se para outras frentes de trabalho de outros grupos que não do meio carismático.

3.3 “Arrebenta com ela”: queda e ascensão de membros na cofundação

A FRATER, em perspectiva eclesiástica católica, traz elementos que caracterizam e distinguem a figura do fundador em relação ao cofundador. Assumindo um discurso de Emmir

Nogueira, cofundadora da Comunidade Católica Shalom, a FRATER expressa a respeito do fundador o seguinte:

É fundador quem recebe um preciso chamado do Espírito para dar vida a uma nova comunidade na Igreja. Sendo a inspiração fundamental o viver de um modo particular o Evangelho, o seguimento de Cristo e um projeto de vida em resposta a determinados sinais dos tempos, com uma específica missão eclesial. A inspiração é como uma iluminação que toma completamente a pessoa e a conduz de modo irresistível, na maioria das vezes, em direção contrária à própria tendência natural, a iniciar uma obra particular. [...] O fundador é aquele que concebe a ideia do instituto com as suas finalidades espirituais, apostólicas, ministeriais. Ele, por causa da inspiração recebida, dá a razão de ser do seu instituto (Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil, 2008, p. 184-185).

Os primeiros seguidores do fundador de uma Nova Comunidade são chamados de *fundadores históricos*⁵⁵, aos quais não se lhes confere “a autoridade espiritual do fundador, no sentido do ‘carisma de fundação’ e ‘carisma de fundador’, nem mesmo do carisma de ‘cofundação’” (Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil, 2008, p. 183).

No que diz respeito à compreensão do(a) cofundador(a), explica-se que:

- a. nem toda fundação (Movimento, Comunidade Nova) tem um cofundador;
- b. o carisma de cofundação é diferente do carisma de fundação;
- c. o cofundador é um “espelho” para o fundador;
- d. há, entre os dois, forte ligação espiritual;
- e. o cofundador não é depositário do carisma de fundação como o fundador;
- f. o carisma de cofundador não está ligado a nenhuma função específica dentro da comunidade (Fraternidade das Novas Comunidades do Brasil, 2008, p. 193).

O cofundador é uma personalidade que possui um carisma diferente, com uma finalidade diferente a serviço da comunidade, e, por isso, não se confunde com o carisma do fundador, é também como o “espelho” para o fundador na medida em que, por meio de sua vida, com suas fraquezas e virtudes, o fundador, dotado de uma graça própria, consegue enxergar e compreender melhor o carisma. Acerca disso, Silva (2023, p. 112) comenta que o(a) cofundador(a) também é “crído(a) como ‘suscitado(a) pelo Espírito’, um outro ‘escolhido’”, “um ‘auxiliar’, que tem uma dimensão menor que a do fundador.”

Na entrevista, Márcia explicou que na ocasião da vigília, quando ela foi eleita fundadora, havia mais pessoas no grupo, porém não foi indicado ou eleito nenhum cofundador, mantendo-se próximo a ela uma das pessoas do grupo, a Cris, a mais velha entre os demais:

⁵⁵ No “Quadro 2: Membros na fundação da comunidade em 2001”, constam 16 fundadores históricos.

[...] quando nós estávamos na Vigília, nós tínhamos mais gente conosco. Mas naquele tempo, de lá não saiu cofundador. Ficou só eu e tinha uma pessoa mais próxima de mim, que era a Cris, mas não tinha essa eleição, essa denominação sobre ela, não tinha sobre ninguém. Mas ela era uma pessoa mais velha até que eu, bem mais madura. E ela fazia essa movimentação dentro da casa (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

A atuação de Cris na Comunidade nascente foi paulatinamente resultando em tensões internas. Márcia falou que inicialmente não conseguia perceber, não tinha consciência do que estava acontecendo, mas depois foi observando algumas atitudes e percebendo que havia alguém de dentro da Comunidade que passava informações para a coordenação da RCC, que ela afirmou ter sido a Cris, e comentou ainda sobre o sentimento de inveja por parte da Cris antes mesmo da efetivação da fundação, só que não se dava conta. Márcia relatou que era chamada de fraca na condução da Comunidade, que a Cris criou problemas perigosos dentro da casa para afetá-la e insistia para que Márcia mandasse o Fabiano, que sempre contradizia a Cris, ir embora da Comunidade. Atinente a isso, a fundadora contou:

Então ela [Cris] começou a dizer que eu era fraca, começou a criar *borbulhões* dentro da casa em relação à minha pessoa, perigosos mesmos. Ela visitou todos os nossos pais, dizendo que os meninos eram escravos. Ela fez coisas horríveis. E aí a gente ficava sem saber quem era que estava fazendo isso dentro da casa [Cléo intervém e diz: “como essas histórias chegavam”] E ela dizia: “tem alguém entre nós, Márcia”. Então era muito perto de mim. “Tem alguém entre nós”. Eu sempre rezei, eu rezo assim: “Senhor, que eu veja as coisas como tu as vê, não para meu privilégio, mas para que eu possa te agradar e executar como tu queres”, minha oração é essa. Então eu sempre rezei e eu comecei a achar aquilo estranho na casa, aquela situação toda (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Inicialmente, Márcia contou que não conseguia ter clareza da situação com a Cris, mas, na estranheza das acusações que chegavam de fora a respeito do que acontecia dentro da Comunidade, passou a desconfiar e atentar-se. Para além da oração para ver a situação com o olhar de Deus, isto é, para ter conhecimento de tudo o que pudesse estar acontecendo, a líder fundadora fica atenta ao seu redor, diante das ameaças que chegavam.

A fundadora relatou que houve uma situação armada pela Cris com mais duas pessoas da Comunidade que lhe eram próximas. Elas estudavam à noite e iam de ônibus para a escola. A armação foi que essa dupla atrasasse e pegasse o último ônibus para voltar para casa, em horário bem mais tarde e que resultasse em um confronto direto com a fundadora. Tratando desse episódio, Márcia narrou:

Ela [Cris] começou a dizer: “Esses meninos estão atrasados, a culpa é tua que não monitora eles, pode ter sido acidente.” Ela criou um negócio... ela ligou para o Socorrão [Hospital Municipal de Imperatriz], ligou para a mãe dos meninos, e eu

assim “não estou vendo nada demais”, mas eu acalmei e tal, e aí nós fomos para o ponto de ônibus esperar esses meninos, porque era perigoso. [...] Aí quando eles descem do ônibus, eu olho que eles descem sorrindo, tal. Nós viemos atrás deles um pouquinho. Aí eu achei estranho aquilo ali. Nós sentamos na sala. Ela: “Márcia, hoje você vai reunir todo mundo e você vai arrebentar com tudinho, você vai brigar com todos.” Aí eu “certo, bora fazer essa reunião”. Só que eu não sou de brigar assim. Eu lembro que em nossa casa tinha uma varanda que dava acesso aos quartos e todo mundo sentou e esperou essa reunião. Eles entraram no quarto e eu fui tomar água, aí me veio aquele negócio “vai por trás”, aí eu fui. Quando eu chego na janela próximo, ela bate na porta e eles abrem, e aí ela diz assim “arrebenta com ela”. Aí eu voltei. Tomei uma água, engasgada. Eu disse: “gente, nós vamos só rezar as Completas e vamos dormir”. Ela olhou pra mim e disse: “Você não vai falar?” E eu disse: “Não, ninguém vai falar nada hoje. Vamos dormir.” Aí eles: “Quero falar”, aí eu: “Não, ninguém vai falar. Vamos dormir.” Aí nós pegamos essa pessoa. Ela foi descoberta nesses atos de maldade (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Márcia disse que Cris era uma mulher segura, madura, articulava muito bem eventos da Comunidade, estando à frente da organização de eventos, e que era bom ter uma pessoa com essas qualidades próxima de si, visto que o fundador não consegue dar conta de tudo, acompanhar tudo, e, por isso, sentia confiança nela, porém Márcia relatou que chegou um momento que Cris se achava muito necessária para a Comunidade.

Diante do episódio descoberto e da conduta de Cris, Márcia disse que começou a confrontá-la, pressioná-la. Diante disso, Cris pediu para sair da Comunidade e prontamente Márcia consentiu, embora parece ter sido uma estratégia de Cris para marcar posição na Comunidade de alguém essencial, que não poderia faltar. Sobre essa situação, Márcia comentou:

[...] chegou um dia, quando eu comecei também a apertar, ela pediu para sair. Aí eu disse ótimo, okay, então pode arrumar suas coisas. Aí ela se viu agoniada. Depois ela quis remediar e eu disse “você vai.” Ela foi embora e tal e pediu depois para voltar. Eu disse “não, você fica aí, não volta mais, não.” Então, nós não recebemos mais ela de volta (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Trata-se de um conflito interno em posição de liderança de duas mulheres, uma em quem recaía oficialmente o carisma de fundação, e outra, autointitulando-se vice-cofundadora – conforme relatou a fundadora – que exercia sua influência sobre alguns membros e sobre pessoas externas à Comunidade, que resultou, depois dessas divergências, na saída de Cris da Comunidade, com o posicionamento decidido da fundadora.

Acerca dessas questões de liderança interna, a partir da perspectiva relatada por Antônio, havia ciúmes entre elas por causa dos membros da Comunidade. Segundo Antônio, “a Cris era muito mais próxima das pessoas [membros da Comunidade]. Ela era quem chamava atenção, chamava para conversar, dava os ‘puxões de orelha’” (Antônio, em entrevista ao autor).

Esse período de tensões internas e, por vezes, intensas decorreu desde a fundação da Comunidade, em novembro de 2001, até outubro de 2002, durando quase um ano. Após um certo tempo da saída de Cris, saiu o Antônio e, logo após, o César⁵⁶, permanecendo, por dois anos, apenas Márcia, Fabiano e Clelbiane, quando depois outros membros ingressaram. Sobre a saída da Comunidade, César comentou:

Quando entra o novo coordenador diocesano [...] gerou uma certa problemática bem no início da nossa fundação. E aí foi quando começou a divergência de opinião, que é normal no procedimento. Porém, quando nós colocamos a Márcia enquanto fundadora, eu, particularmente, inclusive fui uma dessas pessoas com os outros dois que lá estavam, a gente sonhou uma coisa, a gente sonhou algo e começou a ver que não estava bem como nós queríamos, o sonho que nós almejávamos. Daí, então, começou o discernimento se realmente era isso o que queríamos e na individualidade, que é normal também no início de fundação, aquela “será se é por aqui mesmo, é esse o pensamento” e de repente tem aquele desencontro de ideias. Mas a ideia era essa, a princípio vamos juntos, mas a gente percebe que em um certo momento, na nossa visão, dos três que posteriormente se ausentaram, ficou a desejar alguma coisa, mas nada que manchasse ou duvidasse da fundação dela em si. A fundação, a gente sempre acreditou que seria ela mesma a conduzir o povo e tudo, e é aquela história, a convivência vai lapidando as pessoas e quando entra nessa parte do lapidar-se, claro que não tem como, a gente sempre gera uma situação ou outra, mas em momento algum a dúvida de que ela seria a fundadora, sempre muito claro e muito tranquilo dessa realidade dela para conosco [...]. O motivo da saída, de fato, é esse: chegou o momento que acreditávamos que não era aquilo que nós tínhamos sonhado, pensado. Saímos os três juntos, foi saindo um e depois o outro [...]. Para ser sincero, perdemos o encanto, isso é um fato, mas nada que perca a amizade, o carinho (César, em entrevista ao autor).

No relato exposto, faz-se menção tacitamente das tensões “a convivência vai lapidando as pessoas... a gente sempre gera uma situação ou outra” e aponta-se o motivo da saída, sem animosidades, à não correspondência da Comunidade ao que sonhavam, esperavam, ao que pensavam ser.

Essa mesma justificativa foi dada por Antônio quando questionado sobre sua saída da Comunidade: “quando parte para a convivência, percebi que não era o meu chamado para o carisma daquela comunidade” (Antônio, em entrevista ao autor).

Aos 02 de fevereiro de 2003, aconteceu a primeira missa da consagração dos doze membros da Comunidade, três membros de vida e nove membros de aliança, ocasião em que também estiveram presentes alguns membros dissidentes, inclusive a Cris, segundo relato da fundadora e dos cofundadores. Então, a Comunidade estava configurada da seguinte forma:

Quadro 3: Membros na 1ª missa de Consagração em 2003

Comunidade de Vida	Comunidade de Aliança
Márcia Sepúlveda	Antônio e Fernanda (casados)
Clelbiane	Francivaldo e Ilzamar (casados)
Fabiano	Rogério e Célia (casados)

⁵⁶ Conforme o relato de César foi nessa ordem, porém Antônio afirma que foi o primeiro que deixou a Comunidade.

	Evaldo e Maritânia (casados)
	Maria Francisca (solteira)

Fonte: Márcia Sepúlvida, Clelbiane e Fabiano, em entrevista ao autor (2024)

Durante essa missa, os membros de vida e de aliança emitiram suas promessas de consagração para a vida comunitária diante da fundadora e, na ocasião, Márcia contou que chamou Fabiano e Clelbiane, os quais foram anunciados como cofundadores.

Nós entramos em novembro [2001], aí nossa primeira missa foi em 2003. Então nessa missa já veio a cofundação. Aí na missa chamei a Cléo e o Fabiano. [...] às vezes as pessoas diziam assim “Nossa, a Cris era a vice.” Eu dizia: “fundação não tem vice”. Não tem vice-fundador. Então passou esse ano inteiro, mas eu nunca oficializei com ela. [...] Oficialização, quando houve, foi dentro desse período, dessa missa. [...] Eles [Cléo e Fabiano] estavam na fundação, mudaram conosco, estiveram ali o tempo inteiro. E eu conto essa história porque às vezes dizia assim “fulano saiu de lá e era vice”, nunca houve entre nós, em discernimento nenhum, um vice. Internamente, nunca houve esse diálogo. Foi ela [Cris] quem estava se intitulando. Mas de mim, e discernimento nosso, de rezar e tudo, nunca houve (Márcia Sepúlvida, em entrevista ao autor).

Clelbiane, acerca desse fato, contou que ajudou a preparar essa missa e que o padre que presidiu a celebração, que era de congregação religiosa, orientou a forma como poderia ser o andamento da missa, as partes em que eles falariam, a profissão dos votos, a ordem das falas.

Márcia relatou que não havia antecipado a ninguém que pretendia comunicar os cofundadores, que esse fato foi publicizado na própria missa, porém não foi um ato impulsivo, haja vista os cofundadores estavam delineados pela sua própria trajetória na Comunidade, pois, apesar de serem muito jovens, a fundadora os trazia para perto, consultava acerca de questões da Comunidade, não se limitando a ouvir os mais velhos da casa. Inclusive, eram eles que falavam para a Márcia as coisas que aconteciam na casa em sua ausência, quando a Cris ficava responsável, como, por exemplo, mudança no ritmo da casa, alteração de horários.

Na ocasião da consagração dos membros, na missa, estavam presentes todos os membros da comunidade e alguns membros dissidentes. Nesse contexto, Clelbiane falou que Márcia anunciou os cofundadores, ela mesma e o Fabiano, confirmando-os nessa posição e afirma que não havia tratativas anteriores para serem postos como cofundadores:

Em relação à cofundação, foi um susto também, porque eu não sabia. Eu lembro que organizei a missa com o padre, que deu a maneira de nós fazermos a profissão [...] Na hora, a Márcia foi e pegou o microfone e falou: “Gostaria de chamar os cofundadores” – eu estava perto do Fabiano, no banco, e nós dissemos “oxente, quem é?” – “a Clelbiane e o Fabiano”. Nós demoramos levantar. Sabíamos o que era a palavra cofundador, porque já tínhamos ouvido falar de outras comunidades, mas nós não estávamos sabendo que seríamos chamados. Naturalmente – creio que o Fabiano pode pensar também isso – a Márcia sempre nos trazia muito para perto dela, ela gostava

de comunicar tudo sobre a comunidade e perguntar o que pensávamos. Mas nunca pensávamos que um dia fosse se configurar dessa forma. Isso foi uma coisa mais do sentimento da Márcia. Depois, ela perguntou se sentíamos que nós éramos cofundadores e nós dissemos que sim. Então isso se formalizou nessa missa, em nossa primeira missa. Na missa, a Márcia chamou a nós dois e anunciou, não houve tratativa antes para isso (Clelbiane, em entrevista ao autor).

Acerca dessa mesma ocasião, na entrevista com o Fabiano, com uma intervenção da Márcia sobre o fato desse dia, ele comentou:

Em relação aos cofundadores, foi justamente na missa em que a Márcia pegou e, na hora que falou das autoridades, pediu que nós levantássemos e fôssemos para o lado dela, nessa primeira missa. Eu e a Cléo não entendíamos o que estava acontecendo. A Márcia nos chamou e mandou ficarmos e nós ficamos. Ela pediu para professar primeiro e depois fomos nós dois. Quando fomos sentar, ela falou “fica aqui” e colocou-nos lá. [Márcia intervém na entrevista e diz: Agora eu lembrei que o padre falou assim “Quem são as autoridades?” e eu pensei “agora rodou”, por isso foi meio que no improviso, passou na minha cabeça muito rápido, e a pessoa [Cris] estava lá na nossa missa]. Entendeu?! Mas nós não saímos para missa, sabendo que éramos isso [cofundadores], pelo menos eu não sabia, não sei se a Márcia contou para a Cléo, mas eu não sabia [...] (Fabiano, em entrevista ao autor).

Os mais jovens, Fabiano e Clelbiane, que haviam permanecidos na Comunidade, já tendo proximidade e confiança da fundadora, ascendem ao posto de cofundadores, sendo apresentados como autoridades dentro do grupo, os quais, embora o “improviso” da chamada, não foram escolhidos improvisadamente, pois a fundadora comentou, em outro momento, que no dia da primeira missa em que emitiriam publicamente sua profissão, ela havia pensado durante todo o dia em fazer uma apresentação oficial, designando os dois como cofundadores. Pelo que já foi exposto em duas falas em discurso dos membros quando da comemoração do aniversário dos 22 anos de fundação, a presença dos cofundadores na obra é reconhecida e estimada.

Fabiano Ferreira Silva tem 41 anos de idade, nasceu em Imperatriz/MA, possui graduação em Teologia, é empresário, trabalha em construtora que é da Comunidade *Sim de Maria*⁵⁷, é casado com Márcia Sepúlveda. Foi batizado quando tinha três anos de idade, mas sem ter a participação ativa dos pais na Igreja. Entrou na catequese por volta de 8 anos de idade e fez a primeira comunhão aos 10 anos, mas só teve uma participação ativa na vida de Igreja por volta dos 13 anos quando passou a ser catequista e, em seguida, entrou para o Grupo de Oração Sim de Maria. Acerca de sua identidade, ele afirmou: “sou homem, casado, *Sim de Maria*, filho de Deus. Me alegro por ser homem, me sinto realizado, e enquanto *Sim de Maria*, eu me sinto realizado” (Fabiano, em entrevista ao autor).

⁵⁷ A construtora, embora seja dito que é da Comunidade *Sim de Maria*, está registrada em nome do Fabiano.

Acerca de sua atividade na Comunidade, ele se denomina como o *guardião de Nazaré*, aquele que faz um pouco de tudo, que cuida das coisas da sede da Comunidade, chamada Nazaré. Sobre isso, ele afirmou: “Eu sou o guardião de Nazaré [...] Eu toco em tudo, não por uma questão que me é imposto isso, mas como o *Sim de Maria* sou eu, eu não consigo estar aquém das situações [...]” (Fabiano, em entrevista ao autor). Em sua fala, parece haver uma “perfeita simbiose” entre si e a fundadora, desde as origens da Comunidade:

Eu sei que a Márcia é a fundadora. Ela é aquela que sente, mas eu costumo ter para mim pessoalmente o que executa. Ela sente e eu executo. Basta ela olhar para mim, se ela disser “mamão”, eu sei que ela quer. Não é porque somos casados, mas é desde antes, desde os dezoito ou dezenove anos, que eu pedi isso para Deus, que desde aquele dia eu consigo ver, entender, compreender, saber o que está no coração dela e executar daquela forma (Fabiano, em entrevista ao autor).

Embora Fabiano seja o braço executor das inspirações, fica marcado que só é possível a partir das inspirações e desejos da fundadora, que ele disse ter claro dom de percebê-los. A posição que ocupa, cofundador e esposo da fundadora, rende-lhe condições, além daquelas especiais obtidas em oração, de perceber e executar o que a fundadora almeja.

No que diz respeito a ser cofundador, Fabiano explicita:

Eu vejo o cofundador como irmão mais velho. Eu sou irmão mais velho de todos, ou seja, sou irmão como todo mundo. Eu nem aceito que puxem uma cadeira diferenciada para mim. A Márcia, que é a fundadora, não aceita, eu vou aceitar?! [...] Eu faço tudo na comunidade. Por quê? Porque na hora [...] da confusão, o irmão mais velho pega os outros e diz “opa!”, é aquele que chama, puxa e diz “vamos juntar aqui, vamos pensar assim, porque o pensamento é esse, nosso pai está certo, nossa mãe está certo”, mas no meio de todo mundo, eu sou o que mais brinco e conto lorotas (Fabiano, em entrevista ao autor).

O cofundador se considera como um membro entre os outros que goza da experiência de vida como irmão mais velho – não apenas em sentido cronológico, mas como sujeito de maior experiência na Comunidade – alguém que busca manter a unidade diante das dissensões, mas um sujeito jocoso de modo geral. Nos diversos momentos em que estive presente na Comunidade e em outras ocasiões fora da Comunidade, pude constatar um comportamento leve, jocoso e extrovertido do cofundador, sem aquele ar de formalidade ou superioridade, diferente da fundadora que expressa um pouco mais de formalidade e cautela, sem perder a proximidade com as pessoas, e tem atenção cuidadosa dos membros quando fala algo.

Clelbiane Santos de Oliveira, chamada de Cléo, tem 42 anos de idade, nasceu em Imperatriz/MA, possui graduação em Teologia e é solteira. Acerca de sua identidade, em entrevista ao autor, ela declarou: “Sou filha de Deus, mulher, hoje solteira, membro de vida da

Comunidade *Sim de Maria*, cofundadora [...].” Quando Cléo diz a respeito de seu estado civil “hoje solteira”, não se refere que já foi casada, mas trata-se da possibilidade de assumir o matrimônio, indicando uma não assunção da vida celibatária. Atualmente, ela integra a equipe de formação da Comunidade, que cuida do acompanhamento formativo dos membros e se dedica integralmente às atividades da Comunidade.

Cléo nasceu em uma pequena comunidade rural, Coquelândia, no município de Imperatriz, e não vem de família com participação ativa e frequente em vida de Igreja, foi batizada aos seis anos de idade e conheceu os Irmãos Missionários do Campo, uma congregação religiosa de origem francesa que exercia trabalho pastoral em sua paróquia.

A cofundadora contou que saiu da casa dos pais aos doze anos de idade, porque queria estudar em Imperatriz, isto é, na região urbana de Imperatriz, e devido à dificuldade para transporte, ela foi morar com seus padrinhos, cuja madrinha é também tia, que participavam do Grupo de Oração.

Ela relatou que fez a catequese na Paróquia de Santa Rita, onde recebeu a primeira eucaristia, depois começou no Grupo de Oração, primeiramente acompanhando-o, passando em seguida, aos quatorze anos, a participar do mesmo Grupo que a Márcia e Fabiano participavam, pois na paróquia haviam dois grupos de oração, um para adultos e outro para jovens. Cléo falou que conheceu Márcia já no Grupo de Oração onde exercia função de pregadora, liderança, coordenava o ministério de intercessão.

Quando eu conheci a Márcia, ela já estava à frente do grupo, era pregadora, liderança do grupo [...]. A imagem que tenho da Márcia é dela pregando no grupo. Jovem pregando para jovem. Na época, ela coordenava o que chamávamos de ministério de intercessão. [...] A Márcia sempre foi vista como uma pessoa... todo mundo queria chegar perto da Márcia [...] ela se destacava pelo jeito dela, pela diferença do porte físico. Era uma mulher diferente. Ela estava no meio à época entre outros líderes do grupo, mas quando a Márcia falava era o certo a se fazer, o certo a seguir [...]. Quando eu comecei a conviver mais com ela, foi quando comecei a fazer parte da liderança do grupo. Eu entrei no grupo em maio e, mais ou menos, em julho eu já estava inserida em grupo de servos, ministérios (Clelbiane, em entrevista ao autor).

Na trajetória da fundadora e dos cofundadores, em comum estão a proveniência de família com rara frequência ou nenhum engajamento em vida de Igreja, a participação na paróquia de Santa Rita de Cássia, em Imperatriz, onde, na adolescência, encontraram o Grupo de Oração da RCC e o engajamento nesse grupo com posição de lideranças, havendo um destaque maior e reconhecido na atuação de Márcia.

Clelbiane partilhou que conheceu Márcia, porém não tinha proximidade com ela e não sabia que ela tinha o desejo de fundação da obra. A cofundadora contou que tinha um chamado

peçoal, um desejo de ser missionária, porém, devido a formação acadêmica, decidiu ir para Goiânia para prestar vestibular e entrar na faculdade. Isso mudou quando, depois de um telefonema, foi informada que Márcia tinha convidado pessoas para rezar para saber o que era a obra, o que era o Sim de Maria.

Nessa ocasião, Cléo falou que sua mãe voltaria no dia seguinte para Imperatriz e ela havia decidido voltar junto e voltou. A partir disso, tudo o que dizia respeito ao discernimento da obra, ela estava envolvida, tornou-se próxima da Márcia, inclusive contou que foi com ela para Anápolis/GO fazer uma experiência na Comunidade Nova Aliança a fim de ver como era a Comunidade. Cléo comentou que foi interrogada por Márcia ainda nessa fase de discernimento acerca de quem seria o fundador, ao que Cléo respondeu-lhe ser algo claro para si de que seria a própria Márcia, que, mesmo tendo outros líderes, não via outro fundador.

Devido às tensões internas causadas pela divergência de um dos membros da Comunidade na condução da disciplina por parte da fundadora, com o exercício oficioso e paralelo na liderança da Comunidade com parte dos membros, resultando em sua subsequente saída, seguida de parte dos outros membros, os quais não se sentiam correspondidos com o que haviam pensado, restaram a fundadora e dois membros, que, no marco da primeira missa de consagração, tornaram-se, por anúncio formal da fundadora, os cofundadores da obra.

3.4 “Cooperadores na restauração da dignidade dos filhos de Deus”: o carisma e a comunidade

A atração para o agrupamento que configura a Comunidade Sim de Maria gira em torno da crença de que já estava no plano de Deus o carisma Sim de Maria e que em um dado momento foi revelado à Márcia, que responde positivamente, entregando-se ao carisma. Ela é a guardiã e a garante do carisma, que não está revelado totalmente, pois muitas coisas ainda “estão no coração” da fundadora. Em torno desse carisma e por causa dele, com o qual a própria fundadora confunde-se, é que os liderados dão seu assentimento para também vivê-lo, como uma “entrega crente e inteiramente pessoal nascida do entusiasmo ou da miséria e esperança” (Weber, 1991, p. 159).

Quando questionada acerca do que é o carisma Sim de Maria e quando ele surge, a fundadora narrou:

Ele surge quando eu nasci. Eu não posso dizer diferente, porque quando eu vou olhar minha história de vida pessoal, todos esses anseios que hoje eu tenho dentro da Comunidade, eu sempre tive. Eu acho que hoje ele vai tomando rosto, tomando uma forma maior, vai pegando corpo, mas ele sempre esteve. Eu sempre tive isso, que nosso carisma é “somos cooperadores na restauração da dignidade dos filhos de Deus”. Como nós fazemos isso? Gerando Jesus no coração do homem. Quando eu falo dessa dignidade, foi sempre algo que eu mesmo quando criança, sem esse conhecimento dessa palavra, eu labutava por ela, da dignidade desse homem, desse homem estar pleno [...]. Aí quando vem a questão fundacional, ele toma uma forma, ele é traduzido “cooperadores na restauração da dignidade dos filhos de Deus”. Ele se torna traduzido para os demais (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Esse carisma é plasmado na fundação da Comunidade e, com um olhar retrospecto, a fundadora afirma que sua presença se dá desde o seu nascimento “surge quando eu nasci”, como a uma predestinação. Com a fundação, esse carisma passa a ser traduzido e transmitido aos membros.

Questionada acerca dos destinatários desse carisma, a fundadora relatou que não há um campo específico de atuação, por exemplo, crianças, jovens, idosos, doentes, família, mas que o carisma está em vista da pessoa humana, é universal, para todos. Acerca disso, a fundadora afirmou:

Nós agregamos a todos, e é universal, então nós não temos um problema se nós formos em alguma outra nação [...], nós vamos conseguir agregar; em outro costume, nós vamos conseguir agregar. Por isso, esse campo de serviço é amplo, porque o homem, ele tem uma... nós [humanos] somos únicos. Então, como é para todos, às vezes a necessidade desse povo é uma e de outro povo é outra. Nós conseguimos fazer esse serviço, nós conseguimos alcançar dessa forma. É igual em Davinópolis, por exemplo, nós estamos, hoje, rezando e desde o início da fundação eu coloco “nós vamos ter uma escola e um hospital”. Como que fala da dignidade sem essas coisas, né?! E, então, nós estamos olhando isso hoje. Nós gostamos da formação, então isso é muito forte na gente. Então nós vamos vendo, vamos tocando neste homem desde aquele mais polido ao mais indigente (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Nesse sentido, não há um “nicho específico”, como afirmou a cofundadora, referindo-se a outras novas comunidades que possuem um carisma trabalhado em campo específico como TV, comunicação, juventude etc. Há um destaque para o campo da formação, dar formação pelas paróquias, na Diocese, sobretudo após o episcopado de Dom Gilberto, quando membros da Comunidade passaram a integrar coordenações diocesanas depois de um certo período⁵⁸. A

⁵⁸ Em uma conversa quando da primeira visita, foi dito que inicialmente houve algumas dificuldades com o então bispo, Dom Gilberto, logo quando da sua chegada, atribuindo ao fato de que ele havia já estabelecido proximidade com a RCC. Na ocasião, o bispo teria dito que a missão deles era “da ponte para trás”, referindo-se ao território paroquial, apenas no setor da paróquia Santa Rita. Essa situação, pelo relato da entrevista, posteriormente parece ter mudado, citando que a cofundadora consegue estabelecer proximidade, especialmente por sua competência no campo formativo.

dimensão social do carisma traduzido pelas obras sociais de hospital e escola ainda permanece como sonho.

O cofundador foi questionado a respeito do que é o carisma Sim de Maria, ao que ele respondeu identificando-se e confundindo-se com o carisma, remetendo sua origem à Deus e que em um dado momento ele se percebeu chamado e encontrou o carisma para o qual Deus mesmo o criou e gerou. Acerca disso, ele expôs:

O Sim de Maria sou eu. [...] Eu não consigo me ver ou fazer uma divisão e nem separar isso. Eu digo que isso é o carisma. O carisma não tem como separar da pessoa, porque se ele é vontade de Deus, é um chamado que Deus te faz... [...] não é isso aqui que [pegando no sacramental, tipo de insígnia em forma de medalha com a marca da Comunidade, que é recebido na consagração] me faz Sim de Maria [...]. O que me faz ser Sim de Maria é o que está dentro de mim, é ontológico, é o que vem de Deus. Deus me criou e gerou para ser isso. Então eu não posso ser outra coisa (Fabiano, em entrevista ao autor).

Na interlocução com a cofundadora, também ouvimos sua perspectiva quanto à natureza do carisma Sim de Maria, ao que ela relatou, ressaltando que há mais tempo de vida na Comunidade, vivendo o carisma, em relação aos anos anteriores fora da Comunidade.

Para mim, é minha vida. É o que eu sou. Não existe uma separação. [...] O Sim de Maria é minha vida, minha vocação e minha missão. É aquilo que eu sou chamada a viver enquanto missão e é a minha alegria, porque vocação é alegria, falando de uma forma bem vocacional. No sentido existencial, é o que dá sentido à minha vida, eu sou o que sou, graças ao carisma Sim de Maria, a mulher que eu sou (Clelbiane, em entrevista ao autor).

A resposta dos três membros da fundação da obra explicita uma profunda identificação de si mesmo com o carisma, de maneira que eles personificam esse carisma, sendo o que lhes dá sentido existencial, considerando que tudo começa com a experiência da fundadora. Silva (2023) observa que:

Além de crer-se, e de ser crido, como chamado “desde toda eternidade”, o fundador também serve de “sinal inconfundível” para todos os outros que tenham sido predestinados/vocacionados para tal vivência comunitária. Isso deve ser o suficiente para barrar todas as dissidências que, porventura, venham a surgir no corpo comunitário, pois a verdade a ser seguida, segundo creem, está revelada ao fundador (Silva, 2023, p. 54).

Acerca da natureza do carisma, todos os outros membros da Comunidade de Vida participaram da entrevista. São seis mulheres, na faixa etária de 24 a 45 anos, sendo que quatro delas compõe o grupo etário de 24 a 25 anos. Desse grupo, apenas uma possui ensino superior completo, na área de arquitetura, e outra está cursando letras.

Sobre a motivação do ingresso delas na Comunidade, uma entrou em 2003, levada pelo testemunho de radicalidade dos primeiros membros; outra decidiu entrar após o retiro de carnaval da Comunidade em 2022, tendo tido o testemunho anterior de uma amiga de infância que já era membro da Comunidade; as outras quatro ingressaram na Comunidade após a experiência do Maanaim nos anos 2009, 2016, 2017 e 2018, uma delas já conhecia a Comunidade por meio do projeto “Jesus, minha alegria” do dia das crianças, que ela declarou ter participado quando criança.

Quando questionadas sobre “o que é o carisma Sim de Maria?”, os membros da Comunidade de Vida responderam, dizendo:

É essa experiência de todos os dias, mergulhar no mistério do amor de Deus na minha vida e também, todos os dias, de ser restaurada a minha dignidade como filha [de Deus] e também de anunciar para as pessoas essa dignidade (entrevistado 11).

É um divisor de águas e diante desse divisor de águas que a gente tem essa experiência, eu gosto de dizer que é como um rio calmo que tem o seu percurso que é tranquilo, segundo o Espírito Santo, o carisma é essa liberdade que temos em Cristo, porque o mundo prega uma liberdade, que é uma liberdade que na verdade é uma prisão, mas que o carisma Sim de Maria é essa liberdade que o Cristo nos prega através da cruz e da ressurreição (entrevistado 12).

É o sorriso do Pai [de Deus]. Tanto esse sorriso de Deus para mim, o consolo que ele vai me dando, a formação, a santificação, tudo isso que ele vai formando em mim, vai gerando em mim, me fazendo ser cada vez mais filha, mulher, Sim de Maria, mas também esse sorriso que eu sou, esse dom que eu sou, o meu sorriso que não é mais meu, mas é de quem eu encontro também (entrevistado 13).

É a vida! Para mim, é o remédio para a minha vida. Nesse processo de encontrar Deus, o carisma Sim de Maria é o sustento, é o remédio, é a minha cura [...]. É justamente essa expressão de cooperar na restauração da dignidade dos filhos de Deus. Como a minha dignidade estava em pedaços, quando eu conheci o Sim de Maria, foi exatamente isso que eu passei, essa restauração na minha dignidade (entrevistado 14).

Foi o presente de Deus que salvou a minha história, que me deu sentido de vida, primeiramente que restaurou a minha dignidade que estava bem mal. Então, em sentido bem emocional – vamos dizer assim – foi o que salvou minha vida, minha história de vida, que me dá perspectiva de eternidade (entrevistado 15).

É cooperar na restauração da dignidade dos filhos de Deus, gerando Jesus no coração do homem. Para mim, é minha vida, é onde Jesus me salva, é onde me santifico (entrevistado 16).

Os relatos expressam a compreensão do carisma como um momento divisor e transformador dos membros. Uma perspectiva de positiva mudança de vida dos membros ao encontrar e assumir o carisma como consagrados, remetendo sempre a uma iniciativa divina que “salva” a vida para uma autêntica liberdade, diferente do que o mundo prega, “forma” a existência para viver com dignidade de filhos de Deus em vista da eternidade, “cura” a

dignidade ferida e “torna” o membro consagrado expressão do carisma a ser reflexo para os outros.

Também foram entrevistados dez dos vinte e nove membros da Comunidade de Aliança, escolhidos de forma aleatória durante o acampamento Maanaim 2024 – em que estive, como padre, convidado para celebrar a missa com eles e aproveitei o ensejo para conversar com esses membros da Comunidade de Aliança – aos quais foi perguntado como conheceram, como ingressaram e o que é o carisma Sim de Maria. Essa parcela entrevistada concerne a sete homens e três mulheres, cuja faixa etária vai de 26 a 48 anos, sendo o maior número na faixa quadragésima.

Acerca da escolaridade, 90% possui ensino superior completo e todos exercem trabalho profissional, como gerentes de concessionárias, microempreendedores, assistente social, agente de saúde, advogado, bombeiro, professor, pedagoga, motorista, empresário, engenheiro florestal, gerente de academia, social mídia, de modo que alguns exercem mais de uma profissão.

Sobre o conhecimento da existência da Comunidade, 80% dos entrevistados já a conhecia desde a sua fundação, quando eram crianças, no bairro Santa Rita, onde ficava a casa da Comunidade de Vida ou, ao menos, já tinham ouvido falar, e 20% teve seu primeiro contato a partir do acampamento Maanaim.

A participação no Maanaim foi o fator que motivou ao ingresso na Comunidade de Aliança de 70% dos entrevistados, os demais foram motivados pelo vínculo que já tinham com membros da Comunidade de Vida e por acompanhar algumas atividades, como voluntários. Todos os entrevistados ingressaram na Comunidade de Aliança no período de 2011 a 2018, e, à exceção de dois deles que ainda não exercem nenhuma função dentro da Comunidade, os demais desempenham alguma função no interior da Comunidade, no economato, na promoção de eventos, acompanhamento de jovens, acompanhamento de casais, acompanhamento das pessoas que ingressaram na Comunidade e estão em processo formativo (guardião da turma).

Em resposta à indagação sobre o que é o carisma Sim de Maria, os membros da Comunidade de Aliança disseram:

É minha máxima! Em que sentido? Não dá para fazer nada sem o carisma Sim de Maria pelo que a essência dele propõe. O que diz, o que vai estar em nossos estatutos é que: “O que é o Sim de Maria? É a anunciação do anjo à Virgem? Também, mas não é. E o que é? Nós somos cooperadores na restauração da dignidade dos filhos de Deus, destruída pelo pecado, por isso que eu digo que é tão pessoal, é tão íntimo, porque você cooperar na restauração da dignidade, a sua dignidade é primeiro provada, é sacudida, as suas estruturas são abaladas, até você entender que cooperar

na restauração da dignidade dos filhos de Deus, é você tornar-se indigno de estar na presença de Deus, para ser digno de levar a Palavra de Deus (entrevistado 17).

É um revigorar para a sociedade. É muito vivo e muito forte o chamado. O Sim de Maria, para mim, é um divisor de águas, o meu caminho para a salvação (entrevistado 18).

É a salvação. É a salvação da minha vida. Eu cheguei à Comunidade em um momento muito difícil diante de todas as situações pelas quais eu passei, situações mundanas, na verdade. O carisma foi como essa mão estendida que me resgatou, que me levantou e que restaurou a minha dignidade. O nosso carisma é cooperar na restauração da dignidade dos filhos de Deus. A cada dia eu sinto que o carisma primeiro vem restaurando em mim, a minha dignidade de ser filho de Deus, no meu ser homem, para que, através de mim, o Senhor possa fazer na vida de outros [...]. Acredito que o carisma foi despertado no coração da Márcia, inspirado em seu coração, como meio de salvação para muitos que deles se achegarem (entrevistado 19).

É aquele carisma que vai ao encontro da dignidade do homem e restaura a dignidade do homem (entrevistado 20).

É algo bom! É diferente, é muito bom o carisma, é diferente (entrevistado 21).

É o rosto de Deus para o mundo. Então, nós somos convidados a cooperar na restauração da dignidade, gerando Jesus no coração do homem. Então, o carisma restaurou a minha dignidade e tem restaurado ao longo desses anos e me convida também a cooperar para a restauração do próximo. Eu me reconheço dentro desse carisma, eu sou feliz por entender que Deus me plantou nele e me convida a frutificar nele também (entrevistado 22).

É a minha vida. Mudou a minha vida, mudou a minha história. Eu entrei na Comunidade, eu tinha um filho, hoje tenho quatro filhos. É um caminho de santidade, certamente me ajuda, me auxilia nessa caminhada junto à santidade (entrevistado 23).

É o trabalho com a dignificação do homem, na restauração da dignidade do homem (entrevistado 24).

Para mim, tem dois aspectos. Primeiro, para mim: é remédio, é um lugar de segurança e significado, é onde eu me identifiquei e onde eu tenho convicção de que eu posso exercer todos os dons que eu creio que Deus me deu e que eu possa utilizá-los para contribuir com a restauração da dignidade de todos os meus irmãos, também filhos de Deus, que esqueceram que a nossa maior dignidade é ser filho de Deus. Então, o carisma para mim é meu lar, minha casa (entrevistado 25).

Sou eu! Eu sei que é uma face revelada de Deus para nós que jorra diretamente do coração da Márcia, mas o sim dela sou eu e, hoje, eu só estou aqui pelo sim da Márcia. Então, o carisma Sim de Maria sou eu também (entrevistado 26).

O entrevistado 17, em sua resposta, parece remeter que participa da elaboração de um possível estatuto da Comunidade, quando ele expressa uma definição do carisma, o que denota a articulação para uma provável formalização para empreender um processo de reconhecimento.

Nas respostas, o carisma é definido a partir da percepção subjetiva que cada um possui, e não simplesmente uma resposta institucional estabelecida, considerando a forma com a qual cada um foi afetado na experiência desse encontro com o carisma, conquanto a

institucionalidade do carisma permeie cada resposta à medida que os membros fazem referência à definição formal do carisma “cooperadores na restauração da dignidade dos filhos de Deus”.

O carisma é a “máxima” que conduz a vida, é a “salvação da minha vida”, é a “minha vida”, “é remédio, lugar de segurança e significado”, “sou eu”. Uma dimensão terapêutica do carisma está presente naquilo que ele significa para os membros, de maneira que o carisma transformou e dá sentido à vida de cada um deles, sendo-lhes essencial, sua identidade.

O carisma ainda é expresso com “um revigorar para a sociedade”, “vai ao encontro da dignidade do homem” para restaurá-la, “rosto de Deus para o mundo”, “trabalho com a dignificação do homem”. Essa visão expressa o carisma enquanto um bem para a pessoa humana, para a sociedade, uma ótica do que a instituição carismática visa oferecer. Os membros dão testemunho de que encontraram o carisma, que foram restaurados e que devem também ser restauradores de outros que precisam do carisma.

O entrevistado 21 se limitou a dizer que o carisma é algo “bom e diferente”, com certa dificuldade de expressar o que era o carisma para si próprio, provavelmente por ser membro iniciante da Comunidade.

Os entrevistados 19 e 26 recordaram a fundadora como a depositária do carisma por meio de quem Deus revela sua face aos outros que se tornam o carisma, manifestando a fundadora como o alicerce da vocação e da vida comunitária. Acerca disso, Silva (2023, p. 52) considera: “O alicerce da vocação, da vida comunitária e do chamado de todos aqueles que se somam à Comunidade é o ‘chamado primeiro’ do fundador. No seu ‘chamado’, e na sua resposta a ele, estão, segundo se crê, o chamado e a resposta de todos aqueles que se juntarem a ele depois.”

Acerca da influência que o fundador exerce sobre seus seguidores, Silva (2023) afirma:

O aparecimento de *personas* cridas como “carismáticas” nos permite compreender como tais *personas* influenciam formas de ser e estar no mundo a partir de uma gama de seguidores representados como “vacionados”, engendrando e mantendo uma relação emotiva entre aquele que se crê ser o portador do carisma para o qual se é “chamado” e a “comunidade” que surgiu em torno dele, mantendo mesmo uma profunda identificação com sua história, com suas mensagens e com seus ideais, que passam a valer como a “verdade” sobre o mundo e sobre si mesmos (Silva, 2023, p. 56).

O carisma do fundador é a fonte e o alicerce da Comunidade, é aquilo que se acredita que lhe foi revelado, em que seu sim torna-se o sim dos demais membros, de maneira que os sujeitos perdem suas identidades individuais e passam a assumir a identidade da Comunidade, centrada na figura do fundador, conforme expressa Silva:

[...] Há uma espécie de “DNA”, um código “genético” que une cada um dos membros da comunidade a seu líder, ligação essa que expressa o “projeto de Deus”, que existe desde sempre como uma “verdade” acerca dos sujeitos daquela coletividade, pois olhar para cada um deles é olhar para o “carisma”; e olhar para o carisma é olhar para o fundador. Logo, os sujeitos perdem suas identidades individuais para incorporarem a identidade comunitária que está centrada na *persona* do fundador (Silva, 2023, p. 53).

A propagação do carisma, conforme a fundadora, acontece por meio da promoção de eventos da Comunidade. Sobre isso, ela contou:

A maioria dos nossos membros não foram atraídos pela proposta do anúncio do vocacional. Eles foram atraídos pelo anúncio da missão. Tipo, o Maanaim nosso é muito forte para nós, ele é muito profundo, porque é onde a maioria dos nossos membros passaram e a maioria despertou ao carisma. Então, até nisso nós somos diferentes, o nosso carro chefe é a nossa missão, onde nós vamos passando. E tem duas missões muito fortes que é o Maanaim e a outra são esses eventos que fazemos abertos, shows... também movimenta bastante a questão da propagação do carisma (Márcia Sepúlveda, em entrevista ao autor).

Acerca dos eventos que a Comunidade promove, os quais já listamos, Márcia fez referência ao acampamento Maanaim como um dos principais meios de propagação do carisma, que na entrevista dos membros de vida e de aliança se confirmou, sendo um dos fatores mais preponderantes para o ingresso na Comunidade, e ela apontou os eventos abertos onde as pessoas podem mais facilmente ter contato com a Comunidade, como é o caso do musical natalino.

A fim de assegurar a continuidade das revelações que foram conferidas à fundadora, enquanto *profeta*, na ótica weberiana, depois de ter reunido seguidores, forma-se a congregação. Conforme Weber:

A transformação da adesão pessoal em uma congregação constitui, portanto, a forma normal em que o ensino dos profetas entra na vida cotidiana, como função de uma instituição permanente. Os alunos ou os discípulos do profeta tornam-se então mistagogos ou mestres ou sacerdotes ou cura de almas (ou tudo isso em conjunto) de uma relação associativa que serve exclusivamente para fins religiosos: a *congregação de leigos* (Weber, 1991, p. 311-312).

Conforme Silva (2023, p. 57-58), o séquito de seguidores do fundador reconhece nele a posse da revelação profética, a detenção e a materialização do carisma, o qual sua continuidade no tempo depende desse reconhecimento, que legitima o carisma e o imputa como digno de confiança, resultando no mecanismo de submissão e obediência, elementos que constituem a lógica da dominação carismática.

Assim, a partir e embasado no chamado do fundador, na crença de que é um chamado especial, sobrenatural, em que Deus revelou um carisma, outras pessoas se juntarão a ele nesse chamado vocacional, identificando-se com esse chamado e conformando-se a esse carisma.

No que diz respeito ao sustento e manutenção da Comunidade, a fundadora ressaltou que nunca tiveram benfeitores fixos, no sentido de pessoas que mensalmente repassam um valor como doação. Os benfeitores ajudam quando são procurados pela Comunidade em vista da promoção de algum evento ou ainda ajudam por alguns meses e depois cessam a ajuda.

Outra fonte de recursos é a chamada partilha de bens feita pelos membros de aliança, porém não há uma porcentagem ou valor exato de repasse, de modo que essa partilha não supre a manutenção mensal da Comunidade. No passado, a Comunidade tinha uma serralheria que, depois, tornou-se uma construtora e está consolidando-se no mercado. Essa construtora é um outro segmento, com outro CNPJ, está em nome do cofundador e é administrada por ele, repassando 20% de sua receita mensal para a Comunidade. Além disso, a realização dos eventos também ajudam na captação de recursos para a manutenção da Comunidade.

A Comunidade tem três baluartes, que são os santos patronos da obra e nos quais buscam inspirar-se como modelo de vida de santidade. Santa Rita de Cássia foi a primeira, pois, conforme relatou a cofundadora, uma Comunidade irmã, em oração, falou que a Comunidade tinha uma intercessora no céu, referindo-se a Santa Rita e a fundadora havia citado que Santa Rita seria a patrona da obra devido ao seu amor a Deus e fé diante dos sofrimentos, sem jamais desistir. Além disso, deve-se recordar que a trajetória da fundadora e dos cofundadores deu-se na paróquia cuja padroeira é Santa Rita de Cássia, sendo, pois, uma relação de devoção já na raiz de suas vidas engajadas na Igreja. O segundo baluarte discernido e escolhido pela fundadora foi São Francisco de Assis pela sua radicalidade evangélica e destinos na evangelização. O terceiro e mais recente foi Santo Agostinho, invocado como testemunho de uma fé inabalável.

Nesse sentido, na fórmula da profissão de consagração se reza assim, fazendo menção aos três baluartes: “...Sendo destemíveis na evangelização como São Francisco de Assis, amante da Santa Cruz como Santa Rita de Cássia e de uma fé inabalável como Santo Agostinho, pais espirituais de nossa Comunidade...” Esses três santos integram o programa formativo dos membros, com livros específicos sobre eles, sobre sua história de vida e obras, bem como suas festas são celebradas de forma comunitária.

3.5 “O sim que me move: é o sim de Maria! O sim de Maria: é o sim que me move!”: a iniciação de novos membros

Em alguns eventos em que eu estive presente, como o Maanaim, o retiro de Carnaval, bem como algumas atividades que acompanhei em publicações de vídeo nas páginas da Comunidade *Sim de Maria*, notei um bordão de motivação que é enunciado por um dos membros aos participantes do evento os quais respondem euforicamente: “O sim que me move? *É o sim de Maria!!! O sim de Maria? É o sim que me move!!!*” Esse bordão ressoa aos participantes e promove a propaganda do carisma da Comunidade como motor propulsor de suas vidas.

Aqueles outros que ouvem falar ou que tomam contato com o carisma por meio de seus membros e dos eventos promovidos são convidados a fazer a experiência do encontro com Jesus Cristo, por meio desse carisma, e, com isso, a mudança de vida. A Comunidade tem um procedimento de acolhida dos indivíduos desejosos de viver esse estilo de vida, que, ao modo de um processo de iniciação, constitui-se de tempos e ritos de passagem de forma gradativa, configurando uma comunidade de vida, na perspectiva de Berger e Luckmann (2004b):

As comunidades de vida são caracterizadas por um agir que se repete com regularidade e diretamente recíproco em relações sociais duráveis. Os integrantes depositam uma confiança institucional, ou firmada em outra coisa, na durabilidade da comunidade. [...] Algumas comunidades de vida podem formar-se por uma adaptação de vida à continuidade das relações sociais, que originalmente não eram previstas para se prolongar, e outras requerem uma iniciação. Os exemplos disso são Ordens religiosas que se constituem ao mesmo tempo como comunidades de sentido, leprosários, lares de idosos e prisões (Berger; Luckmann, 2004b, p. 27-28).

Para Berger e Luckmann (2004b, p. 28-29), essas comunidades de vida pressupõem um mínimo de comunhão de sentido. No caso da Comunidade *Sim de Maria*, que não se trata de uma comunidade institucionalizada pela força, a discordância em certos estratos de sentidos pode gerar problemas para si, pois o sistema de valores prevê que a comunidade de vida e de sentido sejam idênticas, ou seja, que todas as pessoas, vivendo em comunidade, sejam perfeitamente concordes no modo de experimentar e de agir, de modo que toda discordância de sentido pode desencadear crises de sentido na comunidade.

Destarte, o processo de iniciação à Comunidade *Sim de Maria*, que é comum nas Novas Comunidades, corresponde àquilo que Berger e Luckmann (2004a, p. 184-185) designam como socialização secundária, isto é, “a interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições”, a introdução do indivíduo em um mundo social específico, situação divergente

daquilo que eles chamam de socialização primária, em que ocorrem processos pelos quais a criança se transforma em um membro participante da sociedade e desenvolve progressivamente a sua identidade pessoal.

Com esse processo de interiorização de um “submundo” institucional ou de mundo social específico, busca-se formar consciência, não apenas como interiorização dos comandos e proibições de uma ordem moral advindas, nesse caso, do carisma, mas, antes, como produção de sentido de um novo estilo de vida, transformando o sujeito em um novo sujeito, com nova identidade, conferindo-lhe outro *status* na comunidade e, com isso, um novo *modus agendi*.

De acordo com Berger e Luckmann (2004a, p. 228), a identidade é um elemento-chave da realidade subjetiva, razão pelo qual encontra-se em relação dialética com a sociedade. Nesse sentido, a identidade é formada por processos sociais, por meio de processos de interação com os outros indivíduos. Para esses autores, a identidade, uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais.

No caso da realidade da Comunidade *Sim de Maria*, embora haja a crença de que essa identidade exista desde o nascimento dos sujeitos chamados, ela é uma identidade adquirida pelo indivíduo em fase posterior de sua vida, pois é o agrupamento que acolhe o indivíduo o qual obtém essa identidade comunitária, por meio de um esforço pessoal e espontâneo e de um processo de interação com o grupo, de maneira que só depois que uma identidade é confirmada pelos integrantes da Comunidade, é que se pode tornar-se real para o indivíduo ao qual pertence (Berger; Berger, 1977, p. 212).

Conquanto seja considerado o encontro do indivíduo com o carisma Sim de Maria como um renascimento e a suposta tomada de ciência de que ele sempre existiu dentro de si e em um dado momento foi encontrado, gerando uma visão diferente de si e do mundo, um acontecimento de redenção, o indivíduo pede para entrar em um processo de aprendizagem, onde vai aprender a se configurar a Jesus Cristo, isto significa assumir em si a figura/imagem de Cristo por meio do estilo de vida cristão, por meio desse carisma, da forma como foi revelado para a fundadora e transmitido pela fundadora, confrontando aquilo que o sujeito traz consigo de vivências. Nesse sentido, refere-se a um processo que vai tratar com uma personalidade já formada e um mundo já interiorizado, de modo que “sejam quais forem os novos conteúdos que devam agora ser interiorizados, precisam de certo modo sobrepor-se a esta realidade já presente” (Berger; Luckmann, 2004a, p. 187).

Esse processo de iniciação, ao propor a formação em várias dimensões, contribui com uma ressignificação das vivências do próprio indivíduo, de modo que o faz perceber o mundo errante no qual vivia pelas suas escolhas e que, a partir da descoberta do carisma, foi-lhe

devolvida a sua dignidade, produzindo no indivíduo um novo sentido da vida e uma nova identidade. O sentido, aqui, refere-se à “consciência de que existe uma relação entre as experiências” (Berger; Luckmann, 2004b, p. 15).

Considerando os relatos dos membros de vida e de aliança que afirmam que o carisma é sua vida, sua salvação, que foram restaurados pelo carisma, encontrando sua dignidade, identificando-se propriamente com o mesmo carisma, os sujeitos assimilam esse ideal de vida e se dispõem a vivê-lo, em um processo iniciático de reconstrução da própria identidade pessoal. Atinente a isso, Carranza e Mariz (2009) afirmam:

Arrisca-se, portanto, sugerir que as *novas comunidades* no cenário católico cumprem a função de ordenador e de esteio existencial, disponibilizando a seus membros elementos para reconstrução da identidade pessoal. Observa-se ainda que, mediante ritos de iniciação (aspirantado, postulante) e formação prévia (noviciado), se acompanha e se supervisiona o processo de discernimento vocacional – que não deixa de ser um controle das intenções dos candidatos que, submetidos pela obediência, renunciam à sua autonomia pessoal – dos simpatizantes das *novas comunidades* que se inserem em grupos mais reduzidos, qual sejam as comunidades de Vida e as comunidades de Aliança (Carranza; Mariz, 2009, p. 146-147).

Durante a entrevista com a fundadora e os cofundadores, perguntei sobre a organização interna da Comunidade, o seu funcionamento, a estrutura estabelecida no processo de acolhida de novos membros, visto que ainda não há um estatuto ou regra de vida que direcione essas questões. Foi-me dito que estavam organizando um texto para o Estatuto da Comunidade.

3.5.1 Organização interna e modalidades de recrutamento

Sobre a organização interna, a fundadora e os cofundadores disseram que já há um plano, uma organização, um ritmo da Comunidade, de maneira que as coisas não mudam conforme a vontade de um ou outro. Perguntei se eu poderia ter acesso a essas diretrizes internas e, na ocasião, disseram que me disponibilizariam. Solicitei algumas vezes essa minuta das diretrizes ao que sempre ficavam de enviar-me, porém não me foi enviado. Em uma das últimas solicitações, foi-me enviado uma síntese do que seria esse plano interno, porém com poucas informações, ao que solicitei algumas informações e até a conclusão da pesquisa não me foram repassadas.

Diante dessa situação, levantei duas hipóteses. A primeira é que pode ser que não havia propriamente um plano interno devidamente organizado e que eles tentariam elaborar para entregar, a partir inclusive de questões colocadas pela própria pesquisa, mas não conseguiram

fazer em tempo da conclusão da pesquisa. Assim, o que pode haver claro são os direcionamentos estabelecidos, mas não sistematizados, sobretudo na dimensão do *habitus*, de maneira que é algo já vivido por quem já é membro e transmitido aos que ingressam, sem necessariamente a publicação de um diretório interno, um regimento.

A segunda hipótese é a hesitação quanto a dar a conhecer integralmente a estrutura e o funcionamento da Comunidade, com as orientações e os conteúdos para acolhida dos membros e acompanhamento formativo, ainda que tenha sido garantido o uso apenas para o estudo e a apresentação de sua estrutura geral, salvaguardando quaisquer outras informações. A hesitação pode ser tanto pelo fato de expor a estrutura e funcionamento da Comunidade, bem como o seu conteúdo programático, considerando essa fase “carismática” inicial, em desenvolvimento, em estruturação da obra.

Embora esse plano não tenha chegado às minhas mãos, busquei garantir, por meio das entrevistas, a compreensão da estrutura e do funcionamento da Comunidade no processo de recrutamento de novos membros e aproveitei as informações dispostas na síntese que foi enviada.

A Comunidade é organizada internamente a partir das seguintes funções: fundadora e moderadora geral; guardião geral; conselho geral; formação geral; e administração-financeiro. Não se detalha quem hoje ocupa qual função, embora a fundadora e moderadora obviamente seja a Márcia; o guardião geral, pelo que foi relatado na entrevista, é o cofundador; a cofundadora exerce função na formação geral, e, em uma entrevista, a fundadora comentou que os setores são compostos por consagrados. Porém, não são dadas maiores indicações de quantidade de pessoas nesses setores e como devem funcionar.

Tratando-se da acolhida e formação de novos membros, a Comunidade “busca abranger toda a dimensão da pessoa humana, tendo em vista ser a **dignidade humana** ponto central a ser trabalhado na nossa vocação e nossa missão na vida da Igreja” (Síntese do plano de formação da Comunidade Sim de Maria, 2024). Em vista disso, na formação são trabalhados temas que abrangem as seguintes dimensões: formação humana; eclesiológica e doutrinal; social; carisma; espiritualidade; e comunitária.

De acordo com a síntese do plano de formação (2024) que foi apresentada, essas dimensões: “são efetivamente trabalhadas dentro da espiritualidade, vocação e missão específica da nossa Comunidade”, de maneira que, pelo carisma, os membros aprendem a viver como filhos e filhas de Deus e da Igreja.

Esse plano de formação expressa que o fim de toda a formação da Comunidade é a maior dignidade do homem, que é ser filho de Deus. Assim, pretende-se “levar o membro à

experiência contínua de filiação, tendo como objetivo real uma profunda configuração com Cristo, em quem nos tornamos filhos de Deus”, “conduzir o membro a uma experiência pessoal com Cristo, pela **vivência do Carisma e sentido de pertença eclesial** levando-o ao **amadurecimento humano e santificação pessoal**” (Síntese do plano de formação da Comunidade Sim de Maria, 2024).

A formação proposta está em vista de formar a pessoa humana para um estilo de vida cristã na ótica do carisma revelado por Deus à Márcia. A vivência do carisma e a pertença eclesial devem conduzir o membro a uma experiência pessoal com Cristo, resultando em seu amadurecimento enquanto pessoa humana e sua santificação pessoal enquanto cristão, encontrando e vivendo a dignidade como filho de Deus. O objetivo é que os membros aprendam a viver como filhos e filhas de Deus. Segundo a síntese do plano de formação (2024), esse processo formativo é acompanhado pelo formador geral, formadores e guardiões, limitando-se a essas informações.

Há um membro da Comunidade de Vida que cuida da promoção vocacional, embora seja um aspecto que está em revisão na comunidade, pelo que foi informado. Somando aos eventos que a Comunidade promove, a promoção vocacional mais específica vai às paróquias para trabalhar com jovens, casais, realiza momentos de louvores, pregação, formação, atendimento pessoal, de maneira que a fundadora acredita que a presença e as atividades da Comunidade apresentam o rosto do carisma às pessoas.

Para a acolhida de novos membros, conforme declarado pela fundadora em entrevista, exige-se que sejam maiores de idade, que tenham concluído o ensino médio, ou caso não tenha concluído, são mantidos na primeira fase, o vocacional, e pedem que tenham uma experiência de trabalho secular, isto é, que já tenham exercido alguma atividade profissional. Assim, inicia-se o processo de acompanhamento e formação do que enseja fazer parte da Comunidade seja de vida, seja de aliança.

A seguir, descreverei as etapas do processo formativo gradual dos novos membros, conforme comunicado, em entrevista, pela fundadora e cofundador. A nomenclatura referente aos tempos – fases – é designação minha para apresentar o itinerário formativo. Chamarei de simpatizante aquele que se interessou pela Comunidade; aspirante, aquele que foi aceito pela Comunidade para ser acompanhando no discernimento vocacional; e, membro, aquele que emitiu as promessas. Embora não tenha sido feita essa distinção em nomenclatura, mas, para melhor compreensão dos tempos, preferi assim estabelecer, uma vez que, como foi afirmado pela fundadora e cofundador, a pessoa só passa a ser membro após a emissão das promessas para a vida comunitária, que acontece após o tempo do pré-discipulado.

O simpatizante à vida consagrada deve escrever uma carta para a Comunidade na qual deverá apresentar-se, relatar como conheceu a Comunidade e quais as razões por que quer fazer parte e, então, solicitar para que seja acompanhado. Sendo aceito, inicia-se o primeiro tempo do processo formativo, que é o vocacional.

O *vocacional* é o tempo em que o simpatizante, depois de ter sido aceito, torna-se formalmente um aspirante à vida consagrada. Nesse período, ele ainda não é membro e nem mora na Comunidade (caso seja aspirante da comunidade de vida), mas é ensinado a viver como um membro. Esse período dura em torno de um ano a um ano e meio, podendo estender-se, excepcionalmente, até dois anos.

Após a conclusão do vocacional, há um “rito de passagem” para o próximo tempo formativo. Esse rito é uma missa em que o aspirante emite um compromisso por um ano e torna-se membro. A fórmula textual desse compromisso já está estabelecida na Comunidade. Na entrevista, perguntei se esse rito deveria ser sempre na missa ou se poderia acontecer em outro momento de oração, como a liturgia das horas, ao que foi respondido que deve ser durante uma missa.

Com isso, inicia-se o segundo tempo, o *pré-discipulado*. Nesse tempo, os aspirantes são acompanhando com um itinerário formativo, tutelado pela equipe de formação e por um guardião, que é um membro consagrado designado para acompanhar as turmas em processo de formação, segundo relatou um membro da comunidade de aliança, que exerce essa função. Esse tempo dura um ano para os aspirantes da comunidade de vida, que pode se estender até dois anos, e, para os aspirantes da comunidade de aliança, dura dois anos, podendo ser estendido até três anos. A razão de os aspirantes da comunidade de vida terem um tempo menor que os de aliança é que eles já moram na Comunidade e são acompanhados cotidianamente.

Após a conclusão do *pré-discipulado*, há uma missa na qual ocorre o ingresso do aspirante à Comunidade, marcando oficialmente sua acolhida como membro da Comunidade. Nesse rito de passagem, acontece a emissão das promessas por parte do membro para viver em Comunidade e dá-se início ao terceiro tempo.

No *discipulado I*, dá-se continuidade no processo formativo já estabelecido pelas linhas gerais do plano formativo da Comunidade, pelo menos o que foi dito em entrevista. Esse tempo dura um ano para os membros de vida e de aliança. Após a conclusão desse terceiro tempo, acontece a missa com a renovação das promessas, na qual o membro passa ao próximo tempo.

O quarto tempo é o *discipulado II* em que o membro é acompanhado no processo formativo por mais um ano tanto para ser membro de vida como para ser membro de aliança, sendo que esse tempo pode ser repetido por mais um ano e é concluído com a chamada missa

de consagração, em que os membros emitem as promessas para se configurarem a Cristo. Nessa ocasião, o membro consagrado recebe o sacramental, uma insígnia de identidade de pertença da Comunidade aos que são consagrados.

O sacramental, como explicado pela cofundadora, é uma medalha de prata com um “S” em formato do rosto e busto de Maria, simbolizando o Sim de Maria e o que Maria gerou; no ventre, simbolicamente no meio da letra “S”, o cristograma “Xp” (letras do alfabeto grego: “X”, chi, e “p”, rho), as duas primeiras letras do título *Χριστός*, que significa *Cristo*; acima da letra “S”, um símbolo do Espírito Santo, aludindo à perícopa bíblica “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus” (Lc 1,35), referindo-se à concepção de Maria. Para segurar a medalha, uma corrente também de prata, como sinal da consagração à Virgem Maria pelo método de São Luís Maria de Montfort, pendurada no pescoço, simbolizando aqueles que se dobram diante da sabedoria encarnada. Na imagem 1 (p. 42), é possível ver a fundadora e os cofundadores utilizando o sacramental.

Com essa missa de consagração, o membro torna-se consagrado. Após isso, anualmente deve renovar sua consagração, em uma missa em que os membros da comunidade se reúnem e a fundadora acolhe a renovação. A emissão dos compromissos e promessas são sempre públicas, isto é, feitos diante da fundadora da Comunidade. Não há ainda a profissão perpétua, mas, conforme a fundadora, é seu desejo ter⁵⁹. Esses membros consagrados, saídos da formação inicial, entram na formação permanente, isto é, “processo contínuo de formação (os Consagrados), nos seus respectivos estados de vida (casados, solteiros, celibatários)” (Síntese do plano de formação da Comunidade Sim de Maria, 2024).

Na conclusão de cada tempo, em que a pessoa passa para o tempo formativo seguinte, sempre ocorre uma missa na qual cada sujeito manifesta sua vontade por meio da fórmula textual estabelecida na Comunidade, que muda conforme aquilo que a pessoa está pedindo para viver em cada tempo.

Percebe-se um processo de iniciação único e gradativo por meio de um itinerário estabelecido pela Comunidade, que pode divergir de outras Novas Comunidades, conforme eles relataram, em que cada tempo é iniciado após um rito de passagem que é a emissão dos compromissos ou das promessas, realizado sempre em uma missa, diante da fundadora.

⁵⁹ Como a fundadora é viva, implica dizer que o carisma ainda está em fase de estruturação, isto é, que ainda não foi rotinizado e pode ser renovado diante da vontade do fundador, diante de novas revelações. Acerca disso, Carranza e Mariz (2009, p. 153) também comentam.

Esse processo, que visa o encontro com Cristo por meio do carisma e o sentido de pertença eclesial, colaborando na vivência cristã de membro, pressupõe que o sujeito seja cristão católico e tenha recebido os três sacramentos da iniciação cristã católica: batismo, crisma e eucaristia. Aos membros de aliança que forem casados, exige-se o matrimônio religioso.

Os membros de aliança têm encontro semanal para convivência fraterna, oração comunitária e momento de formação, separados por turmas. Na comunidade de aliança, atualmente há duas turmas de consagrados, uma turma de discipulado e uma de pré-discipulado. Além desse encontro semanal, há encontros de seus respectivos apostolados, referente aos trabalhos que cada um exerce.

Os membros de vida têm uma rotina que compreende desde o despertar as laudes (oração da manhã da liturgia das horas), em seguida uma hora e meia de oração pessoal e estudo da Palavra de Deus, adoração eucarística pessoal uma vez na semana, distribuídos os membros para cada dia, tendo assim adoração diária na Comunidade. Há também costume da oração nas refeições, celebração da Palavra de Deus, tendo em vista que não há padres que possam celebrar a Eucaristia diariamente, e as completas (oração da noite da liturgia das horas).

Atualmente a Comunidade *Sim de Maria* possui três grupos de oração, a saber: Juventude Sim de Maria, com um trabalho voltado aos jovens; Casais, para o acompanhamento dos casais; e a Turma do Sim, grupo que trabalha com crianças e adolescentes.

Em vista de tudo o que foi exposto, percebemos que a fundação da Comunidade *Sim de Maria* é fruto do amplo processo de recomposições do catolicismo com efetivo protagonismo leigo, fruto do Concílio Vaticano II, cujas fontes remetem à atuação da Renovação Carismática Católica na Diocese de Imperatriz, em um período de pujante expansão. Sua constituição é resultado de um processo de relações sociais de pessoas que planejaram a obra e elegeram sua fundadora, atravessada por processos de disputas de espaço e de poder com lideranças do próprio movimento do qual estavam retirando-se.

Márcia Sepúlveda é a personalidade que articula as primeiras reuniões, formando seu eventual séquito, a fim de pensar a obra, resultado de seu contato com a Comunidade Nova Aliança, além de seu proeminente e reconhecido caráter de liderança pelos demais membros do Grupo de Oração. A Nova Comunidade recebe o nome de Sim de Maria, devido ao Grupo de Oração que se chamava Sim de Maria, porém o Sim de Maria no carisma é equivalente ao Sim de Márcia, pois todos os outros vieram pela sua fundação, pelo “sim” que ela deu ao chamado que acreditam ter sido movido por Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme expusemos nesta pesquisa, a queda contínua do contingente católico no país no último século, agravada nas últimas décadas, e o crescimento de outros segmentos do campo religioso, sobretudo evangélico, é uma realidade incontestável, gerando processos de disputas a partir do pluralismo nesse campo, resultando em estratégias da Igreja Católica para reter a evasão de fiéis e atrair novos adeptos.

O Concílio Vaticano II, em suas deliberações em torno da atuação do laicato, resultou em aberturas significativas para que os leigos pudessem articular-se e exercer atividades de maneira mais autônoma em relação à hierarquia, de modo que as associações de fiéis se tornam uma realidade cada vez mais operante e pujante no interior do catolicismo, como é o caso da Renovação Carismática Católica.

Ao reconhecer e aprovar a Renovação Carismática em seu interior, a Igreja Católica acolhe a expressão do movimento religioso pentecostal, não exclusivo do catolicismo, mas abrangente a outras expressões religiosas, sobremaneira no meio evangélico, de modo mais incisivo no pentecostalismo e neopentecostalismo.

As Novas Comunidades são produtos do pentecostalismo católico já em larga escala pelo país e uma realidade presente e atuante em Imperatriz/MA, indicando a efetivação do processo de recomposições e diversificação no interior do catolicismo em contexto local, onde a Comunidade de Vida e de Aliança *Sim de Maria* emerge como expressão dessa realidade.

A presença dessas novas associações católicas em Imperatriz pode parecer tímida, considerando as oito novas comunidades encontradas e a soma de seus 233 membros para o tamanho geográfico e populacional da cidade de Imperatriz, bem como da circunscrição eclesiástica local. Todavia, ao considerarmos que seis delas surgem a partir dos anos 2000, e cinco são mais recentes ainda, já do final dessa década e do final da década de 2010, percebemos que a presença e atuação dessas associações são recentes e seguem em expansão.

Ainda que seja uma jovem Comunidade de Vida e de Aliança, a Comunidade *Sim de Maria* agrega, em relação às outras comunidades, significativo número de membros de vida e de aliança, sobretudo quando consideramos que sua atuação ainda se mantém local.

A abordagem feita sobre o atual cenário da Igreja Católica quanto ao declínio de adeptos, à perda de hegemonia e pluralismo religioso, e às dinâmicas de recomposições e diversificações internas possibilitou avaliar o ambiente pululante para os movimentos e novas comunidades, como observou-se acerca da origem da Comunidade *Sim de Maria*. Novos elementos para análise a esse respeito deverão surgir quando forem publicados os dados do IBGE 2022 referentes ao indicador religião. Esta foi uma limitação para a pesquisa no sentido de não poder oferecer uma amostra atualizada desse campo de pesquisa, devido ao atraso do censo e, conseqüentemente, da organização e publicação dos dados daquele indicador.

Relevante também foi a análise da pentecostalização católica em nível regional e local como parte do próprio processo de novas dinâmicas contemporâneas do catolicismo para depreender as nuances e atuações da Renovação Carismática, tendo por referência as deliberações do Concílio Vaticano II que provocou na vida da Igreja uma revisão em suas estruturas para melhor dialogar com o mundo moderno, resultando na revisão da compreensão e atuação do laicato, possibilitando surgimento de movimentos eclesiais e diversas fundações.

Todavia, o panorama geral apresentado acerca da RCC no Nordeste e no Maranhão careceu de mais dados estatísticos, entrave decorrente da escassez de informações sobre o movimento. De fato, percebemos e confirmamos que não há base de dados na organização da RCC e que esse movimento tem dificuldade de articular sua própria base de dados, mesmo organizando-se com secretarias e ministérios em sua estrutura no Brasil, assim como também as pesquisas acadêmicas atinentes a esse campo são basicamente inexistentes.

A análise dos condicionantes sociais do surgimento e institucionalização da Comunidade *Sim de Maria*, objetivo principal desta pesquisa, foi realizada satisfatoriamente a partir dos dados obtidos das entrevistas e da observação participante, de modo que percebemos efetivamente os meandros da trajetória da fundação da Comunidade e suas estratégias para estabelecer-se no campo religioso local, diante das disputas no interior do próprio movimento carismático, bem como compreendemos os mecanismos de recrutamento e os processos de socialização para tornar-se membro.

Apuramos que a fundação da Comunidade não ocorreu de forma mansa e pacífica e que, mesmo sendo fruto da Renovação Carismática, não teve a “bênção” do movimento e nem a tutela da hierarquia, senão incursões e perseguições por parte de lideranças do movimento, precipuamente nos primeiros anos de fundação, revelando fortes tensões e disputas pelo retorno da Comunidade ao movimento e a sua resistência para assegurar a fundação, além das disputas pela liderança no interior da própria comunidade entre aquela que fora eleita e reconhecida

portadora do carisma e aquela outra que exercia oficiosamente a autoridade, evidenciando as questões sócio-políticas nas relações tanto internas quanto externas.

Observamos e confirmamos o exercício da dominação carismática exercida nas relações sociais com os membros, os quais possuem uma visão extracotidiana da fundadora, tendo-a como uma líder enviada por Deus com um distintivo a ser vivido e manifestado, que é o carisma próprio, a identidade carismática revelada, ser *Sim de Maria*, e percebemos que o discurso dos membros sobre a fundadora reforça a perspectiva da sua predestinação, ao qual os demais membros se veem e se autocompreendem como parte dela. Avaliamos também o contexto em que a fundadora estava inserida para observar os mecanismos sociais, políticos e culturais que fizeram dela líder com o reconhecimento e aprovação dos liderados.

A Comunidade, por meio do processo de iniciação, seleciona os sujeitos que manifestam desejo de fazer parte, mas que tenham as qualidades para tanto, assim como busca formá-los para garantir que assumam a identidade carismática, percebendo-se também como vocacionados por Deus. Não encontramos uma sistematização burocrática desses processos, com seus tempos/fases, nem base de dados do atual funcionamento da Comunidade, embora haja uma certa organização. Pareceu-nos que ela caminha para a fase de burocratização, no desejo de organizar-se para solicitar reconhecimento diocesano, ao pensar e começar a trabalhar na elaboração de estatutos e regra de vida. Há, no entanto, aquelas estruturas estruturadas preconizadas por Bourdieu que garantem o funcionamento e a reprodução da estrutura da Comunidade aos novos sujeitos.

Na fase conclusiva da pesquisa, soubemos que houve uma baixa no quantitativo de membros da Comunidade de Vida com a saída de dois membros consagrados, sendo um deles o cofundador, resultando em sete membros de vida, totalizando, então, trinta e oito somados os membros de aliança. Para além das especulações sobre os fatores que resultaram na saída do cofundador, mantendo nosso foco no objeto de estudo que é a Comunidade em si, evidencia-se que aquela sua posição segura da identidade e vivência do carisma e do posto que ocupava no interior da Comunidade não era inexorável.

Diante da percepção de que a Comunidade deixou de expressar aqueles elementos carismáticos nas missas, como momentos efusivos penitenciais e orações em línguas, antes mesmo de a pesquisa começar, ao menos observada naquelas que o pesquisador presidia, e no andamento da pesquisa assim se manteve, confirmamos que a Comunidade optou por reservar esses elementos mais próprios do carismatismo para seus outros momentos de oração, entendendo que a missa não seria o lugar mais oportuno de expressá-lo, a não ser que algum sacerdote que presida a missa, motive algum desses elementos. Nesse sentido, o

posicionamento da Comunidade quanto às missas chamadas de cura e libertação é de afastamento, não sendo uma prática no interior da Comunidade e nem em participação pelas paróquias, negando, inclusive, convites para conduzir momentos dessa natureza.

Em maio de 2024, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou uma análise de conjuntura eclesial intitulada *Novas Comunidades: integração e cooperação à ação evangelizadora*, elaborada pela equipe do Instituto Nacional de Pastoral Padre Alberto Antoniazzi (INAPAZ), organismo técnico de assessoria teológico-pastoral, vinculado ao secretariado geral da CNBB. A análise começa apresentando o método utilizado e aborda o tema das transformações no *ethos* religioso brasileiro atual, considerando-o dentro do processo de secularização da sociedade brasileira, acelerada nos últimos decênios, caracterizada pela desinstitucionalização e individualização, e levanta questão se as Novas Comunidades são expressão desse *ethos* em transformação.

Essa análise de conjuntura indica o crescimento das Novas Comunidades no Brasil e admite a dificuldade de estudos objetivos sobre as Novas Comunidades, pois “os existentes, em sua grande maioria, tendem a trazer as marcas existenciais de seus autores e autoras: são ou aficionados ou decepcionados em relação às novas comunidades” (CNBB, 2024). A análise observa ainda as Novas Comunidades e sua relação com a hierarquia e o recente magistério eclesial e faz notar a necessidade de engajamento das Novas Comunidades nas paróquias em uma vivência da comunhão dentro de uma pastoral de conjunto e também destaca as questões em torno do processo de iniciação à vida cristã e à iniciação enquanto adesão à Comunidade, por vezes confundindo-se.

Percebemos a própria Igreja Católica interessada no estudo do fenômeno das Novas Comunidades e os entraves para isso devido a ausência de estudos objetivos, acadêmicos sobre esse campo. Nesse sentido, assim como nos propusemos, este trabalho contribuiu com a pesquisa científica regional acerca da presença e atuação da Renovação Carismática e das Novas Comunidades, abrindo caminhos para o aprofundamento deste objeto de estudo. Com efeito, trata-se de uma realidade ainda pouco explorada academicamente e que pode oferecer diversos fatores de pesquisa no campo da sociologia da religião.

Quando do contato com os fundadores ou responsáveis pelas Novas Comunidades, recebemos convites para conversar e conhecer melhor outras fundações, como também encontramos hesitação e questionamentos por parte de outras fundações mais recentes quanto à comunicação dos dados de fundação e de membros, de maneira que percebemos um campo aberto para novas pesquisas, em contexto local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAMPAMENTO MAANAIM – 2022. Disponível em: <<https://comunidadenovaalianca.com.br/acampamento-maanain/>>, acesso em 25 jun. 2024.
- ALBERIGO, G. (org.). *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, v. 15, n. 3, p. 92-101, 2001. Disponível em: <https://biblio.fflch.usp.br/Montero_P_1791936_TransitoReligiosoNoBrasil.pdf>, acesso em 13 set. 2023.
- ALMEIDA, Ronaldo R. M. de; MONTERO, Paula. O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas. In: RATTNER, Henrique (org.). *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 325-339.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. *Uma avaliação da prévia do censo 2022 para o Brasil, regiões e Unidades da Federação*. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/625367-uma-avaliacao-da-previa-do-censo-2022-para-o-brasil-regioes-e-unidades-da-federacao-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves>>, acesso em 19 ago. 2023.
- ARAÚJO, Victor. *Surgimento, trajetória e expansão das Igrejas Evangélicas no território brasileiro ao longo do último século (1920-2019)*. Disponível em: <https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/cem_na_midia_anexos/NT20.pdf>, acesso em 10 nov. 2024.
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL INDUSTRIAL E SERVIÇOS DE IMPERATRIZ. *Centro de Convenções*. Disponível em: <<https://www.aciima.com.br/servicos/centro-de-convencoes/>>, acesso em 20 mar. 2024.
- AVELAR, Maria Carmen Castanheira. Concílio Vaticano II: novo horizonte para o diálogo da Igreja com o mundo moderno. *CREatividade – Revista da Cultura Religiosa – PUC Rio*. Rio de Janeiro, RJ, ano 2019, n. 2, p. 47-59.
- AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*. Salvador: Edufba, 2002.
- BACH, Maurizio. Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber. *Sociologia & Antropologia*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 51-70, 2011.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia. *Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>>, acesso em 24 ago. 2023.
- BARBOT, Janine. Conduzir uma entrevista face a face. In: PAUGAM, Serge (coord.). *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 102-123.
- BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BELLITTO, C. M. *História dos 21 Concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2010.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 200-214.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro: ISER, v. 21, n. 1, p. 9-23, abr. 2000.

BERGER, Peter. *Dossel Sagrado*. Buenos Aires: Amarratu Editores, 1971.

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade, rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. São Paulo: Vozes, 2017.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre, Edusp/Zouk, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia geral, vol. 2: habitus e campo: Curso no Collège de France (1982-1983)*. Petrópolis: Vozes, 2021.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

CÂMARA, Fernando. *A Diocese do Maranhão e o seu tricentenário*. Disponível em: <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1977/1977-DioceseMaranhaoTricentenario.pdf>>, acesso em 13 mar. 2024.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo: PUC, ano 8, p. 9-47, dez. 2008.

CAMURÇA, Marcelo A. O Brasil religioso que emerge do CENSO de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 63-88.

CAMURÇA, Marcelo. Sombras na catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o holismo da Teologia de Leonardo Boff e Frei Betto. *Numen*, v. 1, n. 1, p. 65-80, 1998.

CARNAVAL 2024. Disponível em: <<https://diocesedeimperatriz.org.br/carnaval-2024-mais-de-12-retiros-catolicos-na-diocese-de-imperatriz/>>, acesso 13 set. 2023.

CARNEIRO, Júlia Dias. *Nordeste e Sul são últimos 'bastiões' católicos do Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120629_mapa_religioes_jc>, acesso 15 mai. 2024.

CARRANZA, Brenda. Modus Operandi Político de evangélicos e católicos: consolidações e inflexões. *Debates do NER*, v. 2, n. 32, p. 87-116, 2017.

CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009. p. 33-58.

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília Loreto. Novas comunidades católicas: por que crescem? In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009. p. 139-170.

CENSO Demográfico IBGE 1970. Disponível em: disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t5_ma.pdf>, acesso em 29 jul. 2024.

CENSO Demográfico IBGE 1980. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n7_ma.pdf>, acesso em 29 jul. 2024.

CHAUVIN, Sébastien; JOUNIN, Nicolas. Observação direta. In: PAUGAM, Serge. *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CIAMPI, Helenice. O terror na história: o mito segundo Mircea Eliade. *Revista de História*, São Paulo, v. 51, n. 102, p. 751-763, 1975.

CODEX IURIS CANONICI. Romae: Typis Polyglottis Vaticanis: MDCCCCXIV.

COMSIMDEMARIA. Disponível em: <<https://www.instagram.com/comsimdemaria/>>, acesso em 27 jun. 2024.

COMUNIDADE Nova Aliança comemora 20 anos. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/comunidade-nova-alianca-comemora-20-anos/>>, acesso 18 mar. 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14)*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes para o Diaconado Permanente no Brasil*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Guia Litúrgico-Pastoral*. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Novas Comunidades: integração e cooperação à ação evangelizadora*: análise de conjuntura eclesial – Maio de 2024, Brasília, p. 1-20, 2024.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Paulinas, 1994.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Cerimonial dos Bispos (Cerimonial da Igreja). São Paulo: Paulus, 1988.

CONSTITUIÇÃO Lumen Gentium sobre a Igreja. In: SANTA SÉ. *Concílio Vaticano II - Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. História recente do catolicismo no Brasil: identidades em confronto. *Encontros Teológicos*, Florianópolis: FACASC, ano 19, n. 1, p. 91-107, 2004.

DECRETO Apostolicam Actuositatem sobre a apostolado dos leigos. In: SANTA SÉ. *Concílio Vaticano II - Documentos*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

DIOCESE of Imperatriz. Disponível em: <<https://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dimpe.html>>, acesso em 24 jul. 2024.

DIOCESES do Maranhão recebem visita de assessores da CNBB. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/dioceses-do-maranhao-recebem-visita-de-assessores-da-cnbb/>>, acesso em 10 mar. 2024.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FARIA, José Henrique de. Weber e a Sociologia das Organizações. *Revista de Administração*, [São Paulo], v. 18 (2), abril/junho, 1983, p. 23-29

FIALHO, Joaquim. A construção da identidade social e profissional através da ação das redes de sociabilidade laboral. *Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes*, v. 14, n. 1, jan-jun. 2017.

FRANCISCO. *Antiquum Ministerium*. Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio* (10.05.2021). Brasília: Edições CNBB, 2021.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139 -152, 2004.

FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL. *Novas comunidades: Primavera da Igreja*. São Paulo: Canção Nova, 2008.

FROMM, Erich. *Ter ou Ser?*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

FUSCO, Wilson; OJIMA, Ricardo. *Censo Demográfico 2022: reflexões iniciais sobre a região Nordeste*. Disponível em: <<https://demografiaufrn.net/2023/07/12/censo-demografico-2022-reflexoes-iniciais-sobre-a-regiao-nordeste/>>, acesso em 15 mai. 2023.

G1. *50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>, acesso em 24 ago. 2023.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. *Método e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOMES, Sandro dos Santos. *As Novas Comunidades Católicas: rumo a uma cidadania “renovada”?* Dissertação de Mestrado (Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupo focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, v. 12 (24), p. 149-161, 2003.

GUIMARÃES, Maria Clara. *Renasem 2024 promoveu um revigoramento espiritual em seminaristas de toda a região do Nordeste do país*. Disponível em: <<https://arquiocesedeteresina.org.br/2024/07/18/renasem-2024-promoveu-um-revigoramento-espiritual-em-seminaristas-de-toda-a-regiao-do-nordeste-do-pais/>>, acesso em 20 jul. 2024.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

IBGE. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>>, acesso em 15 mai. 2024.

IBGE. *Tabela 137 – População residente, por religião. Variável – população residente – percentual do total geral*. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>>, acesso em 19 ago. 2023.

ISER. *O tamanho institucional da Religião no Censo do IBGE*. Disponível em: <<https://iser.org.br/noticia/o-tamanho-institucional-da-religiao-no-censo-do-ibge/>>, acesso em 15 mai. 2024.

JOÃO PAULO II. *Código de Direito Canônico*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

JUNIOR, Eduardo Brandão Lima; et al. *Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa*. *Cadernos da Fucamp*, v. 20, n. 44, p. 36-51, 2021.

JUNIOR, Fernando Altemeyer. *RESUMO – Dados eclesiais da Igreja Católica no Brasil – data: 21/04/2022. Disponível em: <*

https://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2022/04/dados_episcopado_brasileiro_fernando_alt_j_r.pdf>, acesso em 11 set. 2023.

KOCH, R. Carisma. In: BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967.

KONINGS, Johan; MORI, Geraldo L. A evolução da Igreja Católica no Brasil à luz de pesquisas recentes. *Horizonte*, v. 10, n. 28, p. 1208-1229, 2012.

LEONEL, Guilherme Guimarães. Campo religioso brasileiro na contemporaneidade: continuidades, descontinuidades, transformações e novos ângulos de análise. *Interseções*, Rio de Janeiro: UERJ, v. 12, n. 2, p. 382-407, dez. 2010.

MACHADO, Carly. Novos movimentos religiosos, indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 145-163, 2010.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas e São Paulo: Autores associados e ANPOCS, 1996.

MAFFI, Bruno. “*Pois a promessa é para vós...*”: 1969-2019, os 50 anos da Renovação Carismática Católica no Brasil. s.l.: RCCBRASIL, 2019.

MARANHÃO – NE5. Disponível em: <<https://diocesedeviana.org.br/maranhao-ne5.html>>, acesso em 20 mar. 2024.

MARCIAL Maçaneiro, currículo lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5326985041969045>>, acesso em 25 abr. 2024.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Movimentos eclesiais católicos e modernidade: uma igreja em transformação. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 857-897, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MIRANDA, Júlia. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Nucleo de Antropologia Política, 1999.

MIRANDA, Júlia. Convivendo com o “Diferente”: Juventude Carismática e Tolerância Religiosa. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 117-142, 2010.

MOVIMENTOS. Disponível em: <<https://diocesedeimperatriz.org.br/movimentos/>>, acesso em 13 set. 2023.

NERI, Marcelo Cortês (org.). *Novo Mapa das Religiões*. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.

NETO, Renato da Silveira Borges. Os Movimentos eclesiais contemporâneos e Comunidades Novas: Características fundamentais. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 42, p. 563-586, 2012.

NOSSA História. Disponível em: <<https://www.cmdavinopolis.ma.gov.br/cidades/cidades/>>, acesso em 10 out. 2024.

NOVAS COMUNIDADES. Disponível em: <<https://diocesedeimperatriz.org.br/novas-comunidades/>>, acesso em 13 set. 2023.

OLIVEIRA, Arilson. Secularização e mercado religioso em Peter Berger. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 4, n. 7, p. 7-26, jul. 2012.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. O mergulho no Espírito de Deus: interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 85-112, 2004.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. *Sinfonia inacabada: Segredo, imaginação e a comunidade de vida Canção Nova*. Tese (doutorado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

OSSERVATORE ROMANO. *Continúa el crecimiento de los católicos en el mundo, 1.378 millones en 2021*. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/es/vaticano/news/2023-03/anuario-pontificio-estadistica-iglesia-mundo-2023-libreria.html>>, acesso em 7 set. 2023.

PADRE ZEZINHO. *A verdade é bem maior*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/padre-zezinho/291090/>>, acesso em 06 nov. 2023.

PANTOJA, Vanda; COSTA, Moab Cesar Carvalho. Faces do pentecostalismo brasileiro: A Assembleia de Deus no Norte e Nordeste. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 245-271, jul-dez. 2013.

PASCOM – DIOCESE DE IMPERATRIZ. *Ícone do 15º Interclesial das CEB's é acolhida na Diocese de Imperatriz*. Disponível em: <<https://diocesedeimperatriz.org.br/icone-do-15o-interclesial-das-cebs-e-acolhida-na-diocese-de-imperatriz/>>, acesso em 13 set. 2023.

PERGUNTAS E RESPOSTAS, disponível em: <https://www.charis.international/upload/documenti/190307114321_8_Perguntas%20e%20respostas%20sobre%20CHARIS.pdf>, acesso em 05 nov. 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PROCOPIO, Carlos Eduardo Pinto. Catequistas, artistas ou socialmente engajados: as formas de inserção política do catolicismo carismático. *Caminhos*, v. 16, n. 1, p. 113-126, jan-jun. 2018.

PROCOPIO, Carlos Eduardo Pinto. Renovação Carismática Católica e Espaço Público – Aportes Teóricos. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Ano 2, v. 5, p. 300-318, dez. 2008.

QUEM somos. Disponível em <<https://comunidadenovaalianca.com.br/2024/02/28/quem-somos/>>, acesso em 18 mar. 2024.

RCC BRASIL. Disponível em: <<https://novoportal.rccbrasil.org.br/>>, acesso em 15 mar. 2024.

RCC MA. Confira os retiros de carnaval pelo Maranhão. Disponível em: <<https://www.rccma.com.br/confira-os-retiros-de-carnaval-pelo-maranhao/>>, acesso em 21 mai. 2024.

RCC O que é RENASEM. Disponível em: <<https://renasemsp.wordpress.com/o-que-e-o-renasem/>>, acesso em 23 mar. 2024.

RENOVAÇÃO Carismática Católica – Imperatriz. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rccimperatriz>>, acesso em 20 mar. 2024.

RODRIGUES, João. *Festival Minha Vida tem Sentido começa neste sábado*. Disponível em: <<https://imirante.com/namira/imperatriz/amp/2017/02/23/festival-minha-vida-tem-sentido-comeca-neste-sabado>>, acesso em 20 mar. 2024.

ROSA, André Luís da. Pentecostalismo católico: Histórico e espiritualidade. *Revista Unitas*, v. 5, n. 1, p. 13-29, 2017.

SAHIUM, Pedro Fernando. Os múltiplos altares da modernidade. *Caminhos*, v. 20, n. 1, p. 259-265, jan-abr. 2022.

SANCHIS, Pierre. O Repto Pentecostal à Cultura Católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, Alberto Antoniazzi et al. *Nem Anjos nem Demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 34-63.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

SBARDELOTTO, Moisés. “Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”: o Catolicismo plural. Entrevista especial com Faustino Teixeira e Renata Menezes. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/28849-%60%60muita-reza-e-pouca-missa-muito-santo-e-pouco-padre%60%60-o-catolicismo-plural-entrevista-especial-com-faustino-teixeira-e-renata-menezes>>, acesso em 15 mar. 2024.

SECOM CNBBNE5. *Retiros espirituais: confira a programação pelas dioceses do Maranhão*. Disponível em: <<https://www.cnbbne5.org/post/retiros-espirituais-confira-a-programa%C3%A7%C3%A3o-pelas-dioceses-do-maranh%C3%A3o>>, acesso em 21 mai. 2024.

SELL, Carlos Eduardo. Poder instituído e potência subversiva: Max Weber e a dupla face da dominação carismática. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 33, n. 98, p. 1-16, 2018.

SELL, Carlos Eduardo; MONIZ, Jorge Botelho. A reconfiguração do catolicismo no Brasil no contexto da secularização. *Estudos de Religião*, v. 37, n. 1, p. 5-14, jan./abr. 2023.

SILVA, Daniel da. *A vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo: um estudo histórico-teológico*. 2015. 125f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Emanuel Freitas da. “Irradiar o sopro do Espírito sobre o mundo”: Sentidos da pesquisa sociológica no catolicismo carismático. *Revista Relegens Thréskeia*, V. 09, n. 02, 2020, p. 176-198.

SILVA, Emanuel Freitas da. *A carismática constituição de uma autoridade racional: um estudo sobre a comunidade católica Shalom*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SILVA, Emanuel Freitas da. A problemática sociológica do carisma: a definição weberiana, apropriações sócioantropológicas e um estudo de caso a partir da noção conceitual. *Revista Inter-Legere*, [S. l.], v. 2, n. 24, p. 137–165, jan./abr. 2019.

SILVA, Emanuel Freitas da. *Carisma e renovação da tradição católica em Fortaleza*. Fortaleza, CE: Fundação Waldemar Alcântara – FWA, 2023.

SILVA, Williams Souza. *Diálogos antropológicos*. Disponível em: <http://www.gerts.org.br/2016/01/geertz-clifford_21.html>, acesso em 16 fev. 2024.

SIM DE MARIA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/comsimdemaria>>, acesso em 27 jun. 2024.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos socio-históricos da Renovação Carismática Católica. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 23, n. 37, p. 216-241, jul./dez. 2009.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. Catolicismo brasileiro: um painel da literatura contemporânea. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 277-301, mai./ago. 2018a.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. Catolicismo contemporâneo: a guisa de introdução. *Caminhos*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 4-13, jan./jun. 2018b.

SOUSA, Anderson da Silva. *Pentecostalismo católico no Brasil: a Renovação Carismática Católica na cidade de Imperatriz – MA (1990-2010)*. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História e Geografia, Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão. Imperatriz, 2016.

SOUSA, Ronaldo José de. *Comunidade e sociedade informacional: o fenômeno comunitário contemporâneo a partir da Comunidade Midiática Canção Nova*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (Paraíba), 2010.

SPIESS, Marcos Alfonso. A crise das vocações pós Vaticano II: reflexões a partir da reprodução social do clero catarinense. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 41-57, jan./jun. 2016.

STEIL, Carlos Alberto. *Catolicismo no Brasil e decréscimo numérico e o vigor das práticas*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009.

STEIL, Carlos Alberto. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José, Porto Alegre (RS). *Religião & Sociedade*, v. 24, n. 1, p. 11-36, 2004.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 23, ano 12, p. 354-393, jan./abr. 2010.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 223-243, jul. 2013.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 17-30.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. Catolicismo plural: uma introdução. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-14.

ULRICH; FABRÍCIO; VAZ. Um catolicismo em mutação: práticas sacramentais e desafeição religiosa observadas a partir da Paróquia São Sebastião, Diocese de Teófilo Otoni – MG. *Religare*, v. 16, n. 2, p. 636-658, dez. 2019.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos. *Globalização e Religião*. Petrópolis: VOZES, 1997. p. 43-62.

VIEIRA, Willian. *Affonso Felipe Gregory (1930-2008): Um olho na cuia e o outro no rebanho*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0908200822.htm>>, acesso em 10 nov. 2024.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. V. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WERNZ, Francisco Xav.; VIDAL, Petri. *Ius Canonicum*. Tomus II De Personis. Editio Tertia. Romae: Pontificia Universitas Gregoriana, 1943.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM A FUNDADORA

Perfil geral

Nome completo:

Idade:

Profissão:

Formação Acadêmica:

Exerce alguma atividade remunerada? Se sim, em qual área?

Dedicação exclusiva para a Comunidade? Se não, quantas horas por dia se dedica aos trabalhos da comunidade.

1. Quem é a Márcia Sepúlveda?
2. Quando começou sua vida cristã?
3. Participava da vida paroquial? Grupo de Oração da RCC?
4. Como aconteceu o “chamado” inicial para o estilo de vida consagrada?
 - a. Como surgem os cofundadores?
5. O que é o carisma *Sim de Maria*?
6. Como acontece a propagação do carisma?
7. Como foi a organização da fundação comunidade?
8. Como foi o acompanhamento da comunidade pelos padres da paróquia?
9. Como se deu o contato com o Bispo diocesano e seu consentimento?
10. Como foram as relações entre a nova comunidade e o movimento RCC?
11. Qual a trajetória de estabelecimento da sede da comunidade?
12. Como se organizou o Estatuto e a Regra de Vida? Quais as linhas gerais de funcionamento ou as diretrizes para a organização interna (direcionamento e divisões das funções)?
13. Como são acolhidos os aspirantes à vida consagrada na Comunidade (Quais os critérios de seleção e recrutamento de novos membros)? E como acontece o acompanhamento para os membros de vida e membros de aliança?
14. Quais os principais desafios da comunidade?
15. Qual a principal fonte de renda da comunidade para seu funcionamento, realização das atividades e manutenção local?

APÊNDICE B – QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM OS COFUNDADORES

Perfil geral

Nome completo:

Idade:

Profissão:

Formação Acadêmica:

Exerce alguma atividade remunerada? Se sim, em qual área?

Dedicação exclusiva para a Comunidade? Se não, quantas horas por dia se dedica aos trabalhos da comunidade.

1. Quem é Fabiano – Clelbiane?
2. Quando começou a vida cristã?
3. Você participava da vida paroquial? Grupo de Oração da RCC?

4. Como aconteceu o “chamado” para assumir o carisma?
5. O que é o carisma *Sim de Maria*?
6. Como foi sua participação na origem do carisma?
7. Qual sua atividade no interior da comunidade?
8. Quais os principais desafios da comunidade?

APÊNDICE C – QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM OS MEMBROS DE VIDA

1. Qual seu nome e idade?
2. Quando conheceu a comunidade?
3. Quando entrou na comunidade?
4. Antes de entrar na comunidade, o que você fazia? Estudava, exercia alguma profissão?
5. O que chamou atenção e motivou você a entrar para comunidade?
6. O que é o carisma *Sim de Maria*?

APÊNDICE D – QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM MEMBROS DE ALIANÇA

1. Qual seu nome e idade?
2. Qual sua profissão? Estuda?
3. Quando conheceu a comunidade?
4. Quando entrou na comunidade?
5. Exerce algum cargo na comunidade?
6. O que é o carisma *Sim de Maria*?

APÊNDICE E – QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM OS MEMBROS FUNDADORES HISTÓRICOS DISSIDENTES

1. Qual seu nome?
2. Como se deu a fundação da Comunidade *Sim de Maria*?
3. Por que você via Márcia como fundadora?
4. Qual o papel da Cris no início da Comunidade, por que ela saiu?
5. Por que você resolveu deixar a Comunidade?

APÊNDICE F – QUESTÕES PARA ENTREVISTA COM PARTICIPANTES DO MAANAIM 2023

1. Qual seu nome e idade?
2. Qual sua religião?
3. Como foi o encontro do Maanaim e como você vivenciou?